



Universidade Federal do Rio Grande
Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Nível Mestrado



TRANSIÇÃO UNIVERSIDADE-MERCADO DE TRABALHO: SENTIDOS
ATRIBUÍDOS POR FORMANDOS

Graziela Silva Rodrigues

RIO GRANDE

2021



Universidade Federal do Rio Grande
Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Nível Mestrado



TRANSIÇÃO UNIVERSIDADE-MERCADO DE TRABALHO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS
PELOS FORMANDOS

Graziela Silva Rodrigues

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra Geruza Tavares D'Avila

RIO GRANDE

2021



Universidade Federal do Rio Grande
Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Nível Mestrado



Graziela Silva Rodrigues

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

TRANSIÇÃO UNIVERSIDADE-MERCADO DE TRABALHO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS
PELOS FORMANDOS

Banca Examinadora

Profª. Dra. Geruza Tavares D'Avila– FURG (Orientadora)

Profª. Dra. Beatriz Schmidt– FURG

Profª. Dra. Tânia Regina Raitz – PPGE – UNIVALI/SC

Ficha Catalográfica

R696t Rodrigues, Graziela Silva.

Transição Universidade-Mercado de Trabalho: sentidos atribuídos
pelos formandos / Graziela Silva Rodrigues. – 2021.
141 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Rio Grande/RS,
2021.

Orientadora: Dra. Geruza Tavares D'Avila.

1. Transição 2. Universidade 3. Mercado de Trabalho 4. Inserção
Profissional 5. Orientação Profissional e de Carreira I. D'Avila, Geruza
Tavares II. Título.

CDU 159.9:331.5

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

AGRADECIMENTOS

A realização do mestrado não era algo que estava nos meus planos de recém formada, mas foi uma daquelas coisas “inesperadas”, que trazem frio na barriga e se tornam uma surpresa boa!

Tenho a agradecer pelo que me tornei nessa trajetória, fico feliz em ver as habilidades que desenvolvi e o caminho que percorri e muito disso devo às pessoas que venho aqui agradecer.

Queria agradecer a minha orientadora! Considero-me extremamente sortuda, na falta de uma palavra mais refinada. Lembro de ouvir algumas experiências de outras pessoas sobre a relação de orientador-discente na pós-graduação e isso ser algo que me gerava certo nível de preocupação. Mas a Geruza Tavares D’Avila acolheu minhas ideias, me orientou em como colocar no papel, me mandou infinitas referências, me deu autonomia de como queria desenhar meu estudo, corrigiu de forma assertiva meus erros, validou minhas habilidades me propondo atividades além da escrita, incentivou ampliar meu projeto de vida. Então, obrigada, certamente você contribuiu muito, através das trocas de conhecimentos e tornando este processo mais confortável, seguro e otimista.

Queria agradecer aos professores de forma geral, pelos ensinamentos e construção da minha formação. Ainda mais por esse desafio de dar início ao PPGPsi na universidade, me sinto lisonjeada por fazer parte dessa história compondo a primeira turma do programa. Mas em especial a professora Simone dos Santos Paludo, em idealizar e coordenar essa criação.

Agradeço também aos amigos/família pelo apoio, por acreditar e por muitas vocês assumirem o papel de revisor do que eu escrevia. E pela compreensão nos dias de maior estresse ou que passava falando disso.

Aos meus colegas pelas trocas, estímulo e compartilhar sentimentos ao longo do

processo. Infelizmente nossos encontros presenciais foram limitados a um semestre até sermos atropelados pelas readaptações da pandemia, mas felizmente pudemos ter as trocas online.

E por fim toda minha gratidão àqueles que fizeram parte deste estudo, aos participantes por compartilharem e confiarem relatar suas vivências. Sem dúvidas auxiliaram para a pesquisa, para o campo de estudo e para que eu me desenvolvesse como pesquisadora, como psicóloga e como pessoa.

“Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de causar grandes sofrimentos e também remediá-los”.

Alvo Dumbledore, Harry Potter e as Relíquias da Morte

Sumário

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
RESUMO	12
ABSTRACT	12
APRESENTAÇÃO	14
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	19
1.1 Objetivo	23
1.1.1 Objetivo Geral	23
1.1.2 Objetivos específicos	23
1.2 Justificativa	23
1.3 Pressupostos da pesquisa	26
CAPÍTULO II: REVISÃO DE LITERATURA	27
CAPÍTULO III: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
3.1 Psicologia Sócio-Histórica e a “questão” da escolha	34
3.2 Transição universidade-mercado de trabalho	42
CAPÍTULO IV: MÉTODO	57
4.1 Delineamento do estudo	57
4.2 Participantes	57
4.3 Instrumentos	60
4.4 Procedimentos	60
4.5 Considerações éticas	62
4.6 Análise das informações produzidas	62
CAPÍTULO V: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	69
Núcleo de Sentido 1- Ser universitário: a realização da escolha, vivências e concepções da graduação	69
1.1 - A escolha pela universidade e pelo curso e o primeiro contato com a universidade	69
1.2 - Desafios da permanência na universidade	72
1.3 - Vivências de uma graduação e concepções sobre o curso	75
1.4 - Estar em uma IES e compreensão sobre ser universitário	77
Núcleo de sentido 2 - Ser formando: Processos para a saída da universidade	82
2.1 - Processos de finalização das atividades acadêmicas	83

	8
2.2 - Vivências acadêmicas e a contribuição para visão de mercado de trabalho	85
2.3 - Como a pandemia modificou as vivências deste período	87
2.4 - Sentimentos sobre o contexto pandêmico e concepções dos seus reflexos na inserção para mercado de trabalho	90
Núcleo de sentido 3 - Entre ser formando e a inserção no mercado de trabalho: Repercussões da formação sobre as concepções e práticas de acesso ao mercado de trabalho	92
3.1 - Compreensão de trabalho e da formação em ensino superior	92
3.2 - Vida acadêmica e trabalho e as expectativas para após formatura	97
3.3 - Apoio da universidade	102
3.4 - Universidade e mercado de trabalho	108
3.5 - Expectativas dos formandos em sua área no mercado de trabalho	111
CAPÍTULO VI: CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	120
APÊNDICES	126
APÊNDICE A - Quadro de artigos selecionados a partir da Revisão Bibliográfica	126
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista com participantes	131
Universidade Federal do Rio Grande	133
APÊNDICE C-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO(TCLE)	133
ANEXO	136
Anexo 1 - Parecer de aprovação CEP/FURG	136

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Dados dos participante da pesquisa	55
Quadro 2 - Apresentação da construção núcleos de sentido	62
Quadro 3 - Apresentação da caracterização das unidades contextuais	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABOP - Associação Brasileira de Orientação Profissional

AC- Análise de Conteúdo

CAP FURG - Clínica Escola no Centro de Atendimento Psicológico da FURG

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP- Rua - Centro de Estudos Psicológicos

CEU - Casa do Estudante Universitário

CLT - Consolidação das Leis de Trabalho

COVID 19 - Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2

DG - Dinâmica de Grupo

EAD - Ensino à Distância

EM - Ensino Médio

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

ERE - Ensino Remoto Emergencial

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

IES - Instituição de Ensino Superior

IFEs - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

Mconf - Conferência Web baseado em software livre

MEI- Micro Empreendedor IndividualOP - Orientação Profissional

OPC- Orientação Profissional e de Carreira

OC - Orientação de Carreira

OV - Orientação Vocacional

OT - Orientação para o trabalho

PAIETS - Pré vestibulares populares do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior

PEA - População Economicamente Ativa

PET - Programa de Educação Tutorial

PME - Pesquisa mensal de emprego

PNAES - Plano Nacional de Assistência Estudantil

POT - Psicologia nas Organizações e do trabalho

PPP - Projeto Políticos Pedagógicos

PRAE - Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

PSH - Psicologia Sócio-histórica

REUNI - Programa de Reestruturação e expansão das Universidades Federais

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

SUAS - Sistema Único de Assistência Social

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFBA-Universidade Federal da Bahia

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

UFV - Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

Esta pesquisa disserta sobre o objetivo de compreender os sentidos atribuídos pelos formandos à transição universidade - mercado de trabalho. A compreensão do processo de construção de sentidos se deu a partir da abordagem teórica da Psicologia Sócio-Histórica (PSH). O desenvolvimento da pesquisa foi permeado pelo fenômeno da pandemia da COVID-19, que gerou adaptações nos contextos estudados, a universidade e o mercado de trabalho. O estudo é composto por caráter metodológico qualitativo e o instrumento utilizado foi uma entrevista com roteiro semiestruturado composto por questões guias. Os resultados foram obtidos a partir da análise dos relatos de (6) estudantes formandos, originando três (3) núcleos de sentidos: (1) Ser universitário: a realização da escolha, vivências e concepções da graduação, (2) Ser Formando: Processos para a saída universidade e (3) Entre ser formando e a inserção no mercado de trabalho: Repercussões da formação sobre as concepções e práticas de acesso ao mercado de trabalho. Como principais sentidos da transição da universidade para o mercado de trabalho estão a exaustão e a satisfação por estarem no final do curso, as incertezas sobre o mercado de trabalho, a demanda por apoio da universidade para esse processo de saída da graduação e nesse período pandêmico, as adaptações nas experiências e nos planos para o futuro laboral dos formando entrevistados.

Palavras-chave: Transição; Universidade; Mercado de trabalho; Inserção profissional; Orientação Profissional e de Carreira;

ABSTRACT

This research aims to understand the meanings assigned by undergraduates in transition to the labor market. The Socio-Historical Psychology (SHP) was chosen as the theoretical approach. The development of the research was permeated by the phenomenon of the COVID-19 pandemic, which generated adaptations in the contexts studied. The study is a

qualitative methodological character and the instrument used was an interview with a semi-structured script composed of guiding questions. The results were obtained from the analysis of the reports of (6) undergraduate students, giving rise to three (3) meaning cores: (1) Being an university student: the proccess of the choice, experiences and conceptions of graduation, (2) Being a student: Processes for leaving university and (3) Between being a trainee and entering the labor market: Repercussions of training on the concepts and practices of access to the labor market. As the main paths for the transition from university to the labor market, they are exhausted and satisfied to be at the end of the course, as uncertainties about the labor market, a request for support from the university for this graduation process and in this pandemic period, the adaptations in the experiences and plans for the future work of the trainees interviewed.

Keywords: Transition; University; Job market; Professional insertion; Professional and Career Guidance;

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Graziela Silva Rodrigues, tenho 26 anos e sou bacharel em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Conto aqui um pouco das minhas experiências dentro da graduação e desejos de continuidade na busca por estudos e qualificação. Formei -me em janeiro de 2019 após cinco anos dentro desse curso que escolhi como profissão. Ao longo desses anos procurei conhecer e participar de diferentes atividades para encontrar as áreas, as abordagens e teorias que mais me identifico.

Desde o meu primeiro ano, em 2014, ingressei como voluntária do Centro de Estudo Psicológicos CEP- RUA, coordenado pela professora Simone dos Santos Paludo, voltado para temáticas de vulnerabilidade social e desenvolvimento humano, onde me aproximei mais das temáticas de autoproteção à violência física e sexual, principalmente, de crianças, mas desenvolvendo atividades com adolescentes abordando questões de desenvolvimento sexual, identidade de gênero e orientação sexual e conscientização de destes quanto à sua proteção contra crimes cibernéticos, com enfoque na temática do *sexting*. As intervenções relacionadas a essa última temática propiciaram a publicação de um artigo na Revista Cadernos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (Leal et al., 2017). Este conceito, o *sexting*, acabou se tornando a minha variável de pesquisa no Trabalho de Conclusão de Curso, em que pesquisei a Percepção de Universitários sobre a temática *sexting* (Rodrigues, 2018).

Durante 3 anos da graduação fui bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Psicologia, onde eu permaneci até o último ano de graduação. O PET é um grupo de 12 bolsistas e um professor tutor, na minha temporada esse papel era atribuído à professora Marilene Zimmer. O grupo tem em sua filosofia proporcionar que os estudantes desempenhem práticas relacionadas a sua futura atuação profissional, mas sem que haja especialização precoce, o que oportuniza o contato com diferentes atuações da psicologia. Neste grupo participei da elaboração e execução de projetos que envolvem pesquisa, ensino e extensão, com enfoque em aplicação de Dinâmicas de Grupo (DG) para a seleção de grupos PET e Empresas Juniores da Universidade e oficinas de Orientação Profissional (OP) para estudantes de ensino médio e alunos dos cursos Pré vestibulares populares do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (PAIETS). O projeto piloto de OP foi publicado no livro eletrônico *Os Caminhos Da Orientação Profissional E De Carreira: De Onde Viemos Para Onde Vamos*, obra resultante dos trabalhos apresentados no XIII Congresso Brasileiro de Orientação Profissional e de Carreira trabalhos apresentados durante o evento da Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP), com o título *De Estudante Para Estudante: Intervenção Breve De Orientação Profissional Por Meio De “Oito Passos”* (Leal et al., 2018).

Dentro do PET Psicologia também foram realizadas algumas demandas pontuais, como a realização de palestras com temáticas voltadas ao estresse e à ansiedade no contexto acadêmico e a preparação para participação em processos seletivos. Foi nesse espaço meu primeiro contato com as áreas que pensava minha atuação como profissional, além da área de psicologia clínica, querendo conhecer mais e continuar estudos sobre a Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), saúde dos estudantes diante da formação acadêmica e a OP.

Já como estágio curricular nas ênfases de psicologia institucional e comunitária, estive por um ano dentro de uma entidade de acolhimento de crianças e adolescentes que estavam afastadas de suas famílias por fins jurídicos. Foi um desafio e uma experiência gratificante, estar acompanhando um profissional de psicologia da equipe do serviço, também sob orientação da Professora Simone dos Santos Paludo, e perceber a comunicação da rede de assistência social envolvida com o serviço no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). E por fim, no último ano de graduação realizei estágio em psicologia clínica no Centro de Atendimento Psicológico da FURG (CAP-FURG). Foi bastante construtivo me reconhecer na postura de psicoterapeuta, utilizando como linha a Terapia Cognitiva Comportamental supervisionada pelo professor Augusto Duarte Faria. Uma experiência a qual sou muito exultante, tendo contato com diferentes demandas, pude desenvolver a prática com orientação para o desenvolvimento da teoria, como lidar com imprevistos e conduzir acompanhamentos terapêuticos. Esse momento construiu parte do caminho que tenho dado continuidade aos conhecimentos desta abordagem, atuando como psicóloga clínica em uma clínica multiprofissional. Neste espaço tive a oportunidade de apresentar meu contato com a OP e passar a oferecer como um dos serviços da clínica.

Acredito que essas vivências durante a graduação possibilitaram, principalmente, que eu desenvolvesse uma postura segura, provocando que eu procurasse sempre mais sobre as temáticas envolvidas e o desenvolvimento de habilidades interpessoais e, especialmente, vivenciar as áreas de maior afinidade. Isso faz com que eu queira ter mais experiências para cada vez mais aprimorar meus conhecimentos e minha postura como profissional. Esse é um dos motivos que me trouxe de volta à FURG agora como mestranda, com interesse em pensar e tentar responder algumas inquietações que emergiram na minha atuação. Quero compreender o processo de transição entre os campos da Educação e do Trabalho buscando

entender como este processo perpassa a vida do público universitário.

Meu objetivo para esta pesquisa, surge pelo interesse em compreender como a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) pode auxiliar na transição dos universitários para preparação na inserção no mercado de trabalho. Essa motivação emerge primeiro por um desejo pessoal, ao avaliar meu percurso em que foi muito rico em aprendizagens, desenvolvimento pessoal, amadurecimento e por ter estabelecido vínculos humanos extremamente importantes para mim. Mas por momentos me deparar com o relato de sofrimento, angústias com a aproximação do final do curso tanto na minha experiência, como na de colegas de turma e daqueles que tinham saído recentemente da vida universitária. E, fez todo sentido para mim, quando me dei conta que a angústia vinha como reflexo em se deparar com o novo espaço que é o mercado de trabalho, por vezes pouco falado.

Trago um trecho do final da entrevista de Arthur, um dos participantes da minha pesquisa. Esse trecho demonstrou que minha inquietação sobre o assunto fazia sentido e a compreensão desta temática é uma demanda para os universitários. Emociona-me, pois no seu relato traz o recorte de um momento em que me vi muito envolvida em meio às correrias do meu último ano de graduação. Situação em que um estudante da Universidade com coeficiente¹ perto do máximo, que é 10, ainda assim tem dificuldades de se inserir no mercado de trabalho, um dos fatores que corrobora para sua procura por acompanhamento psicológico, no entanto veio a cometer suicídio antes de conseguir começar os atendimentos:

... como eu te falei né eu acho que é um tema super importante mesmo, é muito relevante, muito legal que tu esteja pensando nisso dentro da Universidade, porque apesar de ser um ambiente muito bom e tal, a [Universidade] a gente vê que é uma Universidade que se inventa e se reinventa todo ano e, é bom que isso esteja partindo

¹ Nota média do desempenho acadêmico.

de dentro, né, que a gente realmente tenha pessoas pensando nisso porque hoje não acontece da maneira que deveria acontecer, de fato. E, nossa... só tem potencial de impactar em muita gente mesmo, tem vários casos de colegas aí que realmente acabam o último ano bem ruim, né, bem mal, enfim... acho que para mim o tema se torna tão ..., começou a se tornar tão grave, né, depois do caso há dois anos atrás.

Claro, não foi a causa raiz, mas ele teve uma experiência muito ruim nessa questão de ingresso no mercado de trabalho, enfim ... e, depois disso, tu começa a ver como alguém com coeficiente 9,5 não consegue ingresso, é porque falam que tu só precisa disso para tu conseguir uma vaga, para o sucesso profissional que tu almeja. E quando vê, não é, né, e, às vezes, a pessoa não tá preparado para aquilo ... é aquilo que eu falo, né, falam ano após ano que existe uma fórmula, e quando tu vê que essa fórmula não se aplica, fica sem chão!

(Estudante na área das Exatas).

Eu acredito que a graduação tem potencial de ser espaço de aprendizagem pessoal, interpessoal e, claro, profissional e acredito que este percurso, desde o princípio até a finalização podem ter seus medos amenizados através do processo de orientação que também tem potencial em contribuir para a inserção ao mercado de trabalho. O mercado de trabalho é caótico e cruel, mas acredito que ações em nossos microespaços podem gerar um efeito positivo. Aproveito, então, para agradecer aos(às) participantes, por seus relatos e por compartilharem suas vivências para o meu estudo. Espero com os resultados alcançar um retorno para tais demandas!

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Esta dissertação objetiva estudar a transição da universidade para o mercado de trabalho, a partir dos sentidos que estudantes, considerados formandos, atribuem a este processo. Para realização do estudo recebeu-se financiamento através da bolsa de estudos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A construção da pesquisa foi atravessada pelo contexto da pandemia do COVID-19, situação que demandou diversas adaptações na vida como um todo, no sentido de prevenção e controle da disseminação desse vírus. A modificação também ocorreu nos contextos da universidade e do mercado de trabalho, estudados na presente investigação. A suspensão das atividades acadêmicas se deu em março de 2020 e foram readaptadas para a sua forma remota, com alteração do calendário acadêmico atendendo aos protocolos de continuidade do ano letivo no segundo semestre daquele mesmo ano. Isso permitiu à pesquisadora, mestrande que também enfrentava a pandemia, investigar como estes estudantes vivenciaram a crise sanitária global, particularmente, quando finalizam o curso e preparavam-se para a inserção no mercado de trabalho, isto é, o preparavam-se para o processo de transição universidade-mercado de trabalho.

A abordagem teórica para a compreensão dos sentidos aqui utilizada é a Psicologia Sócio-Histórica (PSH) em que sujeito e realidade apresentam-se como indissociáveis. E, a partir dessa ideia, compreende-se a forma que se produz a subjetividade. De acordo com

Molon (2008), com base em Lev S. Vygotsky, os processos de significação dão-se por processos psicológicos constituídos por ordem biológica, por leis naturais, e também pelo simbólico e por aspectos histórico-culturais. Nessa concepção, os sentidos e significados estão relacionados e podem modificar-se de acordo com a realidade vivenciada.

Assim, a transição universidade–mercado de trabalho é um processo complexo. A forma como se desenvolve a relação do jovem universitário na transição² entre espaço educativo de formação e espaço de trabalho produtivo, repercute na inserção deste sujeito no mercado de trabalho (Raitz & Baldissera, 2012). Entende-se que a Orientação Profissional (OP) é uma forma de trabalhar demandas que possam aparecer durante a graduação sobre a preparação para a saída da universidade. A OP, de acordo com Ogushi e Bardagi (2015), atende as necessidades dos estudantes na eficácia do processo educacional e as demais dimensões da vivência universitária.

A OP pode colaborar para que o sujeito reconheça seu contexto, isto é, a divisão social do trabalho (Pires, 2009), se reconheça diante disso para que, assim, possa fazer a melhor escolha possível para determinado momento (Soares, 2002). Dessa forma, como trazem Melo-Silva et al. (2004) as reflexões e intervenções que a OP propõe podem estar presentes em qualquer momento da vida dos sujeitos, pois a relação capital-trabalho está sempre presente, incluindo os contextos de educação. A OP com enfoque psicológico é uma forma de facilitar que o sujeito pense sobre a resolução de dilemas e questões que perpassam a possibilidade da realização de escolha profissional – quando for possível fazê-la, considerando que isso ainda é reservado para poucas pessoas no Brasil (Bastos, 2005). A OP ainda considera como se relacionam características pessoais, de contexto, de interesse

² O grupo de pesquisa Educação e Trabalho (Univali/Brasil) coordenado pela profa. Tânia Raitz e, o grupo *Transiciones Académicas e Laborales* (TRALS) coordenado pela profa. Pilar Figuera-Gazo da Universidade de Barcelona (UB/Espanha), já encontraram em suas pesquisas como a universidade a partir de políticas de educação para a transição do mundo acadêmico para o mercado de trabalho, contribuem para o desenvolvimento do estudante e para o desenvolvimento de uma sociedade democrática e sustentável.

profissional e as possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho (Melo-Silva et al., 2004).

Diante dessas possibilidades de OP, compreende-se sua contribuição, ainda conforme Melo-Silva et al. (2004), na linha da Psicologia Educacional na transição da universidade para o mercado de trabalho, buscando identificar e entender os fenômenos que transpassam esse momento, como as especificidades da política e questões socioeconômicas do país as quais repercutem no desafio de inserção profissional. Cabe lembrar que em um período de exigências de maiores especializações e qualificação, observa-se, ao mesmo tempo, altas taxas de desemprego. Trabalhadores que não conseguem manter a atuação dentro de sua área de formação, por falta de oportunidades de vagas, buscam outras formas de trabalho devido às urgências financeiras e à redução no número de empregos oferecidos (Bastos, 2005; Novais et al., 2017). A identificação com o curso, a vivência acadêmica, o conhecimento das possibilidades de atuação e do mercado de trabalho são fatores que podem interferir nas expectativas desse público (Novais et al., 2017). Logo, torna-se fundamental entender esses elementos a fim de pensar sobre as estratégias para prevenção de sofrimento psíquico, como ansiedade, depressão, síndrome de *burnout*, transtornos que por vezes estão associados à relação do sujeito com o trabalho (Melo-Silva et al., 2004), de forma que contribua para a preparação destes estudantes para a transição do período universitário para o início do exercício profissional (Novais et al., 2017).

Bastos (2005) pontua sobre a relevância de os espaços educativos ofertarem este tipo de auxílio aos estudantes, ainda no ensino médio. Estes espaços podem contribuir para que os estudantes possam se sentir mais preparados para as possibilidades após conclusão de sua formação e tenham maior facilidade em construir estratégias para enfrentamento de seus planos no campo profissional e de vida. Ainda conforme a autora, é interessante que a universidade como espaço educativo demonstre preocupação com elementos que permeiam

essa fase. Outras autoras pontuam nessa mesma direção,

O processo de transição vivido por jovens universitários na relação que se estabelece entre educação e trabalho e seus sentidos são elementos importantes que interferem na sua inserção ocupacional e profissional no mercado de trabalho (Raitz & Baldissera, 2012, p. 100).

Dessa forma, nota-se a partir da Associação Brasileira de Orientação Profissional e de Carreira (ABOP)³, que os serviços de Orientação Profissional e de Carreira (OPC) já estão presentes dentro de algumas universidades brasileiras. Esse ponto contribui para democratizar o acesso dos estudantes a estes programas, incorporando-se dentro das demais universidades.

Além disso, a pandemia do COVID-19 tem sido uma das circunstâncias mais desafiadoras e emergentes no aspecto da saúde, e ecoa em tantos outros aspectos da vida em geral. A contaminação da doença se dá de forma rápida, e por isso, foi necessário a implementação de normas de distanciamento social (Schmidt, et al., 2020), o que repercutiu também na presente pesquisa a qual foi adaptada para caráter remoto, por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Dessa forma, parte-se do suposto que além das atividades acadêmicas alteradas, provavelmente, a vivência dos universitários da graduação, de forma particular, àqueles(as) que finalizariam seus cursos.

Pensar sobre a temática apresentada instigou inquietações, preexistentes e emergentes, e contribuiu para a construção dos objetivos do presente estudo em que o público-alvo são formandos da FURG. Assim, o objetivo geral e os específicos foram moldando-se a partir dos seguintes questionamentos: Quais as expectativas dos formandos diante das frequentes transformações do mercado de trabalho? Todo mundo tem oportunidade de pensar sobre seu lugar na sociedade e de possíveis contribuições laborais? OPC pode muitas vezes referir-se às

³ Vide <http://abopbrasil.org.br/servicos-de-op/>

escolhas? E será que para todos foi escolha mesmo? E quem não escolheu, está ali por quê?

Então a OPC também pode propiciar reflexão sobre quem não teve a oportunidade de escolher? A vivência universitária condiz com a realidade do mercado de trabalho? Qual papel da universidade? Após a formatura, como se dá a inserção no mercado de trabalho? O que é estar no mercado de trabalho como egresso da universidade?

Apresentam-se, então, os objetivos da investigação.

1.1 Objetivo

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender os sentidos atribuídos pelos formandos à transição universidade - mercado de trabalho.

1.1.2 Objetivos específicos

- Conhecer o percurso universitário dos formandos;
- Investigar as práticas formativas de finalização do curso;
- Investigar prováveis impactos da pandemia nesses processos de transição;
- Investigar as práticas de acesso ao mercado de trabalho e,
- Investigar as expectativas dos formandos quanto ao apoio universitário na transição universidade-mercado de trabalho.

1.2 Justificativa

Do ponto de vista teórico, a investigação se justifica em função das evidências quanto ao maior índice de trabalhos precários no Brasil relacionados à transição do primeiro emprego dos jovens⁴, apontado por alguns estudos que indicam que esse grupo tem um

⁴De acordo com a Lei Nº 12.852 de agosto de 2013, referente ao Estatuto da Juventude em que dispõe os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude SINAJUV, em seu Art 1º considera § 1º como jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

comportamento diferente dos demais desempregados (Reis, 2015). Mognon & Santos (2014) apontam que os estudantes que têm acesso a orientações tendem a ser mais interessados no desenvolvimento de sua profissão, tendem a estar mais informados sobre as suas habilidades e também as necessidades requeridas pelo mercado de trabalho, colaborando para que estabeleçam metas mais realistas para a sua trajetória. Tais aspectos podem colaborar para uma transição mais consciente e melhor planejamento para esse processo, com menor risco de sofrimento psíquico.

Do ponto de vista social, muitas vezes a orientação quanto à preparação acontece informalmente e sem intencionalidade, por meio da relação dos estudantes com docentes que podem ser vistos como modelos mais próximos da profissão (Teixeira & Gomes, 2004; Ogushi & Bardagi, 2015). Por outro lado, torna-se interessante que as universidades ofereçam espaços direcionados para essa demanda, uma possibilidade é a OP (Teixeira & Gomes, 2004). De acordo com Ogushi e Bardagi (2015), seria uma forma de atender às necessidades dos estudantes através de programas e serviços destinados para isso, o que corrobora para a eficácia do processo educacional e as demais dimensões da vivência universitária.

Nessa perspectiva nota-se a importância de a universidade, por espaço educativo, oferecer ferramentas para a preparação dos sujeitos universitários para a transição universidade-mercado de trabalho. A temática da OP busca trabalhar interações dos sujeitos com seus espaços educativos, de formação e de profissão, possibilitando refletir sobre isso a partir de atividades que ajudam a identificar seus interesses, contexto social, possibilidades em qualquer fase da vida (Bonadiman et al., 2015).

A demanda de reflexão do sujeito sobre espaços educativos e de trabalho é globalizada, mas não a oferta de serviços para atender tal demanda. A OPC é existente dentro de algumas universidades, por meio do funcionamento de serviços e/ou programas

direcionados para atender a necessidade de seus estudantes, como já referido na introdução, de acordo com o site da ABOP. Na Universidade onde se desenvolveu a pesquisa, entre seus serviços de assistência estudantil, há o projeto “Vida de Formando” que realiza atividades pontuais voltadas a este período da graduação. Contudo, não foi encontrado em seus programas de assistência estudantil algum serviço permanente voltado às demandas relacionadas à OPC com enfoque na preparação para a saída da universidade e com possibilidades de reflexão sobre a inserção no mercado de trabalho. Com esse estudo, tem-se o intuito de justificar sobre a necessidade de incorporar um projeto de ensino e extensão na universidade para trabalhar a temática, preferencialmente, por meio de um serviço permanente. Uma primeira tentativa está sendo desenvolvida em diálogo com uma das pró-reitorias da Universidade: foi realizada uma reunião com os(as) psicólogos(as) técnicos dos campi da Universidade, para apresentação de uma proposta de trabalho, e realizou-se o encaminhamento da mesma, com intuito de iniciar no primeiro semestre de 2022, possivelmente, na forma presencial.

A Universidade onde foi realizado o estudo, é situada no extremo sul do país e está estruturada na multicampia, dois campi na cidade-sede e os demais em cidades da região. A pesquisa foi realizada no campus sede, No momento conta com 12.432 discentes entre seus 64 cursos de graduação, 14 cursos de residência, 24 cursos de especialização, 33 cursos de mestrado e 13 cursos de doutorado. Como vocação institucional destacam-se os ecossistemas costeiros e oceânicos, devido à sua localização geográfica e conta com políticas de assistência estudantil e de ações afirmativas em seu funcionamento, temas que são apresentados e discutidos ao longo da dissertação.

1.3 Pressupostos da pesquisa

A partir da fundamentação teórica construída, o estudo teve como pressupostos da pesquisa a existência da demanda de reflexão e discussão de preparação a transição da universidade para o mercado de trabalho. Além disso, em decorrência da pandemia, partiu-se do pressuposto de que os estudantes estariam mais angustiados devido aos protocolos produzidos para o enfrentamento da pandemia do COVID-19, que além de ceifar milhares de pessoas, no contexto acadêmico afetaram o desenvolvimento de todas as atividades. Finalmente, entende-se que os universitários, possivelmente, já estariam mais apreensivos com as transformações no mercado de trabalho advindas da pandemia, principalmente, pela intensificação da precariedade e o aumento da taxa de desemprego.

Em seguida apresenta-se a revisão de literatura elaborada para alcançar materiais para fundamentar a discussão do estudo.

CAPÍTULO II: REVISÃO DE LITERATURA

Entre os meses de fevereiro e maio de 2020 foi realizada a revisão de literatura para embasamento teórico dos conceitos discutidos nesta dissertação. Após isso, se fez atualização em materiais utilizados na fundamentação teórica e na discussão da apresentação dos resultados, porém estes não surgiram de uma nova busca. Este levantamento foi realizado nas plataformas de banco de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e nos periódicos da CAPES com artigos publicados nos últimos cinco anos (2015-2020) com a intenção de encontrar as publicações mais recentes. Além disso, o contexto da nacionalidade também foi considerado, pois a forma de educação, os sistemas de inserção laboral, o acesso e as políticas no ensino superior se diferenciam entre os países, considerando a divisão internacional do trabalho, por exemplo. Nesse sentido, o objetivo da revisão nesta pesquisa foi entender sobre a dinâmica local.⁵ Os descritores utilizados para a busca foram: formandos; universitários; e transição universidade-mercado de trabalho. Logo, a procura foi realizada três vezes em cada uma das bases, uma para cada descritor, sem considerar as bases teóricas de cada estudo, num primeiro momento. A partir disso foram encontrados quatro mil cento e noventa (4.190) artigos e, para melhor delimitar tais achados, pensou-se na fundamentação teórica de cada estudo e na contribuição de seus resultados no momento de adaptações no

⁵ Os critérios de busca do material da revisão não foram refeitos, mas buscou-se inserir na fundamentação teórica uma discussão com materiais de outras nacionalidades.

ensino superior e, dos impactos sobre os fenômenos que atravessam o processo de transição universidade-mercado de trabalho, em especial, no período da pandemia do COVID-19.

Logo, para uma triagem deste material, em um primeiro momento, a seleção de artigos se fez a partir da leitura dos títulos e descritores, fazendo-se a exclusão daqueles que fugiam do tema de interesse, o que resultou na seleção de 105 artigos. Após essas primeiras seleções, foram lidos os resumos dos 105 artigos para filtrar e lapidar os materiais com maior relevância para a fundamentação do presente estudo. Assim, foram excluídos aqueles que não focaram nos estudantes universitários, no final da graduação e na preparação para o mercado de trabalho. Também foram excluídos alguns materiais que se referiam ao contexto brasileiro, mas relacionados às universidades privadas, tendo em vista que a Universidade onde foi realizado o presente estudo é pública.

Sobre as instituições de ensino superior, Jardim e Almeida (2016) demonstram que a flexibilização introduzida desde o momento anterior às ações de expansão de acesso e de matrículas no ensino superior, estancou a expansão das vagas no setor privado a partir da criação de universidades devido ao teor lucrativo na educação. Enquanto as universidades públicas aumentaram 40,5%, as privadas tiveram estabilidade nas primeiras décadas do século XXI. Assim, embora o ritmo de crescimento das instituições públicas tenha sido superior em todas as categorias de organização acadêmica, o setor privado aumenta sua participação no sistema de ensino e termina o período concentrando 87,4% das instituições no país.

Contudo, mesmo que o maior número de IES no país sejam privadas, buscou-se focar no contexto de universidades públicas em função de das discussões acerca das políticas de assistência estudantil e ações afirmativas voltadas a estas instituições. Também foram

excluídos os artigos que estavam duplicados, chegando a uma nova seleção de material resultando em 34 artigos.

Em uma última triagem para seleção do material, foi feita a leitura dos artigos na íntegra, para avaliar se o conteúdo condizia com o objetivo do presente estudo. Logo, foram excluídas 9 publicações, resultando em 25 artigos para análise. Estes estão apresentados no Apêndice A que dispõe do título, autor(es), ano e área. Com esses resultados, buscou-se compreender as definições principais dos artigos.

Para a apresentação da temática, introduz-se as discussões de sete artigos que contemplam os conceitos a serem trabalhados. Sobre o descritor *formandos* utilizou-se os artigos das autoras Ostrovski et al. (2017). Para compreender sobre as vivências que transpassam ser *universitário* Peretta et al. (2019), Mascarenhas (2015) e Bonadiman et al. (2015). E, por fim, para as contextualizações sobre transição para o mercado de trabalho, foram utilizados os artigos de Pochmann (2019), Guimarães et al. (2019) e Reis (2015). A seguir há uma breve descrição de cada um deles.

Ostrovski et al. (2017) contextualizam que dentro do campo educacional há uma grande necessidade em estudar sobre a escolha e inserção profissional. Em um primeiro momento a temática volta-se à escolha profissional de um curso superior, pois esse ato decorre das expectativas de atuação profissional e conjuntura social e política que se tem sobre esse curso. E em seguida a conclusão do curso superior e a transição para o mercado de trabalho, que se refere ao sujeito ter oportunidade de realizar aquilo que aprendeu. Isso se relaciona com o desejo ou não em que os formandos expressam em seguir na área de formação.

Guimarães et al. (2019) discorrem sobre políticas de ações afirmativas iniciadas no ano de 2003 voltadas à inclusão social, que propiciaram o aumento do acesso aos espaços de

educação desde o ensino fundamental. Estas ações buscam oferecer políticas de acesso para sujeitos pretos, pardos, indígenas e vindos de escolas públicas, benefícios para permanência destes alunos (moradia universitária, alimentação, transporte) com fim de reparar questões de desigualdades sociais. Para Guimarães et al. (2019), essas políticas direcionadas ao ensino superior, tem intuito de possibilitar o acesso a este nível de ensino para aqueles grupos que até então estavam à margem de oportunidades de acesso à educação, qualificação profissional e trabalho.

Com isso, entende-se a importância do espaço acadêmico ao estimular uma formação relacionada ao contexto, às experiências e vivências da graduação, na intenção de contribuir para o enfrentamento de sentimentos, como os apontados no estudo de Peretta et al. (2019) em que os estudantes lidam com situações de indecisão, angústia e medo de sair do espaço acadêmico. O apoio da universidade ao longo de demandas que surgem nos momento da graduação tendem a se tornar fator de proteção e prevenção a circunstâncias que levam a comportamentos prejudiciais, melhorando suas estratégias de enfrentamento para lidar com esse período.

Na introdução, Peretta et al. (2019) descrevem o período universitário como uma fase em que se demanda autonomia de acordo com as exigências e responsabilidades adquiridas, em que muitas vezes os universitários passam por períodos de (in)definição profissional, pessoal e política, aspectos que podem interferir na permanência ou contribuir para a evasão do universitário. Porém, Ostrovski et al. (2017), observam sentimentos de insegurança voltados à primeira experiência profissional dos estudantes após a formatura.

Guimarães et al. (2019) pesquisaram a transição entre o ensino superior e o mercado de trabalho por graduados de IES considerada de prestígio por ser uma universidade federal com grau elevado de reconhecimento no mercado de trabalho. Parte desses participantes eram

ingressos através de políticas de ações afirmativas. Os pesquisadores encontraram que ainda é a minoria que consegue, no período de três anos, proposto como tempo médio para transição para área do curso, isto é, estarem inseridos no mercado de trabalho na área de formação. Muitos acabam se inserindo a partir de trabalhos temporários e vínculos informais. Essa característica é frequente entre os jovens, por ser a população com idade economicamente ativa que têm maior taxa (60%) de desemprego ainda após dois anos de formados (Guimarães et al., 2019; Reis, 2015).

Isso requer pensar na dinâmica do mercado de trabalho e das relações laborais, fenômenos que não são constantes, se modificam de acordo com impactos de fatores econômicos, políticos, geográficos, etc. Ou seja, a forma de acesso ao trabalho se dá por temporalidade (Pochmann, 2019). E neste período de transição para o mundo laboral é importante ter conhecimento sobre esse aspecto, ainda mais em um momento – análise feita em 2018, que aponta para um elevado nível de desemprego, e precarização ocupacional (Pochmann, 2019).

Reis (2015) encontra em sua pesquisa que, após a formação, a dificuldade é exatamente a primeira inserção no mundo do trabalho. Tal diferença acontece quando o grupo que está procurando a primeira inserção é comparado àqueles que já tiveram experiências anteriores (Reis, 2015). Tal fato remete ao motivo que leva esses sujeitos a terem suas primeiras experiências em campos informais e temporários, por ter maior facilidade de acesso, para estes jovens, especialmente, ao procurar o primeiro emprego. Reis (2015) ilustra essa diferença de tempo de desemprego quando a intenção é por empregos formais e com tempo indeterminado de contratação, o que tende a tornar esse período para primeira inserção maior. Contudo, níveis mais elevados de educação podem acelerar esse processo de transição até o primeiro emprego (Reis, 2015).

Segundo Ostrovski et al. (2017) a passagem da universidade para o primeiro emprego sofre influência das características pessoais do sujeito, considerando a autoestima, motivação, iniciativa e criatividade, e os fatores contextuais, políticos, econômicos e o aspecto social configurado na valorização da profissão. A inserção profissional se dá pelo contexto sócio-histórico, da identidade dos sujeitos e dos aspectos institucionais que caracterizam o ingresso do estudante no mercado de trabalho. As autoras encontraram que a maior parte, 93% dos pesquisados em seu estudo, pretendem continuar na atuando na sua área de formação, porém aqueles que não o querem, justificam pela desvalorização que o curso tem socialmente refletido no reconhecimento e remuneração não identificação com o curso, ou ainda, por já estarem atuando em outra área.

Mascarenhas (2015) traz a importância de as universidades responderem a demanda de seus estudantes, levando informações, tirando dúvidas e outras formas de interação que contribuam para que se preparem para as oportunidades de emprego e desenvolvimento em suas áreas de formação. A proposta apresentada no estudo em questão é a assessoria acadêmica, que são atividades institucionais que têm maior enfoque em orientar os estudantes sobre desenvolvimento universitário para apoiar seus estudos e planejar a construção do seu campo de atuação. E ainda, contribuir para que esses estudantes tenham condições de permanecer na academia até concluírem sua formação.

... o estudante que conta com o apoio psicopedagógico do serviço de orientação acadêmica reúne melhores condições de obter o sucesso almejado com a conclusão do curso e o ingresso no mercado de trabalho (Mascarenhas, 2015, p. 2).

A discussão apresentada destaca a universidade como espaço educativo, em que oferece aprofundamento sobre a transição da universidade para o mercado de trabalho. Nesse

sentido, a OPC busca atender às necessidades de se refletir sobre tal transição, uma vez que seu conceito é abordar interações dos sujeitos com seus espaços educativos, de formação e de profissão, possibilitando que possam refletir sobre isso a partir de atividades que ajudem a identificar seus interesses, contexto social, possibilidades sobretudo na juventude. Nos últimos anos, a OP vem se transformando e aumentando suas possibilidades, acompanhando as constantes transformações da educação e mundo do trabalho, logo, a transição universidade-mercado de trabalho tornou-se um dos desafios da OP (Bonadiman et al, 2015).

Diante dessas informações, essa apresentação da revisão de literatura propiciou encontrar materiais que fundamentam a discussão sobre o tema, buscando abordar conteúdos que transpassam a vida educacional acadêmica e a preparação do estudante universitário para inserção no mercado de trabalho.

Cabe lembrar que após a banca de qualificação, em agosto de 2020, a literatura para discussão dos resultados precisou de atualização dos materiais, pois a realização da revisão e fundamentação teórica se deu anteriormente à pandemia. Houve, então, a necessidade da utilização de materiais que apresentassem a discussão sobre este momento pandêmico, tanto na fundamentação teórica como na apresentação das informações produzidas.

CAPÍTULO III: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Fundamentação Teórica compreende conceitos apresentados quanto à escolha profissional e à transição universidade-mercado de trabalho, especialmente, na primeira inserção laboral. Assim, apresentam-se definições construídas ao longo do processo de pesquisa, constituindo a fundamentação dos temas retratados ao longo do estudo.

3.1 Psicologia Sócio-Histórica e a “questão” da escolha

Auxiliar quanto à escolha profissional é uma das possibilidades de atuação dos profissionais da área de OP. Com esta abordagem é possível contribuir para reflexão sobre a temática do trabalho, para uma inserção crítica e consciente no mercado de trabalho (Bastos, 2005). Nesse processo, é importante que não só sejam conhecidas as características individuais, mas que se busque a realidade concreta de cada sujeito. Castélla Sarriera (1998) propõe que a OP supere uma abordagem descontextualizada e individualizada da escolha profissional. Bastos (2005) salienta que para trabalhar com OP necessita-se entender a realidade do público para o qual está se propondo. Considerar de onde esse sujeito vem, quais as reais possibilidades de trabalho e quais os fatores socioeconômicos que condicionam suas escolhas. Assim, a autora propõe que se pense em uma OP mais crítica e que se adapte aos diferentes públicos.

A OP surgiu dentro dos cursos de Psicologia, mais especificamente em 1964, após a regulamentação da psicologia como profissão no país no ano de 1962, como uma oferta de atividade de extensão e abordagem clínica, categorizando essas intervenções em três campos: da Psicologia do Trabalho, vinculada à Seleção de Pessoal, cujas intervenções centraram-se na modalidade estatística da psicometria⁶, da Psicologia Educacional, centrando-se na questão

⁶ Estas são realizadas a partir de testagem, avaliação realizada a partir de testes com escores de pontuação direcionadas a constructos. Busca através dessas ferramentas identificar aptidões enquadrando os

da passagem de um ciclo educativo a outro; e do Aconselhamento, focalizando determinadas crises evolutivas no ciclo vital (Melo-Silva et al., 2004).

A OP, de forma geral, aborda a relação entre sujeito e trabalho. Entende-se essa relação como um fenômeno humano, pensando o sujeito em uma posição de escolha, sobre seu futuro profissional, estudos para qualificação profissional ou possibilidades de trabalho (Soares, 2002). Sendo assim, Soares (2002) provoca o debate sobre o conceito de “escolha”, buscando refletir fatores que perpassam a decisão, ou, até que ponto essa escolha é possível no modo de produção vigente.

De acordo com Tessaro e Schmidt (2017), escolha é um fator que se expressa de acordo com sua natureza contextual, ou seja, é influenciada por aspectos históricos, culturais, econômicos e sociais. As autoras ainda explicam que os sujeitos tendem a identificar uma escolha que concilie suas características individuais, o conhecimento e o contato prévio de alguma profissão e as possibilidades almejadas de inserção.

A questão da escolha envolve, em geral, uma reflexão sobre os entrecruzamentos dos campos da Educação e do Trabalho e, dessa forma, envolve também a produção de sentidos sobre esse processo.

A produção de sentidos na área de Psicologia pode ser entendida a partir de diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Assim, uma das possibilidades teóricas é a Psicologia Sócio-Histórica (PSH) em que sujeito e realidade apresentam-se como indissociáveis. É a partir dessa relação que se compreende a constituição do sujeito, leitura que se faz, segundo Molon (2008), por meio dos estudos de Lev S. Vygotsky. Para estes autores, a singularidade é elaborada a partir do coletivo e com o objetivo de constituição do sujeito (Molon, 2008). Assim, o processo de significação e produção de sentidos, dá-se por processos psicológicos

sujeitos as profissões que lhes resultam mais adequadas (Ehrlich, Castro & Soares, 2000).

que são constituídos por ordem biológica, leis naturais, mas muito da ordem do simbólico e aspectos histórico-culturais. Nessa concepção, os sentidos e os significados estão relacionados e podem modificar-se de acordo com a realidade história e seus movimentos. Isso faz com que ao escutar um sujeito, possa ser compreendido também a sua situação social, que dá indícios para entender o significado social e os sentidos pessoais de suas palavras, integrados ao pensamento que quer transmitir a partir de sua fala.

No que se refere ao contexto universitário, a partir de políticas sociais e programas que visam ações afirmativas as quais buscam a democratização do acesso ao ensino superior, fundamentado pelas cotas implantadas pelo Governo Federal no período de 2003, tem-se oportunizado o ingresso às IES para uma maior diversidade de público (Guimarães et al., 2019). Guimarães et al. (2019) contextualizam que essas ações foram pensadas para aqueles com maior vulnerabilidade social tendem a ter menos oportunidades de acesso às universidades, em especial, as IFES. Essas mudanças fazem com que maior parcela da população tenha possibilidade de acesso ao ensino superior, ou cursos de preparação para o mercado de trabalho (Bastos, 2005). Bastos (2005), analisando período anterior à implementação de ações afirmativas nas IFES, pontua que isto traz a chance de um percurso que permita a escolha profissional, porém, questiona quem tem e como é essa escolha quando se pensa em determinantes socioeconômicos que, para grande parcela da população, é um obstáculo para a concretização da vida laboral.

Os determinantes da escolha profissional, sejam econômicos e sociais, dentre outros descritos por Soares (2002), estão presentes também na inserção em uma IES, já que para muitos a conclusão dos estudos precisa ser conciliada com uma forma de renda para sustento, ou a impossibilidade financeira de realizar um curso preparatório para inserção na universidade, seja vestibular ou Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Com isso, a

importância de se pensar sobre o grau de liberdade de escolha e as desigualdades sociais reverberam nesse processo (Ehrlich et al., 2000).

Debater sobre liberdade de escolha requer considerar a realidade de uma sociedade a qual os sujeitos necessitam de condições básicas garantidas para que se pudesse considerar que esses teriam minimamente como decidir sobre a profissão que desejam (Ehrlich et al., 2000). Ainda assim, para aqueles com acesso a estas condições básicas (econômicas e sociais), não tem como desconsiderar que outros aspectos influenciam na possibilidade de escolha, as condições concretas de vida de cada sujeito que apontam as possibilidades futuras (Ehrlich et al., 2000).

Dentro desse contexto, Raitz e Baldissera (2012) ressaltam a importância de compreender o sentido que esses jovens, recém saídos ou, prestes a saírem do espaço universitário, atribuem ao trabalho. Assim, como, qual é o lugar do trabalho em suas vidas e na construção de sua identidade, pois com isso pode-se entender as suas expectativas e maneiras de lidar com projetos de vida e, muitas vezes, com o desemprego.

Para além da escolha individual, há que se considerar os determinantes da escolha profissional. Castélla Sarriera (1998) já apresentava a inconstância do mundo do trabalho e como os determinantes de políticas neoliberais⁷ e capitalismo influenciam nesse campo do mundo sociolaboral, juntamente a tantos outros campos da ciência. Logo, o perfil profissional também muda.

Segundo Ogushi e Bardagi (2015) a OP colabora para a compreensão do sujeito sobre a sua relação com a sua escolha e aos fatores que agem sobre o mercado de trabalho.

Melo-Silva et al. (2004) apresentam em suas referências o conceito de OP. A partir de uma perspectiva psicológica, a OP é um apoio prestado àqueles que buscam a escolha de uma

⁷ As Políticas Neoliberais foram impulsionadas após a Segunda Guerra Mundial com intuito de fortalecimento do capitalismo e como forma de contrapor as ideias do movimento socialista (Bock, 2009).

profissão, desenvolvimento profissional, que querem descobrir suas características que afetam a atuação, e como os interesses se relacionam com as possibilidades do mercado de trabalho podendo contribuir para construção de projetos de vida. Além disso, as autoras mencionam que a OP pode ainda auxiliar os sujeitos na tomada de decisões em seus ambientes de trabalho ou estudo e contribuir com a transição entre momentos educativos e para o mundo do trabalho (Melo-Silva et al., 2004).

Medeiros e Souza (2017), perceberam que a OP tende a proporcionar para o sujeito um processo de ressignificação das suas relações com os múltiplos cenários que constituem suas escolhas. Proporciona que a partir dessa compreensão o jovem possa ser protagonista neste desenvolvimento. E essa postura ativa é elaborada conforme o entendimento de que as decisões não são somente individuais, mas tem uma construção coletiva a partir das relações do sujeito com sua história e cultura que reverberam em suas decisões.

Somente a partir de um coletivo, que se configura como situação social de desenvolvimento favorecedora de vivências promotoras de significação é que será possível constituir o protagonismo como modo de ser e agir dos jovens.

Isso os tornará capazes de compreender as implicações de suas escolhas, como também assumir-se como sujeito de sua história e trajetória (Medeiros & Souza, 2017, p. 163).

Então, entende-se a OP como um recurso possível para a compreensão do processo dos sentidos que os universitários atribuem entre seu percurso educativo de formação e a transição para o mercado de trabalho. Teixeira e Gomes (2004) encontraram que a evasão ou descontentamento com o curso de graduação, em grande parte, está relacionada ao pouco nível de informação do quadro curricular de ensino do curso escolhido e das possibilidades de atuação.

Já o comprometimento se desenvolve pela identificação com o curso, que repercute no interesse em participação em atividades além da sala de aula, como pesquisas, trabalhos diversos em laboratórios, monitorias e movimentos acadêmicos (Teixeira & Gomes, 2004). Ehrlich, Castro e Soares, (2000) apresentam, segundo o psicanalista argentino Rodolfo Bohoslavsky, que as pessoas não trabalham só para satisfazer necessidades de sobrevivência, elas atribuem um sentido humano ao que fazem. Trabalho, em sua forma genérica, pode ser entendido como as ações intencionais do ser humano sobre a natureza para sua sobrevivência, modificando tanto os homens como a natureza nesse processo, tal como a definição proposta por Karl Marx. Assim, por meio do trabalho, o homem produz elementos necessários para manutenção da vida, que incorpora necessidades de ordem biológica, intelectual, cultural, social, estética, simbólica, lúdica e afetiva (Frigotto, 2009).

Dessa forma, de acordo com R. Bohoslavsky, é a personificação do futuro que movimenta o sujeito no sentido de seu desejo, de como se imagina, o que realizará, pressupondo tornar-se alguém realizado desenvolvendo determinada atividade. Contudo, esse processo de tornar-se profissional perpassa os determinantes da escolha que aqui se deseja fazer. Esta decisão é determinada por um contexto econômico, social e cultural historicamente constituído (Ehrlich et al., 2000).

A transição da universidade para o mercado de trabalho é o período de antecipação de um novo ambiente, o que, por vezes, causa incertezas quanto ao próximo momento e quanto a sua identidade, pois já estão deixando de ser estudantes, porém ainda não são profissionais. Teixeira e Gomes, (2004) nomeiam como uma identidade em construção.

Carneiro e Sampaio (2016) descrevem a saída da universidade como uma ruptura, entre deixar de ser estudante universitário e momento de construção de uma nova identidade que acontece de forma constante ao deparar-se com as tentativas e estratégias de inserção no

campo profissional.

É enganoso pensar a escolha profissional como algo unicamente originado dos desejos do sujeito, pois recebe determinações de uma sociedade que leva o sujeito a desejar ser determinadas coisas. É um processo de corresponder às necessidades preestabelecidas das organizações de trabalho (Ehrlich et al., 2000). Os autores comentam, ainda, a partir da leitura de R. Bohoslavsky, sobre a constituição da identidade profissional que se forma:

Constitui-se neste sentido uma pseudo-identidade profissional, ou seja, uma identidade caracterizada por uma integração servil ao mundo das profissões, por realizar-se em função das exigências, deveres e necessidades de uma ordem social alienante (Ehrlich et al., 2000, p. 70).

Quando Ehrlich et al. (2000) trazem alguns conceitos de Jean Paul Sartre, expõem que a escolha é uma estrutura que compreende os outros, uma materialidade e uma temporalidade. Ou seja, o sistema que compõe o contexto deste sujeito e que determinam as possibilidades do interesse do sujeito atribuindo condições para a escolha, quer dizer que o projeto de ser, do que ele quer ser, ganha movimento a partir do próprio sujeito, porém é disposto por fenômenos envolvidos no processo de escolha que decorrem de condições psicológicas, sociológicas, materiais, unificadas.

Logo, ao entender sobre o processo de escolha para um curso, uma universidade, uma graduação torna-se possível vislumbrar a transição do sujeito para o mercado de trabalho. Assim, pode-se conhecer a área e suas colocações no mercado de trabalho, as possibilidades de atuação e projeto daquilo que se tornou potencialmente seu caminho de desenvolvimento profissional. E como o modo de produção e mercado de trabalho respondem ao que se está chamando de escolha nesta dissertação.

A partir da PSH, o sujeito e a sociedade têm uma relação mútua de mediação de

forma que nenhuma das partes perde sua singularidade (Aguiar, 2006). Isso se dá em se incluir em situações que se identificam, e se excluem naquelas que não se assemelham.

Porém, respeitando a singularidade do sujeito de se posicionar como algo novo, esse conceito é constituinte do indivíduo, um “quase social” que Vygotski (2007) retrata e Molon (2008) recapitula. Ou seja, o sujeito e a sociedade se afetam na forma em que se constituem, deste ponto de vista entende-se o sujeito como único e singular, mas também social e histórico. Então, na PSH, a escolha do sujeito se faz a partir desta dinâmica.

Aguiar (2006) debate sobre a importância de compreender esse processo para não se cair na falácia da naturalização da escolha, como se fosse algo apenas individual, e sim, compreender como essa é composta por toda a formação histórica do sujeito. Esta é mesclada de expressões únicas, singulares, sociais e históricas. Para Lev S. Vygotski, pode inferir que ao falar de escolha, denota-se um processo complexo e fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores como memória, consciência, percepção, atenção, fala, pensamento, vontade, e todas se relacionando entre si. Retoma-se as palavras de Aguiar (2006):

Dessa maneira, podemos afirmar que o sujeito escolhe, mas que esse processo é multideterminado e emocionado, frisando que determinação, aqui, é entendida como elemento essencial e constitutivo do ser e não como numa relação de causa e efeito (Aguiar, 2006, p. 15).

Então para compreender a escolha, é preciso englobar questões subjetivas, singulares, sociais, contextuais, políticas e históricas que perpassam este conceito.

Esta compreensão também se estende para o processo de transição da universidade para o mercado de trabalho, apresentado a seguir.

3.2 Transição universidade-mercado de trabalho

A experiência de estar em uma universidade pode ser compreendida pelos universitários como uma maneira de expandir suas relações e conhecimentos, e contribui para aprendizagem quanto a lidar com adversidades que possam emergir no campo do ensino e com os colegas, além de desenvolver comprometimento com a sua própria formação (Teixeira & Gomes, 2004). Esta experiência provoca que este jovem tenha que lidar com exigências que fazem parte do seu desenvolvimento. A autonomia, as relações interpessoais e a cognição são habilidades cobradas neste espaço para o estudante universitário (Carneiro & Sampaio, 2016).

Quando OP, Orientação Vocacional (OV), Orientação de Carreira (OC) ou Orientação para o Trabalho (OT) - mais adiante o conceito de cada uma dessas expressões será apresentado porque algumas vezes esses se confundem - o primeiro entendimento que surge são sobre conflitos que podem estar presentes em meio a uma escolha por alguma forma de profissionalização⁸. Pensam-se, por exemplo, em jovens saindo do EM, em testes vocacionais, etc. Conforme Melo-Silva et al. (2004), ao abordar OP, essas questões podem referir-se a estas ideias, mas pode-se pensar além delas, já que essas oportunidades de inserção do ensino superior, não acontecem de forma democrática, ainda que o espaço universitário tenha se expandido e ampliado o acesso e a permanência. Tal situação demanda outra prática voltada a relacionar a OP com outras necessidades dos sujeitos abrangendo suas realidades e desafios quanto ao espaço educativo e laboral. Ainda de acordo com Melo-Silva et al. (2004), um dos públicos-alvo da OP são aqueles que já estão em um curso de ensino

⁸ Conforme o Dicionário Aurélio de português 'profissionalização' é Ação ou efeito de profissionalizar ou profissionalizar-se. Processo de treinamento para obter certo nível profissional ou para alcançar maior habilidade num determinado trabalho; capacitação.

superior, curso técnico ou outro curso que seja voltado para uma área de atuação. As angústias de se inserir no mercado de trabalho podem ser semelhantes em comparação ao período do final do EM em que é socialmente esperado a realização da escolha de um curso, seja de graduação ou técnico, ou ainda, de inserção imediata no mercado e trabalho, isso quando não se refere àqueles que já conciliavam o término da Educação Básica (EB) a uma forma de sustento financeiro.

Ter um diploma nunca foi garantia de inserção no mercado de trabalho, porém por um período, principalmente até a década de 1990, a graduação colaborou para tal inserção, ainda mais em vagas em empregos considerados com boa remuneração e direitos trabalhistas assegurados. Devido a uma multiplicidade de aspectos, em especial, políticos, econômicos e de investimento, mesmo com diploma se torna um desafio a inserção nessas condições (Guimarães et al., 2017).

Como Bastos (2005) apresenta, a lógica de contratação acontece por maiores qualificações e relações com contatos de empregadores, dentro de um contexto em que o número de pessoas desempregadas é desproporcionalmente maior do que o número de vagas. Com a expansão do acesso⁹ às universidades, a possibilidade de inserção em uma formação em nível de ensino superior, muitas vezes, não é um diferencial ou estabilidade de que vai ter maior garantia de inserção no mercado de trabalho (Bastos, 2005).

Sendo assim, Melo-Silva et al. (2004) apontam que a OP procura contribuir como facilitador para refletir, pensar sobre e buscar soluções no rumo ou desenvolvimento dentro de uma profissão, em que pesem as determinações socioeconômicas nessa possibilidade de escolha, ou não. Já o conceito de OV, pode estar relacionado a um chamado, a um “dom”,

⁹ Políticas e Programas de ações afirmativas, estabelecidas por leis ou resoluções dos conselhos universitários, que corroboram para o acesso e permanência ao ensino superior, temos a política de cotas a grupos específicos, de renda e heteroidentificação. Programas de assistência ao estudante como apoio pedagógico, Casa do Estudante Universitário para aqueles que precisam de moradia, auxílio alimentação e transporte (Amaral & Mello, 2013).

uma “destinação” do sujeito para desempenhar uma atividade, ação, atuação. A OV pode ser mais direcionada para avaliar como os sujeitos fazem escolhas, dentro de suas possibilidades, de forma dinâmica ou clínica. Logo, a OV facilita a análise do sentido que o sujeito dá para a vida, conforme as atividades que desenvolve. Contudo, como antecipado, por vezes esses conceitos são abordados juntos, ou entendidos como semelhantes (Melo-Silva et al., 2004).

Melo-Silva et al. (2004) também apresentam o conceito de carreira no qual é entendida como um caminho que se constrói dentro de uma profissão. Então a OC busca entender como os sujeitos avançam dentro de suas perspectivas de vida e de trabalho. Por sua vez, a OT, segundo Pitacho et al. (2019), aborda quais os propósitos que as atividades laborais e o trabalho remunerado têm na vida de cada sujeito. Uma pergunta que a OT propõe aos orientandos seria: qual o significado que as atividades laborais e o trabalho desempenhado possuem para cada pessoa?

Na leitura de Melo-Silva et al., (2004), a terminologia OP, por ser mais comumente conhecida e até pouco tempo instituída pelos profissionais da área, é a mais utilizada no Brasil. Contudo, o termo concebido neste trabalho é OPC, pois, atualmente, é o termo convergido entre os profissionais da área vinculados à ABOP. Apesar de a OP ser um termo mais popularmente conhecido é limitado abrangendo somente o conceito profissional, referindo só a um tipo de trabalho os quais os profissionais têm formação específica para atuação. Quando se agrega carreira pode se estender outras possibilidades, engloba a questão da profissão, por exemplo. Quando se fala de carreira refere-se a tudo que engloba a vida profissional, vida ocupacional para além de existir uma formação ou não (Ambiel et al., 2014).

O mercado de trabalho está vulnerável a constantes transformações, o que de acordo com Teixeira e Gomes (2004) influencia que os sujeitos busquem se adaptar. Assim, as

possibilidades no mercado de trabalho a partir da formação no ensino superior também sofrem modificações. O diploma, que um dia gerava expectativa de garantia de boa colocação no mercado de trabalho, já não é mais, passa a notar-se a dificuldade dos recém-formados em ingressar na atuação de sua área de formação. Esse contexto acaba impactando esses jovens quando se deparam com a finalização do curso (Teixeira & Gomes 2004). Para Teixeira e Gomes (2004) o período de transição entre universidade e mercado de trabalho é um momento de exploração, em que o jovem experimenta os possíveis papéis de atuação dentro da sua formação e a qualidade dessa transição se dá pela forma que foi sua vivência durante a graduação e preparação para essa passagem para o mundo do trabalho (Teixeira & Gomes 2004).

Na finalização do curso de graduação os sujeitos tendem a reavaliar suas escolhas, experiências no curso e expectativas do que vem a acontecer (Teixeira & Gomes, 2004). Carneiro e Sampaio (2016) trazem que a experiência de um curso de graduação aborda além da formação profissional, pois reverbera em um processo de características pessoais como a percepção sobre si, sobre o que quer ser, sobre o que pode ser e estratégias para sua atuação.

A cobrança para a transição, segundo Teixeira e Gomes (2004), é feita de forma individual, em que o sujeito é responsável por seu comprometimento e interesse em informar-se e em estar preparado para esse processo. Sobre isso, encontra-se em Teixeira e Gomes (2004) o relato de despreparo e de conflito entre os conhecimentos adquiridos pela universidade, por não condizer com a execução da mesma maneira no mercado de trabalho.

Por sua vez, Carneiro e Sampaio (2016) encontram que os estudantes entendem que a universidade forma para atuar naquela profissão, mas não oferecem ou orientam sobre a inserção no mundo do trabalho. A ideia é que existem características do contexto pessoal e necessidades de apoio que sejam ofertadas pelas instituições de formação, ideal que fosse por

meio de políticas públicas. Então, Teixeira e Gomes (2004) entendem a necessidade dos currículos universitários contemplarem a preparação para o processo de transição.

Ribeiro (2013) propõe que não se compreenda o mundo do trabalho como algo cristalizado, o que se caracteriza como uma questão contemporânea, moldando-se, sendo flexível e plural de acordo com as transformações em termos da flexibilização, complexificação e heterogeneização das atividades, relações, vínculos, identidades e trajetórias de trabalho. Esses fenômenos alteram a forma de percurso que se dá a estruturação de carreiras, em um espaço em que são mantidas as formas tradicionais simultaneamente com possibilidades vigentes de se fazer carreira. O mercado de trabalho é um fenômeno socioeconômico que se sustenta criando demanda daquilo que é ofertado, propiciando formas de trabalho para os sujeitos que procuram (Lucas & Crescela, 2020).

Os universitários entendem que a compreensão da teoria com a integração à parte prática contribui para a construção de uma autopercepção de competência profissional, ou seja, sentir-se capaz de realizar as atividades dentro da sua atuação. O desenvolvimento desta consciência facilita o início da realização do projeto de vida dentro da profissão, que demonstrou ter maior motivação quando percebiam validação do seu empenho, com o reconhecimento de amigos, familiares e colegas, o elogio de professores, assim como a demonstração de apoio para passar por momentos de maior dificuldade, até mesmo na explicação de algo que não foi realização de forma adequada (Teixeira & Gomes, 2004).

O sentimento de competência profissional é um elemento essencial na qualidade da transição entre estes espaços, pois contribui para que avalie de forma positiva quanto esforço desempenhar para enfrentar os desafios do mercado de trabalho. Quanto às dificuldades mais percebidas quanto à preparação para transição, os formandos pontuaram falta de habilidade e de informação quanto a como procurar emprego e organizar currículo, além de não saberem

quanto cobrar pelos seus serviços (Teixeira & Gomes, 2004).

O sentimento de conquista e vitória, conclusão de um ciclo, são presentes na finalização do curso para os universitários, mas, também aparece a angústia e insegurança dos novos desafios a se enfrentar. Na conclusão da graduação não emergem só sentimentos voltados ao campo profissional, mas também sobre aspectos pessoais, envolvendo a autonomia, a responsabilidade e organização de seus novos objetivos aparecendo a tentativa de conciliar desejos pessoais com os profissionais.

Não é recorrente que a preparação para a transição seja algo contemplado nos planos de ensino dos cursos. Como é trazido por Teixeira e Gomes (2004): “A preparação para a transição envolve tanto o planejamento gradativo e continuado da formação quanto a otimização de recursos disponíveis nas universidades” (p.57).

Neste sentido a OPC é uma estratégia viável para se ter como projeto contínuo dentro das universidades, pois auxilia a pensar formas alternativas de formação para desenvolver maiores experiências que contribuem no senso de competência e na realização de planos mais elaborados e realistas (Teixeira & Gomes, 2004).

As necessidades dos estudantes e a necessidade de espaços educativos podem contribuir com suporte já que a preocupação com o mercado de trabalho é comum e constante principalmente para aqueles que estão prestes a concluir sua graduação. Porém, a universidade que forma profissionais não costuma ser uma ponte entre o mundo da formação e do trabalho (Carneiro & Sampaio, 2016).

De acordo com Aguiar (2006) no processo de OP, a partir da PSH precisa:

... saber o conhecimento que o sujeito tem, o conhecimento que pensa que tem, o conhecimento que não tem, aquele que acredita que não tem, o que escolhe e o que deixa de escolher e, é claro, apreender as condições vividas

pelo sujeito (p. 14).

Assim, no trabalho de orientação precisa-se compreender todos os fenômenos que envolvem esse processo, considerando as vontades, emoções, cognição e qualquer outro fator que comprometa os comportamentos do sujeito e a constituição das suas escolhas. Conforme Aguiar (2006) em sua leitura de Vigotski, em “A formação social da mente”, questionamentos como: “Por que ele sente, age e pensa assim? Por que ele faz esta escolha? Qual o processo de constituição desta escolha? Com essas perguntas, podemos desvelar as verdadeiras relações que subjazem aos processos” (Aguiar, 2006, p. 15).

Para Sousa e Gonçalves (2016) através da análise estatística de sua pesquisa encontraram que a satisfação e a formação tem correlação positiva com a transição para o mercado de trabalho. Ou seja, as experiências dentro da universidade contribuem para a qualidade da primeira inserção. Sobre a transição para a primeira inserção no mercado de trabalho, Reis (2015) traz que o fator dificultante para sair do desemprego é não ter tido experiências anteriores de trabalho, mas aborda que o tempo desse período tem papel importante para os jovens que buscam a primeira inserção. O autor também afirma que existem algumas diferenças nesse processo entre os grupos etários, e que os jovens tendem a ter maior rotatividade, maiores taxas de inserirem-se na informalidade ou aqueles trabalhos com certo grau de precariedade.

Essa diferença não é significativa quando se comparam jovens que já tem experiência de emprego comparado a grupo de adultos, mais velhos que também possuem experiência e que estão a procura de uma reinserção (Reis, 2015). Existe a propensão de que após dois anos de formado no ensino superior 60% dos jovens ainda se encontrem desempregados. A percentagem é de 41% para sujeitos com idade adulta e de 38% para aqueles que tiveram experiências de trabalho anteriormente e para adultos (Guimarães et al., 2017).

Raitz e Baldissera (2012) também trazem dados concordantes de alto índice de jovens inseridos em trabalhos precários de desempregados e/ou insatisfeitos. Tal situação corrobora com a perda de sentido e com o sentimento de desvalorização e, o processo de inserir-se no mercado de trabalho, por já não ser algo que condiga com seus anseios e com a qualificação através dos estudos. Isto é um reflexo das transformações iniciadas nos anos 1990, a qual proporcionaram ações de inclusão social dentro do mercado de trabalho e proteção social voltadas ao trabalho e ao desemprego. Por outro lado, também tem como desafio a conquista do trabalho formal e estável, além da inclusão dos mais jovens no mercado de trabalho (Raitz & Baldissera, 2012; Guimarães et al., 2017).

O trabalho foi tomado como a atividade que define o ser social, sendo o ato laboral responsável pela modificação do meio e do sujeito que o executa. Trata-se de uma categoria central não apenas para aqueles que estão formalmente inseridos no mundo do trabalho, com vínculos estáveis, boas ocupações e salários razoáveis, mas também para os que se encontram em ocupações informais, instáveis, subempregos, com baixas remunerações etc. A precariedade da inserção no trabalho gera impactos negativos nas formas como os sujeitos representam o mundo, se representam no mundo e atuam sobre ele. Em outras palavras, a precarização das relações de trabalho atua negativamente sobre a saúde e a identidade do trabalhador. (Santos et al., 2014, p. 18).

Este ponto ainda se intensifica quando a não inserção ou condições precárias se relaciona com questões de étnico raciais e/ou gênero.

Reis (2015) aborda uma forma de classificação sobre as formas de emprego, que se diferenciam pela sua dinâmica de funcionamento, podendo ser classificados como formais ou

informais. O primeiro refere-se aos trabalhadores com carteira assinada, funcionários públicos, ou autônomos que contribuem para a previdência social. Por outro lado, os informais são aqueles sem carteira assinada ou os que trabalham por conta própria e não realizam a contribuição para previdência (Reis, 2015). Mas os empregos podem ainda ser caracterizados pelo tempo de prestação de serviço, ou seja, os contratos de tempo indeterminado, ou de longo prazo, e os empregos temporários, que têm prazo determinado. E os empregos podem ainda ser divididos por horas de trabalho normalmente referindo-se a semana. Tem aqueles de tempo integral, que no estudo de Reis (2015) são os de 30 horas semanais ou empregos de tempo parcial, que costumam ser com menos de 30 horas na semana.

Não ter trabalhado anteriormente é um fator dificultante para a primeira inserção (Reis, 2015). Estes grupos apresentam resultados semelhantes aos de grupos que tiveram alguma passagem pelo mercado de trabalho, no exercício para saída do desemprego em direção a empregos classificados precários. Já para a transição para empregos considerados como de melhor qualidade, entretanto, as probabilidades de saída do desemprego para esses destinos são mais baixas para os jovens procurando o primeiro emprego (Reis, 2015).

Ainda, tende-se a presumir que existe diferença no tempo de transição da conclusão da graduação para a primeira inserção de acordo com o grau de concorrência de inserção no curso. Guimarães et al. (2017) mostram que a crença seja de que os cursos de maior competitividade, para o ingresso no momento ENEM e/ou vestibular, tendem a ter menor tempo para a inserção, é parcialmente verdadeira, porque mesmo que esse tempo seja curto, encontraram que os cursos de baixa competitividade tem menor tempo nesse processo para primeira inserção. Os cursos de média concorrência costumam ser os mais afetados nesse período de tempo.

Nesse ponto, cabe distinguir entre trabalho e emprego. Raitz e Baldissera (2012) expõem que trabalho é um termo antigo e o seu conceito genérico é o meio de manter a sobrevivência. Porém, existem outros fatores que diversificam este conceito que se transforma, juntamente às transformações do mundo do trabalho, por isso seu entendimento sobre o conceito é múltiplo e diverso. Também compreende uma forma de realização pessoal, que permite sentimento de independência. Por mais que emprego e trabalho sejam usados como se fossem a mesma coisa, seus significados são diferentes (Raitz & Baldissera, 2012). O conceito de emprego é bem mais recente quando comparado ao trabalho e suas transformações. O emprego se baseia na relação de venda e compra da força de trabalho que surge junto da Revolução Industrial.

Ao abordar o mercado de trabalho, muitas vezes, além de emprego e trabalho há o termo labor. Raitz e Baldissera (2012), a partir de seus estudos, encontraram que a origem de labor etimologicamente vem de dor, sofrimento e atribulação. Assim como encontraram a origem da palavra trabalho, que apesar dos entendimentos que se tem hoje sobre o que é trabalho, a sua origem vem de torturar, sofrer por algo, que com modificações substitui-se por esforço e luta. Conhecer a origem desses termos é fundamental para a compreensão do sentido que se atribui na contemporaneidade. Isso reflete sobre fazer parte do mercado de trabalho e a buscar inserir-se de alguma forma (Raitz & Baldissera, 2012; Krawulski, 1998).

Mesmo com o aumento das oportunidades de acesso ao ensino superior, as vagas no mercado de trabalho ainda não correspondem para suprir a inserção de todos, o que faz emergir novas formas de trabalho de caráter ainda mais precário e de instabilidade (Sousa & Gonçalves, 2016, Raitz & Baldissera, 2012).

Teixeira e Gomes (2004), demonstraram que aqueles estudantes que tiveram experiências mais amplas dentro das áreas de conhecimento do curso, tendem a ter mais

facilidade em se adaptar às possibilidades oferecidas para inserir-se no mercado de trabalho do que aqueles que acabaram se envolvendo de forma exclusiva em uma única área de atuação. Da mesma forma, nestes que tiveram maiores experiências, observa-se uma maior facilidade em descreverem seus planos pós-formatura.

De acordo com Sousa e Gonçalves (2016), quem teve maior envolvimento em atividades durante a graduação, mostram-se menos inseguro e acredita na facilidade na procura por emprego. O fato de já ter experiências durante a formação tende a proporcionar maior desenvolvimento da sensação de segurança, pois já fizeram aquilo, ou mesmo que seja algo novo, sentem-se confiantes por já terem estado no papel em ser responsáveis dentro de uma atuação profissional.

Mais uma vez, na pesquisa de Teixeira e Gomes (2004) os sujeitos demonstraram-se otimistas ao ingressarem no mercado de trabalho. Contudo, sentimentos adversos estavam presentes, quanto a consciência da limitação do mercado de trabalho, fazendo emergir insegurança e o medo de investir em algo que não daria certo. A existência de um grupo de apoio que garanta a subsistência para esse processo aparece como um fator que minimiza tal preocupação.

Os estudantes tendem a demonstrar interesse em atuar nas áreas em que tiveram experiências e mais aproximação durante a graduação, contudo compreendem a dinâmica de oferta de vagas de emprego, o que os faz pensar em não negar outras oportunidades da atuação de sua formação, pois, a preocupação maior é o desemprego. Os discursos são de inserir-se nas oportunidades que aparecerem primeiro, para que, então, futuramente, possam atuar na área de maior interesse (Carneiro & Sampaio, 2016).

Mesmo com relatos em que aparecem grandes expectativas para o primeiro trabalho, nota-se que estes jovens compreendem que há possibilidade de terem que adiar seus objetivos

principais ou ainda criar formas alternativas diferentes dos seus planos imediatos (Teixeira & Gomes, 2004). Tal fato pode fazer com que os jovens ampliem sua consciência, no entanto, em maior parte, é a urgência financeira, por questões de necessidades de sustentar-se ou deixar de ter uma fonte de dependência (Carneiro & Sampaio, 2016).

Nota-se que a pós-graduação como especialização e mestrado são uma opção que costuma emergir para dar continuidade a estudos sobre as áreas de interesse dos sujeitos e por notarem a necessidade de acrescentar no currículo. Porém, essa opção não é para todos, pois alguns têm a emergência de inserir-se, de forma rápida, no mercado de trabalho, obtendo retorno financeiro para suprir as necessidades imediatas que estes sujeitos têm decorrentes de seus contextos (Carneiro & Sampaio, 2016).

Sousa e Gonçalves (2016), notaram ainda diferença entre os gêneros feminino e masculino, nos sentidos que expressam sobre como se sentem sobre como ocorrerá a inserção no mercado de trabalho. Encontraram que para o gênero feminino tendem a se sentir mais encorajadas e preparadas devido a seus engajamentos em sua formação, em que entendem que a oportunidade de atuar profissionalmente é uma forma de realização pessoal e assumir responsabilidade. Contudo, o público feminino sente-se mais inseguro em relação ao público masculino quanto às oportunidades de inserção, o que está de acordo com dados que trazem que a taxa de desemprego para mulheres é maior do que para homens (Sousa & Gonçalves, 2016). Esse dado se torna ainda mais expressivo considerando outras expressões de gêneros, diante do desafio que pessoas transgêneras encontram de inserirem-se no mercado de trabalho (Silva et al., 2020).

Por vezes, relaciona-se a qualidade da inserção com o desempenho profissional, ou, no caso dos estudantes, do alto desempenho acadêmico. Carneiro e Sampaio (2016) apresentam que o ingresso no mundo do trabalho ocorre por uma complexa articulação entre

predicados pessoais e redes de sociabilidade, o que apoia Guimarães et al. (2017) ao demonstrarem que as redes de relacionamento pessoais podem ser a principal vertente para engajamento em uma primeira inserção. Por exemplo, os colegas de estudo que já estão inseridos, aparecem como principal rede para a primeira inserção, formando os primeiros vínculos profissionais. Estes são seguidos dos contatos profissionais, após círculos familiares e, por fim, outras relações, o que leva a entender que as relações aparecem como principal forma de adentrar este meio, que a partir delas o desempenho da trajetória de formação tem consideração secundária.

Na PSH, trabalhar com a orientação de jovens permite que os sujeitos reflitam seu percurso de estudos e planejamento de inserção no mercado de trabalho com a possibilidade de realizar uma atividade que vá na direção da satisfação das necessidades que os modifica, criando novas necessidades e novas formas de atividade.

A partir de março de 2020, todas estas discussões foram atravessadas por uma intensa readaptação e transformações de nossas atividades, devido ao fenômeno da pandemia COVID-19 que tem impacto mundial como emergência de saúde e em todos os aspectos da vida. A COVID-19, é uma doença infecciosa que se espalhou mundialmente de forma acelerada. A doença é causada pela síndrome respiratória aguda grave-coronavírus-2 (SARS-Cov-2) e, como se sabe o primeiro caso foi identificado na China, em dezembro de 2019 e, desde então, foram realizadas inúmeras mobilizações para controle do alastramento da doença (Schmidt et al., 2020).

É imprescindível relatar as transformações que a pandemia COVID -19 gerou. Essas mudanças e adaptações foram mundiais e de influência em todos aspectos vitais, desde cuidados com a higiene pessoal, restrições de convívio social, readaptação das atividades diárias, medo de contaminação e de ficar doente, acentuação de desigualdades sociais para

possibilidades de obedecer à orientações de proteção diante deste vírus, entre tantas outras.

Na campo do ensino, adaptações para continuidade da da vida acadêmica foram realizadas, além de se observar as mudanças quanto ao no mercado de trabalho como um todo (Aylie et al., 2020).

Aderir às restrições e acompanhar os impactos de todas alterações decorrentes da pandemia, não é algo fácil e, de acordo com estudos encontrados por Rogowska et al. (2020), pode acarretar em efeitos psicológicos adversos como confusão, raiva e sintomas de estresse pós-traumático, e também aumento da prevalência de ansiedade e sintomas depressivos na população em geral e ainda mais comumente irritabilidade, nervosismo, frustração, perturbação emocional, tristeza, culpa, exaustão, tédio, insônia, dificuldade de concentração e indecisão, afastamento dos outros, dificuldade ou baixa de desempenho no trabalho, problemas financeiros e estigma (Rogowska et al., 2020). Estes autores procuraram estudar sobre a apresentação de ansiedade, estresse de estudantes universitários, poloneses, nesse período da pandemia. Encontraram que em grande parte dos estudantes avaliam positivamente aspectos gerais de sua saúde, entretanto, ainda apresentam alto nível de ansiedade e estresse, se comparado com o momento anterior à pandemia. Quando comparado aos universitários chineses, a pesquisa demonstra que os poloneses relataram maiores impactos psicológicos e dificuldade de adaptação ao momento, até mesmo os estudantes do Reino Unido e Alemanha. Os autores sugeriram que os motivos estavam relacionados a problemas financeiros e de mercado de trabalho (Rogowska et al., 2020).

Ainda sobre o estudo realizado com estudantes poloneses os autores, Rogowska et al. (2020) trazem que:

Durante o surto de COVID-19 e uma quarentena geral, a maioria dos alunos teve que deixar os dormitórios e a cidade universitária e ir para as casas de

suas famílias. A grande maioria dos alunos perdeu seus empregos - a principal fonte de renda. Da mesma forma, o risco de perder o emprego apareceu nos pais (que também contribuem significativamente para a manutenção durante os estudos). Todo o mercado de trabalho entrou em colapso, por isso surge a preocupação de encontrar um emprego no futuro após a formatura. A interrupção das atividades educacionais devido ao cancelamento do modelo tradicional de didática educacional pessoa a pessoa, palestras e com quadro de giz pode ter um impacto negativo no desempenho acadêmico (p. 806).

Estes estudantes também enfrentam desafios para se manterem nas formas de Ensino Remoto Emergencial (ERE), que são o possível neste momento. Por vezes, muitos não têm acesso à internet e disponibilidade de ambiente que propicie maior concentração. Consideram também o trabalho redobrado dos professores para tentar adaptar os métodos de ensino, contudo o formato remoto sugere uma maior dificuldade de contato deste aluno com o docente. Além do isolamento social também remeter à dificuldade de apoio dos colegas e gerar preocupação quanto aos adiamentos e/ou cancelamento de atividades acadêmicas (Rogowska et al., 2020).

Essas questões emergem de forma mundial nas vivências dos estudantes, e também o processo de transição de espaços em meio a este contexto pandêmico, e também na elaboração desta pesquisa. Então, a fim de compreender os fenômenos da vivência universitária, sua trajetória, escolha e atribuição de sentidos sobre a transição da universidade para o mercado de trabalho, será apresentado o método da pesquisa em seguida.

CAPÍTULO IV: MÉTODO

4.1 Delineamento do estudo

O delineamento desta dissertação foi composto por caráter metodológico qualitativo, acessando os sujeitos através de ferramentas online - devido ao isolamento social em decorrência da pandemia gerada pelo COVID-19. Essa foi a forma de acesso possível para realização de entrevistas (Vide roteiro no apêndice B) caracterizada como uma pesquisa empírica, por buscar a interlocução entre sujeito e pesquisador ao construírem um percurso por meio do relato do participante sobre o tema de estudo (Minayo, 2017). A partir de questões guias o pesquisador, na entrevista, busca entender as demandas que conversem com o momento da graduação, expectativas após formado, contexto socioeconômico (pessoal e social), planejamentos para a inserção no mercado de trabalho diante dos impactos da pandemia¹⁰ da COVID - 19 sobre esse processo, considerando os objetivos do presente estudo.

4.2 Participantes

O grupo de participantes foi composto por uma parte da população universitária de uma IFES brasileira, para isso foi feita a seleção dos sujeitos através da técnica bola de neve, técnica descrita por Vinuto (2014). A pesquisadora principal selecionou o primeiro participante por conveniência e apresentou a proposta do estudo, convidando-o para participar da entrevista. E este participante sugeriu novos sujeitos para participação e assim se fez até encerrar a pesquisa.

Com todos foi realizado um contato prévio para convite e apresentação do estudo.

¹⁰ Após a banca de qualificação inseriu-se “Investigar prováveis impactos da pandemia nestes processos” como um dos objetivos específicos, entendendo que o contexto da pandemia reverberou sobre os modos de continuidades das atividades do cotidiano.

Com a intenção da construção de um *rapport*¹¹ (Tickle-Degnen & Rosenthal, 1990) que buscou facilitar que os estudantes se sentissem à vontade na hora da entrevista, este contato prévio também permitiu investigar se atendiam aos critérios de inclusão e exclusão (apresentados a seguir). Foram entrevistados 6 participantes¹², discentes formandos dos cursos de graduação da Universidade, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Dados dos participantes da pesquisa

Nome*	Faixa Etária	Raça	Curso
Helena	Jovem	Branca	Bacharelado em área das Ciências humanas
Lilian	Adulta	Parda	Bacharelado em área das Ciências humanas
Eunice	Jovem	Branca	Licenciatura na área das Ciências Humanas
Arthur	Jovem	Branco	Bacharelado na área das Ciências Exatas
Ana	Jovem	Branca	Licenciatura na área das Ciências Humanas

¹¹ Termo bastante comum na área da psicologia, em que se refere a estabelecer vínculo, sintonia, relação de empatia.

¹² Na pesquisa qualitativa não há um critério numérico para chegar a um número máximo de sujeitos, entretanto, é uma exigência do CEP constar essa informação quando da submissão do projeto de pesquisa para apreciação ética.

Henrique	Jovem	Branco	Bacharelado na área das Ciências Exatas
----------	-------	--------	--

Fonte: Dados da pesquisa. *Ressalta-se que a identificação foi substituída por nome fictício.

A finalização da pesquisa se deu pelo critério de saturação na realização das entrevistas. Minayo (2017) explica que a entrevista é um instrumento para pesquisas empíricas que buscam a interlocução dos sujeitos participantes, tendo intuito de compreender e valorizar o discurso de todos em seu dinamismo de seu contexto cultural, social e histórico. Contudo, a saturação ocorre quando a realização da coleta de novos dados, novas entrevistas não traz novos elementos que respondam ao objetivo do estudo (Minayo, 2017).

Como critérios de inclusão, estabeleceu-se estar regularmente matriculado(a) em algum curso de graduação, sendo esse seu primeiro curso de graduação, ter idade igual ou maior do que 18 anos, com estimativa de formar-se no calendário letivo referente a 2020, dando-se entre 2020-2021 devido a ajustes decorrentes dos protocolos da pandemia. E também interesse em participar das entrevistas de forma online.

O critério de exclusão foi realizar alguma atividade laboral remunerada, que não fosse estágio, no momento da pesquisa. Entretanto, um dos participantes no período da pesquisa já tinha sido efetivado, contratado no local onde realizou estágio. Optou-se por considerar a sua participação devido ao conteúdo de sua entrevista, do seu interesse em participar e buscar compreender seu processo de transição já que ainda não saiu da universidade, mas já está inserido no mercado de trabalho. E, a contratação desse entrevistado se desencontrou do término da faculdade devido às alterações do calendário acadêmico de 2020, devido aos protocolos de saúde em função da pandemia COVID-19.

4.3 Instrumentos

Foi realizada uma pesquisa empírica utilizando uma entrevista com roteiro semiestruturado (Apêndice B) buscando realizar uma conversa guiada em que o participante possa relatar sua experiência, de forma que possa responder ao objetivo de pesquisa (Minayo, 2008). Esse instrumento é composto por 28 questões que contemplam os objetivos do estudo construídos a partir do referencial teórico, com intuito de propor a interlocução entre os sujeitos participantes e pesquisadora, para que assim possa-se compreender os fenômenos pesquisados. Em algumas entrevistas foram realizadas algumas perguntas fora do roteiro que permitiram apreender o conhecimento sobre o perfil e percurso dos participantes.

4.4 Procedimentos

Em um primeiro momento este estudo foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da FURG, que tem como função defender o interesse dos participantes de pesquisa, garantindo que os estudos sejam realizados de acordo com os padrões éticos consensualmente aceitos e legalmente preconizados funcionando de forma coordenada e descentralizada por meio de um processo de acreditação, conforme Resolução nº 466 de 2012 e nº 510 de 2016, ambas do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Após aprovação sob o número de parecer 4.450.539 (Anexo A), a pesquisadora principal fez contato com o primeiro sujeito participante, por conveniência, e, em seguida, para realizar a técnica bola de neve para seleção dos outros sujeitos participantes. Logo após, foi realizado o contato com aqueles prováveis formandos que condizem com os critérios de inclusão e exclusão para participar do estudo.

Neste momento, foram contatados aqueles sujeitos que se adequaram aos critérios do

estudo, e convidados a participar, demonstrando estar de acordo com os procedimentos por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, vide Apêndice C). Em decorrência do isolamento social, o TCLE foi enviado por e-mail, para que retornassem sobre seu consentimento. A versão assinada pela pesquisadora foi enviada por email para os participantes, avisando-lhes que uma versão impressa está com a pesquisadora responsável (orientadora da pesquisa) em sua sala de permanência no campus sede, para que quando tenham interesse, possam buscar sua versão do TCLE. Ademais, as pesquisadoras têm o consentimento de todos os participantes, em que dois participantes conseguiram enviar suas versões assinadas e os demais (quatro deles) encaminharam por escrito, em resposta ao e-mail enviado com o documento, seu acordo e interesse em participar do estudo.

Os estudantes participaram de uma entrevista, cujo roteiro já foi mencionado, instrumento que foi utilizado para produção das informações. Devido ao contexto da pandemia do COVID-19, as entrevistas ocorreram de forma remota por meio de chamada de vídeo. O encontro para *rapport* foi realizado pelo aplicativo Whatsapp, pensando em um fácil acesso dos sujeitos participantes a esta ferramenta. Já as entrevistas foram realizadas pelas plataformas *Skype* e *GoogleMeet*, de acordo com a preferência de cada participante. As entrevistas foram gravadas para auxílio na transcrição de forma literal, para utilização na análise dos resultados, respeitando todas as normativas de segurança, sigilo e suporte aos participantes.

E, por fim, realizou-se a devolutiva das informações levantadas no campo de pesquisa por meio do envio para cada participante da transcrição de sua entrevista. E, também, convidando-os para defesa da dissertação.

4.5 Considerações éticas

O projeto de pesquisa foi submetido para a avaliação do CEP/FURG, seguindo as orientações da Resolução nº 510 (2016) e da Resolução nº 466 (2012) por se tratar de um projeto de pesquisa envolvendo seres humanos. Somente após a aprovação do CEP/FURG, os participantes foram convidados a participar da pesquisa e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, vide Apêndice C).

A pesquisa tem risco mínimo para com seus sujeitos de pesquisa. Porém, ao decorrer da entrevista, ao relatar sobre percurso universitário e expectativas para o período de recém-formado, emergiram emoções de desconforto, em que alguns participantes descreveram sentirem-se ansiosos, inseguros e pessimistas quanto a esse período. Para isto foi comentado sobre a garantia de assistência imediata integral e gratuita em saúde, caso sentissem necessidade, contudo, não houve demanda.

Sendo assim, os sujeitos participaram de um espaço que puderam expor sentidos que atribuem sobre seu momento de graduação, contribuindo para a compreensão dos fenômenos e demandas que emergem na finalização do curso e transição para o mercado de trabalho, possibilitando a argumentação da necessidade da implementação de um projeto de extensão que auxilie os universitários nesse percurso.

A participação preza pelo sigilo de informações de dados que possam identificar os sujeitos, usando informações relativas à identificação pessoal fictícias para apresentação dos dados levantados.

4.6 Análise das informações produzidas

O tratamento das informações produzidas foi realizado a partir da técnica de Análise de Conteúdo (AC), método de organização e análise de dados dentro da pesquisa qualitativa

em que se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação (Bardin, 1997).

A AC permite que se tenha uma hipótese dos resultados em outros momentos em que o método seja replicado. Com a lógica de interpretação de maneira sucinta e essencial (Minayo, 2008), tal técnica busca um desvendar crítico sobre discursos que após transformações passam a permitir a análise de inferências.

Por tratar-se da atribuição dos sentidos usar-se-á o termo unidade de análise, apresentado por Molon (2008) de acordo com os escritos de Lev S. Vygotsky, que permite a compreensão da interação entre pensamento e palavra, assim como a análise dessas unidades. Para compreender os significados e os sentidos das palavras e seus múltiplos sentidos transformando em linguagem que, segundo Molon (2008) “objetiva e subjetiva o sujeito nas relações sociais, nos encontros cotidianos (in)freqüentes e (im)perceptíveis, nos movimentos de apropriação, nas tramas e nas práticas sociais” (p. 62).

É necessário buscar os significados e os sentidos para aquilo que foi dito e para o que não foi dito, mas foi pensado (Molon, 2008). Ainda em acordo com Molon (2008) os significados das palavras vão se transformando ao longo do tempo e, cada palavra deixa de ser apenas uma palavra pelo significado que lhe é atribuído. Em referência à obra “Pensamento e linguagem” de Vygotsky, tanto o pensamento como a linguagem, em especial as palavras, possuem um conceito e, a palavra passa a ter uma generalização para descrever a realidade, pois o significado possibilita a comunicação humana e elaboração de um pensamento comum sobre os significados trazidos nas palavras comunicadas. É a partir do significado que se dá a relação entre a palavra que foi verbalizada e o pensamento.

O pensamento se realiza na palavra e esta ganha significado pelo pensamento.

O pensamento passa a existir através da palavra, mas para isso atravessa

diversas transformações, pois a fala não é cópia do pensamento. Dessa forma,

a linguagem e o pensamento são orientados por questões diferentes, impossibilitando a transição direta do pensamento para a fala (Molon, 2008, p. 61).

Para Molon (2008) é por meio dos significados que os pensamentos se objetivam e se tornam visíveis ou possíveis de descrição. As palavras têm múltiplos sentidos, em que o processo de significação depende de mediações. O significado das palavras são convencionais e, por isso, podem ser generalizadas. Contudo, o sentido é o resultado desse significado: é complexo, dinâmico e fluido. Isso significa que o significado e o sentido se integram, porém não são a mesma coisa, não são sinônimos. O significado da palavra é mais estruturado e estável e, como afirmou Vygotsky (2007/1934), é uma zona mais estável. Enquanto o sentido se modifica com o contexto, a palavra não perde seu significado, mas o sentido a partir da verbalização dos pensamentos elaborados se modifica entre as pessoas e situações. Isso permite à linguagem ser além da análise de discursos, diálogos, escritas dentro de suas particularidades, evitando inferências pré construídas. Estar disposto a prestar atenção no pensamento que é expresso pelas palavras permite compreender o sentido do que foi dito e os processos de significação do sujeito que fala (Molon, 2008).

Minayo (2008), a partir de Bardin (1997) sobre a AC, traz como uma das possibilidades para o tratamento dos resultados, os núcleos de sentidos. É um conceito compatível à abordagem da PSH em que se entende a constituição dos significados a partir da relação mútua entre sujeito e realidade, então convencionou-se como forma de apresentação dos sentidos descobertos neste estudo. Essa relação forma a subjetividade, que de acordo com Molon (2008) dá seguimento ao processo de significação e atribuição de sentidos. Esse processo é constituído por aspectos psicológicos, biológicos, relações naturais e mais também

por aspectos histórico-culturais. Logo, quando se ouve alguém tem-se a compreensão sobre o seu contexto e sua maneira de atribuir significados.

A produção de sentidos nesta dissertação está relacionada à transição da universidade para o mercado de trabalho e, para isso, é preciso entender aspectos constitutivos desse processo. Assim, no momento em que foi possível realizar a pré análise, foi realizada uma leitura flutuante esquematizando núcleos de sentidos (Bardin, 1997) em que os relatos trouxeram conteúdos em comum e responderam aos eixos das questões trazidas na entrevista, para que, então, fosse feito o tratamento dos resultados através do modelo de análise de núcleos de sentidos. E, assim, fazer interpretação dos dados de acordo com o referencial teórico. Chamou-se de núcleos de sentido, conforme Minayo (2008), buscando integrar a AC (Bardin, 1997) à análise sugerida por Molon (2008).

Com o objetivo de, a partir do olhar da OPC compreender os sentidos atribuídos por formandos na passagem da universidade ao mercado de trabalho, demanda-se conhecer sobre conceitos que transpassam esse movimento. Após a realização das entrevistas, em um primeiro momento realizou-se a transcrição de cada uma das gravações realizadas. Em um segundo momento buscou-se organizar e familiarizar-se com o material construído, neste momento foram realizadas leituras atentas com o objetivo de identificar os conteúdos que apareceram. Para isso foi-se destacando trechos das falas dos sujeitos participantes e criando códigos abrangentes sobre a ideia que apareciam nas falas. Esses códigos foram organizados em três eixos que contemplam uma variedade de assuntos que permeiam o código criado. Essa etapa permite perceber a frequência e intensidade dos trechos destacados com que esses temas aparecem, tal como expresso no Quadro 2.

Quadro 2 - Apresentação da construção dos núcleos de sentido

Núcleos de sentido	Objetivo específico	Objetivo Geral
---------------------------	----------------------------	-----------------------

Ser universitário: a realização da escolha, vivências e concepções da graduação	Conhecer o percurso universitário dos formandos;	Compreender os sentidos atribuídos pelos formandos à transição universidade - mercado de trabalho.
Ser formando: Processos para a saída universidade	Investigar as práticas formativas de finalização do curso; Investigar prováveis impactos da pandemia nestes processos;	
Entre ser formando e a inserção no mercado de trabalho: Repercussões da formação sobre as concepções e práticas de acesso ao mercado de trabalho	Investigar as práticas de acesso ao mercado de trabalho; Investigar as expectativas dos formandos quanto ao apoio universitário na transição universidade-mercado de trabalho.	

Fonte: Dados da pesquisa

Esta etapa contribuiu para a produção dos núcleos, a partir dos trechos que mostraram-se significantes nas falas dos sujeitos. Neste momento, refinou-se os conteúdos produzidos e para organização dos núcleos de sentidos.

Após este momento fez-se a revisão destes núcleos, para certificar-se de que nenhum trecho ficou deslocado. E, com esta organização possibilitou a reavaliação, o refinamento e organização dos conteúdos expostos por cada um dos núcleos de sentido, para que os nomes de cada núcleo satisfizesse e permitisse o entendimento de forma certa sobre o que é apresentado em cada uma, isso possibilitou a realização de uma análise sucinta e essencial, como propósito da AC segundo Minayo (2008) apoiando sua análise nas teorias de Bardin (1997). Ainda nesta etapa foi criada a caracterização das unidades contextuais e, por fim, esse processo gerou a construção das discussões sobre os conteúdos nos relatos dos entrevistados correlacionando-os com a literatura. A técnica de análise utilizada permitiu desvendar de forma crítica os discursos para a análise das conclusões (Molon, 2008).

Após a organização dos trechos dentro de cada núcleo, voltou-se à codificação, para construção de caracterização das unidades contextuais. Organizado da seguinte forma, conforme Quadro 3.

Quadro 3 - Apresentação da caracterização das unidades contextuais

Núcleos de sentido	Caracterização das unidades contextuais
<p>Ser universitário: a realização da escolha, vivências e concepções da graduação</p>	<p>1.1 - A escolha pela universidade e pelo curso e o primeiro contato com a universidade</p> <p>1.2 - Desafios da permanência na universidade</p> <p>1.3 - Vivências de uma graduação e concepções sobre o curso</p> <p>1.4 - Estar em uma IES e compreensão sobre ser universitário</p>
<p>Ser formando: Processos para a saída universidade</p>	<p>2.1 - Processos de finalização das atividades acadêmicas</p> <p>2.2 - Vivências acadêmicas e a contribuição para visão de mercado de trabalho</p> <p>2.3 - Como a pandemia modificou as vivências deste período</p> <p>2.4 - Sentimentos sobre o contexto pandêmico e concepções dos seus reflexos na inserção para mercado de trabalho</p>
<p>Entre ser formando e a inserção no mercado de trabalho:</p> <p>Repercussões da formação sobre as concepções e práticas de</p>	<p>3.1 - Compreensão de trabalho e da formação em ensino superior</p> <p>3.2 - Vida acadêmica e trabalho e as expectativas para após formatura</p>

acesso ao mercado de trabalho	3.3 - Apoio da universidade 3.4 - Universidade e mercado de trabalho 3.5 - Expectativas dos formandos em sua área no mercado de trabalho
-------------------------------	---

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a explicação da condução dos percursos metodológicos permite entender como se fez a produção e análise das informações. Logo apresenta-se a análise destes resultados elaborados.

CAPÍTULO V: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir da pergunta de pesquisa, expressa no objetivo geral do estudo, foram definidos objetivos específicos. Os objetivos específicos são respondidos pelos núcleos de sentido construídos e o resultado de todos eles atendem a construção do objetivo geral. Para apresentação destes resultados fez-se a relação dos relatos dos participantes com o referencial teórico para compreensão de como os discursos dos sujeitos se articulam com a literatura científica apresentada na fundamentação teórica, a qual embasa a dissertação. Em seguida são apresentados os núcleos de sentidos construídos.

Núcleo de Sentido 1- Ser universitário: a realização da escolha, vivências e concepções da graduação

Este núcleo busca conhecer o percurso universitário dos formandos, respondendo ao primeiro objetivo específico do estudo. Para isso os trechos selecionados apresentam relatos sobre a escolha pelo curso de formação na Universidade, primeiras impressões no ingresso na universidade e também suas concepções sobre estar dentro deste espaço. Apresentam, também, relatos das vivências que se destacam ao longo da formação, como relacionam sua formação com as possibilidades de atuação no mercado de trabalho, assim, trazendo suas concepções sobre ser universitário. Tal núcleo é composto por quatro unidades contextuais analisadas a seguir.

1.1 - A escolha pela universidade e pelo curso e o primeiro contato com a universidade

A escolha pela universidade e pelo curso de graduação é construída pela história, contexto, cultura, entre outras dimensões que forjam os valores e as referências de cada pessoa. Assim, entende-se que por vezes a escolha não é desprendida de questões sociais e

econômicas e, sim, determinadas pelas possibilidades do sujeito (Tessaro e Schmidt, 2017; Soares, 2002). Os trechos apresentados a seguir demonstram esses aspectos:

Me apaixonei mais profundamente na época do ensino médio, no cursinho pré vestibular. Toda aquela cena (aulas, licenciatura, docência) era para mim apaixonante, sabe?! Daí eu escolhi a história em razão de ser das humanas e eu sempre fui muito na volta de questões sociais, do estudo do que a gente pode fazer para mudar o mundo... na minha cabeça de 17 anos era meu sonho! E eu escolhi pela [Universidade], na verdade eu queria [outra universidade federal próxima] porque era mais próxima dos estudos que eu queria me aproximar, só que eu fiquei na [Universidade] por razão socioeconômica, por questão de eu viver [na cidade da Universidade] ser mais fácil! (Eunice)

Não foi só para a Eunice que um dos fatores de escolha pela universidade foi a localização próxima de casa, assim como ela Arthur também relata que pode se manter durante a graduação morando com os pais, fato que considera uma comodidade para sua possibilidade acessar a universidade se mantendo na cidade em que já morava. D'Ávila (2014), em sua tese, argumenta que alguns sujeitos relacionam a escolha por uma universidade pelo fato de ela ser mais próxima da sua cidade ou casa. Isso pode tornar-se um fator capaz de afastar uma possível desistência do curso, devido à diminuição de despesas e ao fácil deslocamento entre universidade e residência e/ou trabalho.

Dentro do contexto familiar, alguns dos entrevistados relatam ser a primeira geração que se insere em uma IES. Helena veio de uma região interiorana, em que poucas pessoas acabam migrando para dar seguimento aos estudos, mas ela teve incentivo de familiares e professores. Ana, por sua vez, conta que seus pais, sendo a mãe costureira e o pai construtor civil, veem a oportunidade de ela terminar a graduação como uma forma de ascensão social.

Melo-Silva et al. (2004) expõem que a procura de estudantes brasileiros por universidades públicas é muito grande, devido ao fator econômico e a qualidade destas instituições ser reconhecida nacional e internacionalmente. As autoras explicam que a universidade constitui-se em espaço de manutenção do status da classe média alta e, por outro lado, em possibilidade de ascensão social de pessoas da classe média baixa que conseguem romper as barreiras ritualizadas do vestibular.

Prandi (1982) traz que esse entendimento sobre a universidade pode ser uma ferramenta para a ascensão social, pois ela atua na sociedade em uma funcionalidade, reproduzindo o modo de produção capitalista. Assim, o desempenho da instituição acadêmica é satisfatório por proporcionar força de trabalho qualificada para atender as demandas da sociedade. Contudo, o autor ressalta a importância de a universidade se colocar como um espaço de pesquisa, criação, produção de conhecimento, reflexão e crítica para que não se subordine de forma alheia a apenas atender essa criação de demanda do modo de funcionamento econômico do país (Prandi, 1982).

Lilian se diferencia do restante dos participantes por não ter se inserido na universidade logo após o EM. Ela tem um percurso laboral anterior para que pudesse nesse momento, aos seus 42 anos, estar concluindo a graduação. E Henrique traz como é ser o primeiro da família a estar dentro do espaço acadêmico:

Para mim era uma coisa muito nova, eu sou a primeira pessoa da minha família a fazer universidade né, entrar em universidade e aí para mim tudo que eu aprendia, tudo que eu via era muito novo eu pensava: meu Deus, aí, que legal (Henrique).

Nota-se que em muitos grupos o fenômeno de ser a primeira geração a ingressar em uma IES, em especial nas universidades públicas. Isso pode estar relacionado com mudanças

no mercado de trabalho e políticas de acesso às universidades nos últimos anos que têm ampliado a entrada nesse espaço. Antes, esta inserção era apenas para grupos seletos que passavam de geração em geração, relacionado com ter condições econômicas altas para essa possibilidade (Guimarães et al., 2017). A partir da discussão apresentada por D'Avila (2014) a universidade não foi uma oportunidade para os familiares de muitos dos grupos que hoje são a primeira geração de suas famílias a estarem cursando um curso de graduação. Bittar et al.(2008) explicam que isso ocorreu porque até a década de 1960 a entrada na universidade se dava por caráter convencional em universidade com predileções religiosas (Pontifícias Católicas) e em iniciativas públicas para as altas camadas da sociedade .

Frigotto (2009) explica que essa condição acontece devido aos modos de produção da sociedade relaciona-se com a divisão social do trabalho, que lugar o sujeito ocupa na sociedade de acordo com seu labor e o que tem acesso de possuir. Tal situação pode gerar uma organização hierárquica de como os sujeitos são dispostos. Frigotto (2009) menciona que essa disposição se dá pelas classes dominantes e as classes dominadas teorizadas por Karl Marx. Essa discussão leva ao debate a seguir sobre as circunstâncias que perpassam a permanência e manutenção dos sujeitos dentro do espaço acadêmico.

1.2 - Desafios da permanência na universidade

A partir das políticas de inclusão social de acesso e assistência estudantil, busca-se atender as necessidades de acesso e permanência de grupos em vulnerabilidade social na universidade. Com isso, para inserção, estas ações fundamentam políticas de acesso de grupos étnico-raciais e advindos de escolas públicas com desprivilegio econômico. Vargas e Paula (2013) problematizam o desenvolvimento dessas ações são fundamentais, pois se vive em um contexto em que a maior parte dos universitários trabalham e, ainda assim, as políticas

públicas e legislação do país não dão conta das particularidades da condição de ser estudante-trabalhador ou trabalhador-estudante¹³. Para garantir que esses sujeitos tenham recursos para se manter neste espaço contam com políticas de assistência estudantil para permanência destes alunos tendo processos para acesso à moradia universitária, alimentação, transporte, bolsa permanência (Guimarães et al., 2019).

As políticas de assistência estudantil são fundamentadas pelo Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), decreto 7.234, de 19 de julho de 2010, que permitiu implementação da Política Nacional de Assistência Estudantil (Decreto 9.234/2010), instituída através do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), Decreto 6.096/2007, o qual tem importante papel na permanência dos estudantes do ensino superior (Gazotto, 2014). As universidades públicas ainda têm características de auxílio ao acesso e à permanência que instituições privadas ainda não têm, apesar de terem formas de acesso através de programas de oferta de bolsas para subsidiar o valor das mensalidades. Mesmo assim, para maior parte da população, a assistência das instituições públicas tal como transporte, alimentação subsidiada, moradia estudantil, bolsas de pesquisas, etc, são decisivos para a conclusão da graduação (Jardim & Almeida, 2016). Na Universidade onde a pesquisa foi realizada, as ações do PNAES estão sob esfera de organização de uma das pró-reitorias, responsável pela execução dos programas de auxílios e benefícios da assistência estudantil, e pelo lançamento dos editais de Inclusão e Renovação para os auxílios existentes atualmente: Moradia Estudantil, Alimentação, Transporte e Infância da Universidade.

O participante Henrique, por exemplo, durante o período de graduação foi morador da Casa do Estudante Universitário (CEU) e, abaixo, relata sobre o primeiro momento de acesso

¹³ Essas expressões foram cunhadas no estudo de Marialice Foracchi, no livro “O estudante e a transformação da sociedade brasileira” publicado pela Editora Nacional em 1977.

a este recurso:

Mas enquanto eu estava [na cidade do campus-sede] eu morei na CEU e isso é um fator bem difícil de adaptação porque eu morei com outras 59 pessoas, então, foi isso, eu morava com os meus pais, e é um baque muito grande. Tu mora com 59 pessoas desconhecidas, eu acho que o mais difícil foi realmente adaptação com as pessoas. Com o curso não foi muito difícil em si (Henrique).

Além do Henrique, a Helena e a Lilian também são estudantes moradoras das CEUs.

Na cidade do campus em que foram feitas as entrevistas, sendo o maior deles em extensão, a Universidade tem oito CEUs procurando atender a demanda de procura por moradia estudantil, tendo algumas na localidade interna da Universidade, outras nas redondezas e também no centro da cidade, além das CEUs localizadas nos campi universitários, que atendem a demandas dos campi de outras cidades. Lilian comenta que poder contar com a alimentação e moradia ao longo da graduação é uma proteção para poder se preocupar exclusivamente com seus estudos e estágio. E Helena complementa que é um pouco impactante contar com esse auxílio, pois o processo para aprovação do edital referente a esta assistência leva um tempo para finalizar e saber se o estudante poderá contar com ele ou se terá que se organizar para conciliar com o trabalho.

Tal situação é mencionada por Vargas e Paula (2013) como estudante-trabalhador, quando para manter o objetivo de estudar precisa também pensar em manter condições socioeconômicas concomitantemente. Já ao se referirem ao trabalhador-estudante, o sujeito tem como acaso a escolarização, em que a escolha do curso se dá por algo que não inviabilize a manutenção de seu trabalho, o trabalho aparece em primeiro lugar. Esse fato sugere que apesar da existência do PNAES, ainda há desafios para suprir a demanda do número de estudantes que precisam contar com estes auxílios/benefícios. Diferente dos demais

entrevistados com outras formas de permanência, como bolsa em projetos desenvolvidos dentro dos seus cursos e mantiveram-se na casa de seus familiares como Eunice e Arthur, ou morando sozinhos como Ana, Henrique, Helena e Lilian foram moradores das CEUs.

1.3 - Vivências de uma graduação e concepções sobre o curso

Apresenta-se a seguir a fala de Lilian, uma participante que se diferencia dos demais entrevistados pela sua idade. Diferente dos outros entrevistados na pesquisa, considerados jovens adultos, de acordo com o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013) - como apresentado introdução, os quais conseguiram emendar o fim do EM com a inserção na universidade, Lilian teve um contexto em que as oportunidades de acesso ao ensino superior eram mais obstaculizadas, pois as políticas afirmativas e de acesso às IES estavam em fase de discussão e construção (Guimarães et al., 2017), a estudante, assim, cumpriu outras exigências laborais antes de retornar aos estudos.

A realização dessa meta é muito pessoal, porque eu estava até comentando com uma amiga que ser universitária, pra eu estar na universidade, hoje, eu fui contra muitas pessoas. Porque algumas pessoas me falavam “pra quê estudar na tua idade?”, e isso é complicado. É complicado ser mulher, ser de baixa renda, fazer aquilo que as pessoas não acreditam. Só que estudar é um direito de todo mundo e eu sempre quis, mas já cheguei a ouvir que ficar estudando, estudando, deixa louco... na real deixa mesmo, mas eu vou ser uma louca com canudo (Lilian)!

Os estudantes trazem suas principais concepções sobre a graduação, tais como as ações governamentais, por exemplo. Por meio de políticas públicas, através de fomentos para a manutenção de projetos de ensino, pesquisa e extensão, os estudantes apresentam como

concebem a Universidade.

Acho que uma das principais coisas ... foi tipo, nossa, a universidade federal é muito interessante, foi essa troca de culturas, troca de vivências e de experiências com pessoas de todo o país, né, e pessoas de fora do país também. De conhecer gente, sei lá, conhecer gente do Amapá que é um estado que possivelmente eu nunca ia conhecer ninguém e, daí a universidade federal me proporcionou isso, além de grupos de pesquisa, ter acesso à coisas diferentes, ter acesso à políticas públicas e entender de que maneira essas políticas públicas elas são afetadas, e de que maneira isso afeta no nosso dia a dia também (Ana).

Nem sempre há uma relação próxima do estudante com o conhecimento sobre a funcionalidade e a existência de referidas políticas públicas dentro da Universidade, tal como menciona a entrevistada Ana.

Gazotto (2014) buscou em seu estudo conhecer a Política de Assistência Estudantil na Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Ela analisou o PNAES e identificou as condições de acesso e permanência dos discentes atendidos pelos serviços dessa Pró-reitoria no setor de Serviço Social. Encontrou que os estudantes têm conhecimento das políticas públicas educacionais, ainda que de cunho neoliberal, e apontou a necessidade dos auxílios para a permanência dos discentes, porém os mesmos demonstram não saber bem como funcionam ou como acessar a essas políticas do PNAES, enquanto direito do público da assistência estudantil.

Por outro lado, o entrevistado Arthur comenta como a participação em projetos de pesquisa, com bolsa, isto é, com programas de incentivo à pesquisa, contribuíram para construção da sua formação:

... uma coisa que eu relaciono muito a minha graduação é com o PET, né, ter sido parte do PET [de um curso na área das Ciências Exatas]. Para mim o Programa de Educação Tutorial foi o mais marcante da minha graduação de longe, assim, desde o ingresso, logo no início de 2016, no meu primeiro ano ... Sinceramente, hoje o PET foi muito o que fez valer a minha graduação, fez esta graduação valer a pena, né, muitas vivências que eu tive, o que cresci, experiências que eu tive... foram ... resultado desses três anos que eu fiquei dentro do programa. Outros momentos ali que me marcaram bastante foi estar dentro da organização do Evento Nacional [na área de atuação] que também foi uma coisa que o PET me proporcionou, me deu essa oportunidade. ... ter sido selecionado para bolsa de estudos do Santander Ibero-Americanas¹⁴ o que eu também dou total crédito ao PET¹⁵ (Arthur).

Este relato está de acordo com a literatura apresentada por Sousa e Gonçalves (2016), em que demonstra que estudantes que tiveram experiências extraclasse, além da sala de aula, demonstram-se mais preparados para enfrentar o mercado de trabalho e tendem a avaliar seu percurso de forma mais positiva.

1.4 - Estar em uma IES e compreensão sobre ser universitário

Mognon e Santos (2014) direcionam que a experiência de fazer uma faculdade, estar no ensino superior são importantes fatores de ensino, aprendizagem, qualificação, mas também o meio social que impulsiona novas relações interpessoais com professores e colegas. Estes são aspectos que influenciam em como o estudante compreende a vivência da

¹⁴ O programa de Bolsas Ibero-Americanas do Santander oferece bolsas para fazer intercâmbio em Portugal, na Espanha e em outros sete países durante um semestre da graduação, do mestrado ou do doutorado. Elas incentivam e promovem a mobilidade acadêmica de estudantes de graduação entre universidades.

¹⁵ Programa de Educação Tutorial é um programa do Governo Federal brasileiro de estímulo a atividades de pesquisa, ensino e extensão universitárias, no nível de graduação.

sua graduação e dependendo de como se estabelece, tendem a ser pontos positivos para permanência e qualidade desta experiência. Assim, Ana faz um panorama sobre suas vivências e o que entende por ser universitária, ressignificando as possibilidades ofertadas dentro do Ensino Superior.

Ainda bem que eu aproveitei a universidade, eu aproveitei tudo que ela podia me oferecer: viagem, espaços, eventos, palestras. Aproveitei também tudo que ela podia me oferecer de rolês¹⁶, de festas, conhecer gente, de fazer amigos, então, eu acho que tipo é um ciclo que está se encerrando. Isso me deixa um pouco triste, mas, ao mesmo tempo, esperançosa porque vai abrir caminho para um ciclo novo iniciar, né, e, se Deus quiser, um mestrado (Ana).

O acesso e a inserção dentro de IES se tornou mais atingível a partir de políticas e programas. Guimarães et al. (2017) dissertam que tal ampliação ocorreu entre os anos 1991 e 2010, impulsionando uma expansão do sistema de ensino superior através das políticas que visam a democratização de acesso para população mais vulnerabilizada, ou que sem essas ações não teriam como se inserir ou permanecer na universidade. Abordam as questões demográficas de acesso à universidade como impactantes na inserção de grupos neste meio. Nesse sentido, Arthur discorre sobre a regionalidade da universidade a qual foi realizado o estudo, com a “cultura” de uma região universitária, quando no espaço escolar é conhecido e divulgado sobre o acesso à Universidade, algumas vezes incentivado, em que a comunidade tem acesso aos serviços através dos projetos de extensão, então, a Universidade se torna parte do funcionamento do município. E, além de pontuar a região privilegiada pela proximidade geográfica da Universidade, a mesma cidade contar ainda com a possibilidade de ensino técnico profissionalizante, com os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

¹⁶ Expressão utilizada para se referir a encontros informais, passeios, festas de pequeno porte, etc.

(IFs). Neste trecho ele comenta os privilégios de morar na região e ter a possibilidade de ingresso, sem precisar se deslocar geograficamente:

Olha, hoje na região, né, é uma coisa muito anômala que a gente tem. Temos duas universidades federais muito grandes com 40 km de distância, isso é uma coisa que não acontece no resto do Brasil, é uma coisa bem rara na verdade. Ter duas universidades federais da dimensão que é a [Universidade] e a [universidade situada na cidade vizinha] tão próximas uma da outra. Então, para gente, por estar em uma cidade universitária, né, e eu sou crescido aqui, muitas vezes eu já achei que – bah, graduação é uma coisa normal, né, principalmente, graduação em universidade federal. Mas não é, eu acho que é um entendimento que tu vai construindo ao longo do tempo. Eu vejo que consegui observar os meus privilégios, os privilégios das pessoas que me cercavam e notar até o privilégio regional (Arthur).

Já Eunice traz um ponto de contraste quanto ao status que os cursos de graduação apresentam entre si a partir de uma construção social em que alguns cursos são legitimados com mais prestígios do que outros. O prestígio costuma ser direcionado para aqueles intitulados como as profissões imperiais, que são Medicina, Direito e Engenharia, tal como explica Vargas (2010), historicamente esses cursos produziram práticas monopolísticas que reforçaram suas posições de prestígio e estabeleceram barreiras frente às demais profissões. A entrevistada comenta como essa ideia permanece atualmente e também o imaginário da universidade como forma de ascensão na hierarquia social:

Eu vim de escolas públicas toda minha vida, se coloca [dentro da escola] a universidade como a única maneira, única maneira de subir na vida, como se a única maneira fosse a universidade. É extremamente importante a educação

formal, perfeito! Mas não é tão simples assim, eu sei que eu não tenho o mesmo valor, entre aspas, do que o colega ... que entrou para Engenharia, que entrou para Medicina (Eunice).

Prandi (1982) discorre que o modo de produção impõe uma forma de relação entre a educação superior e as mudanças econômicas sociais. Para o autor as modificações no ensino superior e no mercado de trabalho como as exigências quanto ao desempenho profissional só fazem sentido se atenderem a demandas do desenvolvimento do país de forma qualificada. Logo, a universidade torna-se uma ferramenta para produzir trabalhadores qualificados para a demanda de trabalho da sociedade, contudo as vagas não são suficientes para o número de procura pelos estudantes diplomados, mantendo uma contínua rede de busca e colocação dos sujeitos em subempregos.

A crítica social também aparece na fala de Helena, sobre como é ser universitária e que, por vezes, é um papel não compreendido como atribuição e parte do funcionamento do mercado de trabalho.

... acho que me vem primeiro à mente é que nós somos trabalhadores em formação, mas, ao mesmo tempo, acho que a sociedade talvez não reconheça muito isso, assim, né. Acho que ainda tem algo no sentido de que “ah tu só estuda, tu não trabalha”, acho que isso é um pouco presente por parte das pessoas que não estão na universidade, não tem muita ideia do que seja. Mas acho que é um ambiente bem desafiador, bem difícil de estar assim, né, tem várias questões que perpassam desde a tua condição financeira, se tu tem maiores condições tu vai ter o maior conforto, vai ter mais possibilidade (Helena).

Melo-Silva et al. (2004) comentam sobre a influência de determinantes econômicos

na experiência de quem busca pela universidade e/ou para permanecer nesse espaço. Ou seja, quando as famílias podem custear os estudos de seus filhos, esses sujeitos têm maior liberdade para escolher sobre sua carreira universitária ou tecnológica. Já outros precisam trabalhar para a própria manutenção, limitando a tal “liberdade de escolha”, o que aponta para que estes, muitas vezes, precisem optar por cursos noturnos para conciliar com o trabalho. Em algumas situações, esta limitação por fatores educacionais e socioeconômicos, geram problemas de escolha e adaptação ao curso.

Em seguida, Ana dá continuidade sobre a ideia de ser universitária, estar na universidade e as perspectivas desta realização no campo profissional.

E, por mais sucateada que seja a universidade pública, por mais negligenciada, por mais que tenha retirada de direitos o tempo todo e cortes de verbas, eu acho que é uma experiência muito importante. Apesar da Universidade ... ser moldada dentro deste molde capitalista eu acho que ela ainda assim abre um leque de oportunidades para uma vida profissional, ... a educação hoje é vista como o meio de ascensão social, né, ... por exemplo, meus pais não tiveram acesso e meus pais se fuderam muito tempo durante a vida trabalhando, desculpa o palavrão, eles ralaram muito para eu poder tá aqui sabe e eu não vivo aqui com luxos, sempre tive que trabalhar e abrir mão de várias coisas para estar aqui estudando (Ana).

De acordo com Silva (2004), 80,7% dos estudantes universitários declaram que em algum momento de sua graduação conciliaram os estudos com o trabalho, que os estudantes que mais trabalharam durante a graduação foram os egressos da universidade estadual (95,0%), seguidos pelos egressos da universidade federal (83,4%) e, então, os que realizaram a graduação em instituições privadas (68,7%). Logo, a autora aponta o fato de que os

estudantes trabalham e isso repercute em uma transformação da universidade que foi construída e, até antes da expansão do acesso, que se deu em torno de 2010 com as políticas acesso e de assistência estudantil, já mencionadas, era de acesso e permanência apenas para camadas de elite. A autora ainda apresenta que a premência em trabalhar, muitas vezes, está relacionada com a renda familiar, quanto menor o nível de instrução dos pais, maior a necessidade deste estudante conciliar o estudo com o trabalho, como Ana relata em sua fala.

Mais uma vez, aparece a relação entre ensino superior e a possibilidade de ascensão social, a conclusão da graduação visando melhores condições socioeconômicas e reconhecimento profissional. Contudo Prandi (1982) encontrou, na década de 1980, que quando os universitários pensam sobre seu futuro profissional, tendem a ter previsões pessimistas e decepção sobre as oportunidades de trabalho, pontuando o questionamento sobre os desafios de a universidade acompanhar as transformações do mercado de trabalho. O autor comenta ainda que os estudantes demonstram pouca consciência sobre as transformações sociais e como o mercado de trabalho atende a essas transformações. E, que a universidade não tem como garantir essa ascensão social, uma vez que ela faz parte e funciona com uma grande formação de pessoas aptas ao trabalho e com vagas que não suprem sua procura. A graduação, então, pode ser uma possibilidade para melhores colocações sociais, mas não o é para todos.

Núcleo de sentido 2 - Ser formando: Processos para a saída da universidade

Este segundo núcleo de sentido responde ao segundo e terceiro objetivos específicos: investigar as práticas formativas de finalização do curso e investigar prováveis impactos da pandemia nestes processos. Então, os excertos das falas dos participantes expõem aqui quanto a sua experiência de ser formando, assim como seu entendimento sobre a finalização desse

período de formação e as finalizações destas atividades, os reflexos na inserção laboral e práticas de acesso ao mercado de trabalho. Os interlocutores trazem como é estar finalizando sua graduação em meio a este contexto da pandemia COVID-19, relatam a continuidade das atividades acadêmicas, como foram as aulas remotas e as expectativas de ser formado neste período. A seguir, são caracterizados tais aspectos.

2.1 - Processos de finalização das atividades acadêmicas

A formatura tende a ser um momento de muitas expectativas e desencadeadora de ansiedade. Esta finalização é um processo em que o estudante usa seus conhecimentos e experiências para a busca por novos objetivos profissionais e pessoais (Mognon & Santos, 2014). A participante Helena, relaciona a sua vontade de finalizar esse momento da graduação e apresenta a manifestação de ansiedade quanto a essa transição, em seu caso, um dos pontos de apreensão é a finalização dos auxílios de assistência estudantil. Ah, é um misto de sentimentos! Acho, primeiro, que ando bem cansada por estar já há sete anos na universidade, há bastante tempo. Na CEU também, precisando de assistência estudantil e tal. E, aí, acho que é uma vontade grande de concluir. Mas é uma insegurança pensar no depois também, uma ansiedade, né, em como vai ser depois, já que na CEU tem dois meses para sair da casa após a colação de grau, né. Então, quer dizer que ano que vem eu não vou ter a CEU mais (Helena).

Para a entrevistada o fato de ter que conciliar a finalização do curso, as expectativas futuras com a organização para deixar a CEU em um curto período de tempo, aponta a preocupação do fim dos direitos ao uso de serviços de assistência estudantil na finalização da universidade, que para uma parcela de universitários é a forma de subsistência. Nota-se a problemática de alguns estudantes adiarem a saída da universidade, para manter acesso a

esses direitos, contudo esta prática poder-se-ia colocar em risco as políticas de assistência estudantil para outros estudantes. Mattos e Bianchetti (2008) constataam que por dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho, muitos estudantes após formarem-se buscam continuar estudando como alternativa de manterem-se economicamente, e adiam a ameaça do desemprego.

Sobre a pandemia, os participantes têm relatos semelhantes ao descreverem como se sentem sobre serem formandos neste contexto, trazem a perda da vivência desse ano, como se este último período fosse apenas a continuidade de mais um semestre por ser inviável realizarem as práticas de finalização como homenagem aos professores, ao momento de estar com os colegas e despedir-se deles, contratempos com as fotos de formatura, preparação para colação, despedida do ambiente físico da universidade. Vivências que são culturalmente construídas como parte do processo de transição entre ser estudante e se tornar profissional (Costa, 2020). Essas vivências de finalização são aquelas que integram diversos simbolismos do término de um ciclo -como disse anteriormente uma das entrevistadas, e na conclusão de um curso de graduação ocorrem desde as cerimônias de despedida, homenagens, entrega do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – quando há o mesmo nos projetos pedagógicos dos cursos, a colação de grau, entre outros momentos que compõem a formatura.

Arthur, fala sobre os sentimentos de ter sua formatura adiada.

Bah, olha, tá sendo estranho ... Eu ia me formar, minha formatura ia ser amanhã ... tava tudo Ok lá no início do ano, tava esperando 12 de Janeiro muito ansiosamente, e agora, minha formatura vai ser remota, provavelmente (Arthur).

Por outro lado, a participante Ana, apesar das transformações deste momento, relata emoções positivas por estar neste processo de finalização, comparando com a finalização de

aspectos de cansaço relacionados à vivência universitária. Mognon e Santos (2014) retratam que o processo universitário apresenta aspectos de desgaste, devido a desafios típicos da vivência universitária.

... a gente fica, meu Deus tem muita coisa para fazer, é muita sobrecarga, aí, eu que sempre trabalhei também tem que conciliar trabalho e estudo, e, às vezes, rodar em alguma cadeira¹⁷, se sentir frustrado por isso então eu sou muito feliz de estar terminando a universidade para acabar com isso, assim, que tipo é uma fonte de angústia e ansiedade (Ana).

No estudo de Santos et al. (2019) a saúde mental dos estudantes universitários apresentam impactos negativos relacionados à sobrecarga do ambiente acadêmico, o distanciamento do ambiente familiar e afetivo para aqueles que migraram de cidade para estudar, dificuldades financeiras podendo causar algum tipo de sofrimento psíquico. Com queixas de ansiedade e estresse, tensão. Dados consoantes ao discurso de Ana, que mora sozinha e, mesmo com apoio dos pais, para se manter, precisou conciliar a graduação com atividades laborais e as cobranças de atender às múltiplas atividades do ambiente acadêmico.

2.2 - Vivências acadêmicas e a contribuição para visão de mercado de trabalho

A realização de atividades extraclasse, como a realização de estágios, por exemplo, e a qualidade destas atividades acadêmicas são aspectos positivos na transição para a primeira inserção no mercado de trabalho. Este aspecto foi encontrado no estudo de Sousa e Gonçalves (2016), apontando que a satisfação com a realização do curso e das vivências acadêmicas repercutem na segurança e preparação para a transição dos estudantes. No estudo de Melo e Borges (2007) um de seus resultados foi:

¹⁷

Componente curricular nos Projeto Políticos Pedagógicos (PPP) dos cursos de graduação.

A experiência de estágio, que os universitários passam antes de se tornarem profissionais com nível superior, pode favorecer uma visão mais realista do mercado de trabalho e uma avaliação mais crítica da Universidade diante de um momento decisivo para o jovem em transição (p. 377).

Assim, Henrique apresenta o desafio da realização de estágio, pois mesmo no seu quadro de horas curriculares o ano de estágio apresenta a realização de menos disciplinas, ainda existem algumas poucas que precisam ser realizadas. Contudo, no seu curso, grande parte das oportunidades de estágio encontram-se fora da cidade sede da universidade. Esta torna-se uma queixa recorrente entre seus colegas de curso, ainda mais para aqueles que necessitam completar horas de atividades complementares, típico desta fase desse curso.

Então, opções até fora de [cidade onde está localizado o campus sede] é difícil porque o nosso curso é presencial, então, eu, por exemplo, eu estava no final do curso e eu ia ter que, se não tivesse o coronavírus, eu ia ter que pedir mobilidade para Universidade daqui, para Federal daqui porque eu não consegui dispensa para fazer as disciplinas de forma online, né, não tem como, daí com o coronavírus eu não precisei fazer isso, né, porque tudo ficou online, mas senão, eu ia ter que ter entrado com processo, não com processo, mas fazer toda a documentação (Henrique).

Ao relatar sobre suas expectativas, o entrevistado conta sua satisfação com a Universidade e relaciona seu desenvolvimento na área de atuação profissional com as oportunidades mediadas por meio de suas redes de relações sociais.

Minhas expectativas? Pior que, olha, expectativa como [profissional de uma área de prestígio] eu não consegui criar expectativas, não caiu a ficha de que eu vou me formar, sabe? A gente fica muito inseguro durante a graduação,

mas agora que eu saí, eu olho para [Universidade] e vejo que é um ambiente muito bom, de qualidade de ensino, então, eu tinha muita insegurança de, será que eu seria um profissional bom ou não? Será que os negócios que eu vou projetar vão explodir? Mas hoje tenho a certeza que fazendo as coisas que eu aprendi e buscando as pessoas certas, nos lugares certos tudo vai dar certo (Henrique).

As redes de relações sociais são a mediação entre o sujeito e o trabalho. Essa discussão está presente no artigo de D'Avila e Coutinho (2019): as vivências e os aspectos sociais dizem respeito à dinâmica de acesso do sujeito ao trabalho e os sentidos que atribui a este. Isto remete à ideia de que os sentidos produzidos se relacionam às práticas dos sujeitos (Coutinho & Oliveira, 2017). A cultura está inteiramente ligada aos processos sociais, políticos e econômicos, logo compõem a forma das experiências. Nesse sentido, Henrique teria razão em apontar que sua trajetória está relacionada com o local e as pessoas que está em contato.

2.3 - Como a pandemia modificou as vivências deste período

O atravessamento da pandemia nas atividades diárias trouxe, na maior parte das vivências, desfechos que não eram esperados impactando o momento presente da graduação, como os planejamentos para o fim deste momento e o futuro profissional (Costa, 2020). A Universidade onde foi desenvolvida a pesquisa teve suas atividades suspensas no dia 16 de março de 2020, após ter iniciado as duas primeiras semanas do ano letivo, tendo retornado de forma remota, atendendo aos protocolos sanitários, em 14 de setembro de 2020.

Eu tive o privilégio de ficar dentro de casa, uma coisa que muita gente não teve. Os dois primeiros meses eu, literalmente, surtei, porque foram três anos

indo para casa do estudante só dormir. Eu vim para [cidade onde está localizado o campus sede] literalmente com esse foco de estudar, então, literalmente a minha vida foi estudar, trabalhar. Esses meses foram os meses em que literalmente eu passei dentro de casa, que eu vivi dentro de casa. Porque era 24h na universidade e no trabalho! Reconheço o privilégio de ficar dentro de casa, de não ter contatos, de não ter que andar para lá e para cá, que a gente sabe que é um privilégio (Lilian).

Em sua fala Lilian também conta ser um privilégio poder cumprir o isolamento social, estando em casa. Essa não foi a realidade de todos os trabalhadores, muitos não puderam parar ou adaptar suas atividades para forma remota: Alguns por serem trabalhadores chamados “linha de frente” no combate ao COVID-19 e outros por trabalharem em serviços essenciais (farmácia, supermercado, posto de gasolina, etc.). Fora aqueles que foram coagidos a permanecer trabalhando para não perderem seus empregos por seus contratantes não compreenderem e/ou negarem a gravidade da pandemia negligenciando o direito dos trabalhadores e condições de trabalho nesse contexto (Souza & Rodrigues, 2021).

Costa (2020) analisou a narrativa de estudantes universitários da Universidade Federal de Viçosa (UFV) que tiveram suas formaturas adiadas devido a pandemia. Segundo seus achados a frustração é apenas um dos impactos que a COVID-19 provocou no ambiente acadêmico. Nos discursos dos participantes dessa pesquisa, Costa (2020) encontrou que esse momento proporcionou-lhes uma reflexão sobre seus projetos de vida e sobre suas expectativas para os seus futuros profissionais. A autora apresenta que quando questionados sobre esta experiência o sentimento que mais emergiu foi a frustração relacionada à impotência diante da situação. Sentimentos análogos aos participantes deste estudo trazem a frustração diante de acontecimentos fora do que tinham planejado.

... começou depois de muita pressão e algumas reuniões com coordenador [de curso] e tudo, eu não culpo ele de maneira alguma, eu acho que estava todo mundo perdido mesmo e ele começou a ter uma ideia de que ia voltar as aulas, e não sei o quê, que a gente ia ficar mais um semestre na graduação e acho que querendo, ou não, isso pesou bastante, sabe?! Porque eu já estaria formada agora, e eu não estou! Então, agora mais um semestre para fazer, e eu não tenho palavras para dizer como isso foi frustrante, porque a gente não teve uma organização mínima, mesmo sendo um curso menos privilegiado e mais difícil de arranjar trabalho. A gente tem uma organização que a gente ia se formar agora e foi pelos ares! (Eunice)

A entrevistada apresenta suas emoções diante do momento de formação somada a essa experiência na pandemia. Até o momento da entrevista havia a incerteza de como esse momento ocorreria, qual seria o desfecho. Após isso, a Universidade conseguiu reorganizar-se divulgando os protocolos para retomada das atividades de ensino, como também os protocolos e calendário de formaturas.

E, no trecho abaixo, um dos participantes traz sua visão sobre essas adaptações da Universidade, e como ocorreram as atividades de ensino remoto, como uma experiência positiva.

A [Universidade] se adaptou bem a essa nova realidade que se impôs aí para nós, eu acho que, assim, as pessoas envolvidas, apesar de ter demorado um pouco, foi tudo feito da melhor forma possível. Tipo, não tenho o que reclamar, pelo menos a experiência que eu tive, falando por mim, as disciplinas que eu tive que fazer os professores foram bem compreensivos em questão de demanda, em questão de horários, em questão das regras que foram estabelecidas, assim, então, tendo em vista nossa realidade, ocorreu tudo bem

(Henrique).

Os estudantes demonstraram frustrações diante da experiência de formar-se em um período de incertezas e readaptações. Quanto ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), possibilitou conciliar atividades, dar continuidade ao ano letivo. Mas o período de finalização da graduação que já tende a ser de reflexão, replanejamento sobre projetos profissionais, cobrou ainda mais flexibilidade e que os planos fossem recalculados. Essas expectativas quanto à inserção no mercado de trabalho são expostas na unidade contextual abaixo.

2.4 - Sentimentos sobre o contexto pandêmico e concepções dos seus reflexos na inserção para mercado de trabalho

A inserção no mercado de trabalho tende a ser um dos aspectos mais esperados após a finalização do curso de ensino superior. Contudo, este momento precisa ser replanejado quando estes recém-formados deparam-se com desafios e percalços na transição, reformulando seus projetos de vida (Melo & Borges, 2007).

Em março de 2020, o Brasil, como os demais países, precisaram se adaptar às normativas de segurança devido a pandemia do COVID-19. Esse fenômeno transformou as atividades diárias, incluindo modificações no mundo do trabalho que intensificaram as crises econômicas em muitos setores (Bridi, 2020). Logo, em muitos âmbitos a taxa de desemprego se acentuou e a inserção em uma primeira atividade após formado também é uma questão que preocupa. No trecho abaixo, Arthur comenta sua preocupação com o momento e prejuízos que percebe comparado a experiências presenciais na universidade:

Eu acho que o mercado se fecha demais agora, é uma crise que vem e que acaba frustrando os planos de muitos e, até a questão do convívio com os

colegas é totalmente diferente, com teus colegas em uma sala do Mconf¹⁸ do que está na sala de aula de fato. Tu perde muito, é muito ruim mesmo, sabe?! Na hora de fazer trabalho, na hora de fazer tudo. ... Daí, eu já fico mais, assim, né, bah, todas as experiências que eu tive no terceiro e quarto ano eu tive em quem me apoiar, meus amigos ali, né, psicologicamente, emocionalmente, até por questão de estudar junto, eles não estão tendo oportunidade de ter isso. Isso também é uma parte do crescimento, uma parte do trabalho em grupo, saber contar com o outro, saber quando pedir ajuda... então, acho que a pandemia afeta muito nessa questão (Arthur).

Na fala de Arthur, além da preocupação com os reflexos da pandemia no mercado de trabalho, ele aponta como as transformações das relações humanas interferem na concepção da continuidade das atividades de forma remota.

O mercado de trabalho vai se transformando de acordo com inovações, demandas, e influências sociopolíticas e econômicas (Lucas & Crescela, 2020). Neste momento a pandemia COVID-19 é uma problemática da saúde que reverbera de forma intensa, modifica qualquer outro aspecto do dia a dia, e, assim, é como o mercado de trabalho. E como Novais et al. (2017) discutem, as questões contextuais interferem nas expectativas do público universitário, particularmente para os que estão saindo, quanto aos seus planos de acessar uma colocação no mercado de trabalho.

¹⁸ Conferência Web confeccionada em software livre, plataforma federal utilizada pelas universidades para atividades remotas.

Núcleo de sentido 3 - Entre ser formando e a inserção no mercado de trabalho:

Repercussões da formação sobre as concepções e práticas de acesso ao mercado de trabalho

O núcleo de sentido aqui apresentado, atende ao quarto e quinto objetivos específicos que investigam as práticas de acesso ao mercado de trabalho e as expectativas dos formandos quanto ao apoio universitário na transição universidade- mercado de trabalho. Nestes relatos, os participantes trazem sua síntese sobre o que é trabalho, como conciliam atividade laborais e vida acadêmica, suas possibilidades e a visão para a vida pós formatura. Também expõem suas visões sobre suas formações, o papel da universidade na sociedade e também na preparação de suas transições do espaço acadêmico para o mercado de trabalho, e como está sendo para aqueles que já estão de alguma forma neste novo espaço atuando dentro de sua área, sendo apresentado por discussões organizadas em unidades contextuais específicas neste núcleo.

3.1 - Compreensão de trabalho e da formação em ensino superior

Na dissertação é adotada uma abordagem trazida por autores que discutem as formas de trabalho e funcionamento social e de vida, de acordo com o sistema econômico, sem realizar uma crítica direta ao modo de funcionamento econômico, o que extrapolaria os limites desse estudo. Contudo, nas falas de alguns entrevistados, estes apontam o conceito de trabalho, assemelhando-se à teoria construída por Karl Marx que faz essa crítica. Nela o trabalho é uma atividade intencional, fruto da relação entre o sujeito e a natureza em que estes se transformam mutuamente. No estudo de Borges e Coutinho (2018), as autoras partem de Marx ao comentar a teoria e em como o trabalho pode ser compreendido: “O trabalho foi

concebido como um processo relacional entre homem, em seu sentido genérico, e natureza, em que ambos se transformam nessa ação humana e idealizada.” (p. 91).

Logo, nas falas dos entrevistados o entendimento do conceito trabalho é descrito em resposta à pergunta: qual a função dentro da sociedade? Qual o papel na organização dos outros aspectos da vida das pessoas? Como o trabalho centraliza o status social que cada pessoa desempenha e como também constitui o acesso a espaços? No seguinte trecho o participante Arthur reflete sobre o trabalho como um meio para acesso a outras mercadorias e serviços, uma forma de troca:

Porque tu fez tudo isso para ter um trabalho, ser [profissional formado em um curso de prestígio] de algum lado, de qualquer empresa. Só que se esquece que, na verdade, quando começa a trabalhar, trabalhar na verdade é um meio, o meio para sustentar um hobby teu, um meio para sustentar tua família um meio para tu poder viajar, o meio para tu poder comprar tal coisa, um meio para tu viver, né, porque se tu confunde se o trabalho é um meio ou um fim tu vive para o trabalho, e uma hora aquilo ali estoura, né, se vê muito isso que acaba estourando ali. né. (Arthur).

Helena traz a importância de compreender o trabalho para compreender o funcionamento da sociedade. Ainda introduz como o modo de produção capitalista interfere nesse contexto. As autoras Borges e Coutinho (2018) também evidenciam que o capitalismo transforma as formas de trabalho, as relações, o meio educacional e todos âmbitos da vida humana:

Eu, bom, pra mim é a atividade central, é o que organiza nossa vida. E dependendo de que posição que tu vai estar dentro desse setor de produção, produção da sociedade. Então, mas acho que isso é... eu tinha essa angústia de

tentar compreender melhor desde antes de entrar na universidade ... e, enfim, acho que para compreender realmente a sociedade, tu precisa compreender o trabalho, a função que o trabalho exerce na vida das pessoas e como é por meio do trabalho que o capitalismo se sustenta, a exploração do trabalho, a exploração de uma classe sobre a outra (Helena).

Antunes (2006) expõe que é a centralidade do trabalho que estabelece a sociedade como produtora, para assim sustentar o sistema e a forma econômica e esse funcionamento que repercute nas questões de mercado de trabalho e acesso ao mundo do trabalho, em suas diferentes formas. Os sentidos do trabalho no modo de produção capitalista, apresentado por Antunes (2006), são complexos, polissêmicos, e se observam tais expressões no discurso de Helena, por exemplo, quando comenta como questões sexistas, étnico raciais estruturam o funcionamento da sociedade para manter a operacionalização do modo de produção capitalista. Helena ainda expõe a importância de a ciência da sua profissão estudar mais o tema, para entender como o trabalho constitui o ser humano. Por entender que é o trabalho que organiza a vida e que mantém o movimento da sociedade, em suas palavras:

Tanto isso de exploração, e aí vai tá relacionado também à questão racial, dessa herança que a gente carrega e que vai estar estruturando também essas divisões de condições, que não é à toa, né, tá aí para aumentar ainda mais a exploração. Como a questão de gênero também, pra ti compreender, tu precisa compreender porque a mulher, né, ainda é tão relacionada ao trabalho doméstico... tudo isso! E, então, acho que é central assim, e, acho que a [área de formação] mesmo teria muito que ainda estudar mais sobre essas relações, compreender mais a centralidade do trabalho, enquanto que é o trabalho que vai organizar a vida da pessoa, assim, e, ao mesmo tempo, vai manter a

sociedade em funcionamento (Helena).

Esta discussão repercute, inclusive, nos dados sobre saúde mental no ambiente universitário, tanto de docentes, mas aqui discutidas os fenômenos relacionados aos discentes. Dados epidemiológicos apresentam que a existência de sofrimento entre este público é considerado uma interface psicossocial relacionados a quadros de transtornos depressivos, automutilações, inúmeras tentativas de suicídio e a concretização de atos suicidas (Silva et al., 2020).

Ana, comenta sua preocupação com os modos de funcionamento da sociedade, relatando além de questões econômicas relacionadas ao trabalho, as questões de sustentabilidade que também estão associadas à forma de ações do trabalho. A entrevistada também expressa inquietações sobre os reflexos na saúde mental da população universitária e, de todos, por fazerem parte do mesmo modo de funcionamento.

Eu milito inclusive junto com a Helena e tenho esse entendimento de que hoje, ou a gente muda as relações de trabalho que estão impostas na sociedade hoje, e a maneira como a gente vive no planeta Terra, falando até de natureza com o consumo consciente, sei lá, ou as coisas vão entrar em um buraco muito pior que a gente tá hoje, e que é isso, ou a gente consegue mudar o sistema que a gente vive, ou o mundo para os seres humanos vai se acabar, a gente vai esgotar os recursos naturais, a gente vai esgotar as possibilidades de viver, a gente nunca teve gerações tão doentes, tu é da Psicologia, tu deve saber muitas vezes mais do que eu, assim do quanto a nossa geração é uma geração doente, como o índice de suicídio só cresce (Ana).

A entrevistada comenta sobre dados de suicídio, que de fato é um índice que tem aumentado em decorrência do sofrimento, da saúde mental no meio acadêmico (Silva et al.,

2020). Não distante da realidade que Ana fala, como retratado na seção de apresentação, um dos participantes dessa pesquisa traz o relato de um colega que cometeu suicídio em 2018. Não cabe aqui discutir as condições que o levou a isso, mas entre multifatores, o estudante estava neste período de finalização do curso, com o relato de dificuldade de se colocar no mercado de trabalho mesmo num percurso universitário com alto índice de coeficiente acadêmico. Neste sentido, Silva et al. (2020) indicam que:

... a universidade deve conseguir mais do que formar profissionais ou mesmo amenizar o sofrimento dos alunos nesse processo, uma vez que deve lhes proporcionar o desejo de viver, de oferecer o amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família. Do contrário, o desamparo tenderá a se aliar à desilusão e à desesperança. (p. 42)

O entrevistado Arthur relata sobre a percepção sobre o seu processo de se inserir no mercado de trabalho. Pontua que a vivência universitária dá a sensação de que todos vivem esta experiência, no entanto, ao estar dentro de uma empresa, e se relacionar com outras pessoas e situações fora da Universidade, reforça que ainda é uma parcela privilegiada que tem acesso a realizar um curso de ensino superior.

Porque dentro da Universidade teu círculo social são universitários, né, então tudo aquilo é muito normal, então ter colega universitário, quem faz universidade, todo mundo faz faculdade ali, então, tu fica, Ai meu Deus, isso aqui é o mundo, quando tu começa a trabalhar começa a lidar no mercado de fato, começa a ver que as coisas são bem diferentes, é um mundo muito seletivo não é todo mundo, nem de longe todo mundo vai para universidade (Arthur).

Este trecho expõe os sentidos sobre a sua relação com e sobre o trabalho, reforçando

as concepções apresentadas por Raitz e Baldissera (2012) de entender os sentidos do público em transição da universidade para o mercado de trabalho, pois isso permite a compreensão sobre cada sujeito, as expectativas e como pensam seus projetos de vida para além da universidade.

3.2 - Vida acadêmica e trabalho e as expectativas para após formatura

Para muitos universitários é comum o papel de estudante-trabalhador ou trabalhador-estudante, como forma de permanecer na universidade ou ainda de não poder deixar de trabalhar para poder estudar. Vargas e Paula (2013) explicam que essa relação é um paradoxo, pois:

Por vezes o trabalho dificulta a escolarização, por vezes a ausência de trabalho impede a escolarização. Essa situação, em verdade, traduz a evidência das incompatibilidades entre estudo e trabalho, ou seja, a possibilidade ou não de uma escolaridade longa, segundo a relação do estudante com o trabalho (p. 465).

De acordo com Borges e Coutinho (2018) esta é uma característica frequente em jovens no Brasil, em que essa fusão se faz presente na vida de sete em cada dez jovens. Arthur conta um pouco dessa experiência de no final de sua graduação já estar efetivado no local onde realizou estágio e demonstra admiração por todas as pessoas que tiveram que assumir o papel de conciliar trabalho com estudo ao longo da graduação, pois diz ser uma tarefa cansativa.

Mas eu me considero, aí sim, muito, muito, muito privilegiado de 2020 não ter sido tão ruim, porque eu consegui estágio, depois consegui emprego. Então, hoje eu estou me formando sem a pressão de que vou estar desempregado,

então, isso é um alívio muito grande e é uma questão que eu vejo muito nos meus colegas que alguns até não conseguiram um estágio ainda né, o que faz com que tipo... tá beleza para mim neste momento agora ser formando é uma coisa tranquila beleza, tô tocando as minhas coisas... tranquilo até ali porque trabalhar e estudar é muito difícil, é muito difícil mesmo, eu admiro total quem fez uma graduação trabalhando porque é uma coisa de louco, eu estou basicamente desde setembro quando voltaram às aulas, até agora e, nossa, é muito puxado (Arthur).

Diferente de Arthur, Lilian ainda não foi efetivada no mercado de trabalho, a ocupação que tem é um estágio remunerado enquanto ainda está na graduação. Ela é formanda em arquivologia, e conta que a maior parte de vagas possíveis seriam por meio do setor público, demonstra preocupação com as atualizações de possibilidades para sua área, já que deliberações governamentais diminuíram a oferta de concursos para área pública.

O governo delimitou bastante, porque pelo fato ... na minha área pelo menos na área pública pelo fato dele ter cortado os concursos públicos¹⁹ vai dificultar bastante a minha vida. A minha e dos meus colegas que se formam nessa profissão, porque não ter concurso público torna mais complicado, então quer dizer que a minha área vai ter que ser reformulada de novo nas instituições tanto públicas quanto privadas. Porque é uma área nova e muita gente ainda não sabe para o que serve, qual que é o objetivo de um arquivista (Lilian).

A preocupação de Lilian é semelhante à de Eunice, que está finalizando a graduação em história licenciatura. Ela aponta os paradigmas de buscar mais qualificações para assim ter maiores chances de se colocar no mercado, porém conta que percebe que esta busca tem

¹⁹ Matéria sobre a intenção do governo em travar os concursos públicos : <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/02/17/governo-trava-concursos-publicos-para-tentar-aprovar-reforma-administrativa.htm>

sido um desafio até para aqueles que têm outras qualificações. Entende que isso é um efeito da crise no campo do trabalho em suprir a todos que estão à procura de trabalho, como exemplo das reformas trabalhista e previdenciária. A forma de inserção se diferencia entre os cursos se formos pensar de forma geral e também os dos universitários entrevistados. Nas Engenharias a colocação no mercado de trabalho tende a ser através da contratação de empresas, em escritórios ou concursos públicos. Para a Psicologia é divergente de acordo com a área de atuação, mas também são concursos, contratação em empresas/instituições e muito comum o trabalho autônomo, como profissional liberal. Já para a Arquivologia e as Licenciaturas, como na história, as opções são mais restritas. Em grande escala a inserção depende de concursos. E no fim da graduação para estes há a oportunidade de especializações, pós-graduação para continuidade na formação, preparação para o mercado e plano de carreira na área acadêmica e/ou pesquisa.

Em 2019, foi instituído o Decreto federal nº 9.741, o qual contingenciou quase 30 bilhões do orçamento federal em que 25% deste valor seria destinado ao Ministério da Educação, decisão que repercute até hoje nos desmontes que vêm se enfrentando na educação (Martins, 2019). Seguido disso houve um corte significativo nas bolsas, e no Brasil 80% das pesquisas são desenvolvidas por programas de Pós-Graduação, estes cortes estão interferindo na remuneração de bolsas para estes pesquisadores (Martins, 2019). Dessa forma, Eunice comenta sobre a busca por qualificação através de outra graduação e a Pós-Graduação também poder ser entendida como um meio de acesso à remuneração, por meio do pagamento de bolsas de estudo. Ao mesmo tempo, este setor também teve cortes, tendo diminuição no número de bolsas em pós-graduação.

Eu mesma já estou procurando outra graduação que eu tenho certeza que não vai ser o bastante porque nos concursos cada vez eles pedem mais coisas e tu

vai ficar lá embaixo se tu tiver só uma graduação, tem que procurar mestrado e no nosso mestrado quase nunca, hoje em dia, tem remuneração (Eunice).

Mattos e Bianchetti (2008) apontam que a busca pela pós-graduação pode ser entendida como fenômeno constituinte de a universidade formar sujeitos questionadores, muito além de só a inserção no mercado de trabalho, porém algumas vezes torna-se uma alternativa para driblar o desemprego após a formatura. As autoras falam que:

Se o objetivo da universidade fosse apenas formar para o mercado, bastariam cursos técnicos e não uma formação mais abrangente, como a universidade pretende, ao formar “cabeças pensantes” desenvolvidas nos seus centros de pesquisa. o que está em voga é a educação permanente, a qual se apresenta como via de atualização, especialização e aperfeiçoamento para jovens e adultos que buscam inserção no mercado de trabalho, ou ainda para evitar o desemprego (p. 67).

Henrique é da área da engenharia, e em seus contextos de possibilidades, pretende permanecer por um tempo no local atual de estágio, mas com desejo de um dia ter negócio próprio. Relaciona essa vontade com a ideia de gerir seu tempo e não ter toda sua disponibilidade voltada ao trabalho. E exhibe a mesma reflexão de Arthur, sobre o ciclo de trabalhar para viver ou viver para trabalhar.

... mas mesmo assim eu penso depois em ter meu próprio negócio não sei no que ainda, não pelo fato de, ah eu não quero disponibilizar todas as horas do meu dia, muito pelo contrário acho que só para ter mais flexibilidade de horários assim, essas coisas porque quando tem muita regra, por exemplo, tu tem que estar tal hora e sair tal hora do lugar, a tua rotina meio que, a tua vida vira o teu trabalho sabe (Henrique).

Lemos et al. (2016) estudam a mudança do sentido de trabalho de pessoas que deixaram de ser empregadas para empreender. Relacionando com o desejo de Henrique, um dos resultados encontrados foi o trabalho sendo visto como forma de autodeterminação, qualidade de vida e uma autoestima ligada à autoeficácia dos seus negócios quando se tem o reconhecimento de seus pares.

Grande parte dos jovens brasileiros apostam no empreendedorismo. As circunstâncias relacionam-se ao baixo índice de escolaridade e dificuldade de colocação no mercado de trabalho. Essas circunstâncias propiciam para uma projetos que acabam se desfazendo, pela pouca estrutura para enfrentamento de riscos (Bulgacov et. al., 2011). Os aspectos dentro do empreendedorismo precisam se ajustar à cobrança por maior responsabilidade. Os autores ainda discutem que a motivação pelo empreendedorismo está também muito relacionada ao deixar as condições de trabalho de quando se é empregador, ponto que conversa com a questão que Henrique traz, em querer ter maior flexibilidade, e ter uma visão diferente para organização de sua vida que as ordens de ser empregado não correspondem (Lemos et al., 2016).

Bulgacov et. al. (2011) investigaram as motivações de jovens para empreender e percebem que existe uma questão inicial para essa intenção, para um grupo pequeno é a oportunidade de realização, para outros a necessidade de evitar a exclusão do mercado de trabalho. Logo, o empreendedorismo acaba mantendo de forma precária a sobrevivência de um grande número de jovens, excluídos do mercado de trabalho formal. Então tem-se uma geração de jovens ingressando no mercado de trabalho através do empreendedorismo. Os autores comentam como surgem estes projetos para empreender :

No projeto, está contido o vir a ser, a transcendência, a direção para o futuro, a afirmação do homem pela ação; é o projeto um dos organizadores da

existência. Nesse sentido, é o projeto profissional uma das dimensões centrais da juventude, quando o jovem projeta seu vir a ser profissional. Há projetos, afirma, marcados pela tendência à autonomia, em cuja construção domina a inovação/criação; sendo outros projetos apenas reprodução. Assim, a própria atividade empreendedora, a depender das características e das condições, pode, por um lado, garantir realização, por outro, vulnerabilidade (p. 697).

O empreendedorismo mostra-se como uma forma de projeto de desenvolvimento de carreira, pode ser a alternativa de acesso a um trabalho, desde 2008, há a figura do Microempreendedor Individual (MEI) que permite à população a criação de pequenas empresas. Mesmo assim aparece como forma de sobrevivência para maior parte, e é identificado que a falta de experiências e de recursos leva a um alto percentual de fracassos que emergem nos primeiros meses de operação trazem que Bulgacov et. al. (2011) sem adequadas condições, oportunidades e coerentes políticas públicas, os jovens estarão cada vez mais vulneráveis. Mais um ponto que indica a discussão a seguir sobre a pertinência de apoio da universidade.

3.3 - Apoio da universidade

Existe a relevância que as IES elaborem projetos de desenvolvimento de carreira, voltada para seus discentes que estão se formando, com o intuito de que a transição universidade-mercado de trabalho seja realizada pelo estudante de forma mais consciente e planejada (Santos et al., 2011). A finalidade destes serviços em planejar o fim da graduação e discutir sobre o mercado de trabalho serviria para contribuir, por exemplo, com o desconhecimento apresentado na fala da entrevistada Eunice por não saber quais as possíveis ações que a universidade poderia ter para auxiliar no processo de transição, em especial, para

aqueles que são da área da licenciatura.

Agora na questão da universidade em si, eu nem sei o que ela poderia fazer porque a situação socioeconômica do Brasil tá tão feia que não tem o que fazer, se não tem nada. Que tipo de problema eles poderiam nos ajudar? O município já nos ajuda com aquela bolsa que eu falei (bolsa de monitoria para auxílio educacional de alunos do ensino municipal) para ti, ... mas que tipo de programa realmente prático poderia acontecer? Se a gente não tem área, a gente nunca vai se aposentar (Eunice).

Uma das preocupações de Eunice é sobre seu plano de carreira e aposentadoria. Souza e Rodrigues (2021) referem que a aprovação da Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017, referente à “Reforma Trabalhista” altera direitos conquistados em 1943 pela Consolidação das Leis de Trabalho (CLT). As autoras explicam que o principal objetivo da reforma é explicitar novas relações de trabalho que vêm sendo impostas pelo governo deste período: “demonstrando o descompromisso dos dirigentes do Brasil com os trabalhadores, uma vez que, através da mencionada Lei, o Estado diminui a sua própria responsabilidade, que seria a de garantir proteção social aos trabalhadores, bem como condições de saúde e segurança no trabalho” (Souza & Rodrigues, 2021, p. 179)

A preocupação da entrevistada foi devido aos impactos dessa reforma no sistema de previdência social, que sofreu alterações em suas políticas públicas acompanhadas das reformas trabalhistas. Ambas as reformas acarretam precarizações nas relações laborais e dificultam o acesso a benefícios (Castro & Costa, 2020). Castro e Costa (2020) detalham porque as reformas reverberaram em precarizações, pois a reforma trabalhista permitiu a remuneração precarizada em ocupações laborais, a configuração de trabalhos também de formas intermitentes. Logo, esses pontos impossibilitam que a remuneração alcance o

mínimo para o recolhimento previdenciário e são esses fatos que Eunice se refere quando comenta sobre sua aflição. Mais uma vez as políticas públicas impactam no dia a dia de todos, especialmente quem inicia a trajetória profissional.

No seguimento de sua fala a estudante de história fala que seria proveitoso esses apontamentos sobre transformações do mercado do trabalho e as repercussões de decretos governamentais sobre impactos no desenvolvimento de suas profissões futuras. E também traz a reclamação em um momento em que sua área está sendo afetada por precarizações no plano de carreira, a universidade fingiria estar tudo bem, quando, na verdade, a universidade também sofre impactos de cortes de investimentos e desmontes em função de crises no setor econômico, do trabalho e da educação.

... é tão complexo isso envolve realmente todo um sistema que está caindo aos pedaços e a gente tá deixando cair como se nada tivesse acontecendo. E até acho que assim ela deveria ser pelo menos um pouco mais, a universidade, focada em explicar isso para gente porque o fingimento de que tá tudo bem, é só continuar estudando e vamos para mais um semestre de EAD é um desaforo, não tem explicações completas (Eunice).

A estudante comenta sobre o formato de ensino que foi adaptado no momento da pandemia como forma de continuidade do ano letivo. O Ensino à Distância (EAD) é uma modalidade de educação mediada por tecnologias em que discentes e docentes estão separados espacial e/ou temporalmente, ou seja, não estão fisicamente presentes em um ambiente presencial de ensino-aprendizagem e já era um formato utilizado antes mesmo da pandemia por muitas instituições com forma de facilitar a oportunidade de educação de forma não presencial. Já o ERE surgiu em virtude da pandemia, com estratégias didáticas e pedagógicas criadas para diminuir os impactos das medidas de isolamento social sobre a

aprendizagem. Essas estratégias também são mediadas por tecnologias e buscam ajudar a manter os vínculos intelectuais e emocionais dos estudantes e da comunidade acadêmica durante a pandemia.

No estudo descrito por Guimarães et al. (2019), as autoras apresentam em seus resultados que a minoria dos sujeitos no período de três anos ao sair da universidade, conseguem se inserir no mercado de trabalho dentro da sua área. E a forma de se inserir acaba sendo em trabalhos temporários e vínculos sem formalidade. Este dado se assemelha com a fala de Arthur, em comentar sobre a incompatibilidade das ideias de diploma como garantia de inserção direta no mercado de trabalho e as reais possibilidades do mercado:

Eu acho que a primeira coisa seria mostrar uma visão realista do mercado, acho que isso é primordial! Hoje a gente tem professores ali, falando da [área de sua formação], que estiveram no mercado por algum tempo, só que eles estiveram no mercado há 20 anos atrás onde tu ter um diploma de [área de sua formação] já te garantia emprego na certa, com certeza. E hoje é muito diferente, diferente mesmo hoje um diploma não te garante nada, esse é o pior de tudo assim né (Arthur).

Guimarães et al. (2017) pontuaram que mesmo que exista essa ideia social de que formação superior é prerrogativa de conseguir um emprego, essa afirmação é equivocada. Até a década anterior tinha-se legitimado a relação entre acesso a trabalhos com maiores seguranças no setor trabalhista e a posse de um diploma. Porém, ainda assim, o emprego nunca foi a causalidade com possuir graduação, mas compreende-se que com as configurações econômicas e políticas atuais, essa concepção tem se desconstruído ainda mais. E, como colocado por Teixeira e Gomes (2004), este contexto influencia de forma negativa as expectativas dos recém formados, principalmente pelos desafios de ingressar em sua área de

atuação com uma boa colocação dentro do mercado de trabalho. E uma das explicações possíveis é o que foi trazido por Bastos (2005), em que ter uma graduação não é mais um diferencial, já que houve a expansão de acesso ao ensino superior e a taxa de desemprego é desproporcional ao número de vagas ofertadas.

Esta discussão concilia a ideia de Arthur, trazendo que a universidade poderia e/ou deveria ter espaço para apresentação das nuances das transformações do mercado de trabalho e como isso impacta a saída do meio universitário para se colocar no meio laboral.

Acho que a primeira coisa é mostrar uma visão realista do mercado, né, hoje te vendem muito, bah, tu vai sair daqui e tu vai sair empregado – e, não é assim, às vezes, tu vai ter que penar um pouco, né, vai ter que ficar um tempo desempregado, às vezes, talvez tenha que procurar outras coisas, vai ter que ir para cidade que tu não quer, não vai conseguir emprego naquela empresa super grande que tu quer muito trabalhar de início (Arthur).

Neste período de transição, Dias e Soares (2012) escrevem que os jovens tendem a ter uma visão limitada e limitante quanto ao seu futuro profissional diante das condições do mercado de trabalho. E o planejamento de carreira na OPC começa com a investigação do que o sujeito quer para sua vida considerando a conjuntura que repercutem em suas escolhas. Dias e Soares (2012) falam que por isso é tão importante que o orientador e universitário em transição estejam cientes sobre as exigências, perfis profissionais, e as demandas vigentes das organizações. Além de conhecer seus pontos fortes, desenvolver novas competências e minimizar os pontos fracos diante do mercado de trabalho. Para elas, o planejamento de carreira e a reflexão sobre diversas áreas podem promover uma decisão mais ágil na escolha do futuro profissional, levando a clareza de objetivos e as direções planejadas a longo prazo para seus projetos de vida, englobando aspectos pessoais e profissionais (Dias & Soares,

2012).

Reis (2015) descreve que esse período entre a saída da universidade e primeira inserção é o momento com mais dificuldade, tendo uma grande taxa de desemprego ou ainda de inserção em atividade fora da área, de forma informal e informal. E, no próximo trecho relatado pelo mesmo entrevistado, comenta sobre a existência da demanda trabalhada na abordagem da OPC, que é aborda a facilitação quanto à preparação para colocação no mercado de trabalho, desde procurar vagas, se preparar para processos seletivos até a transição de fato

Eu acho que isso tem que ser melhor esclarecido, sabe, eu acho que tem que ser melhor mostrado, que, bah, olha pessoal, a economia não tá indo tão bem, de repente, vamos aqui, falar mesmo sobre oportunidades de mestrado, concursos, oportunidades de empresa, ou até falar um pouco sobre empresas também, porque tu acaba saindo da graduação, tu nem sabe onde tu pode trabalhar (Arthur).

Logo a fala de Ana apresenta a demanda da universidade em auxiliar que a transição e a fase de finalização do curso possa ser realizada com mais orientações para esse processo. Ponto que no trabalho de Mascarenhas (2015) traz a importância das universidades poderem levar informações, tirar dúvidas e promoverem interações que contribuam para que esses sujeitos se preparem para as oportunidades de emprego e desenvolvimento da atuação de sua área de formação:

Nossa, péssima eu acho, porque assim ó ninguém fala sobre isso, a gente não tem uma perspectiva, uma ajuda, a gente não tem nada. Eu sempre falo deveria ter uma cadeira na universidade falando assim ó ... tipo “preparação para vida” tipo que trouxesse o que que a gente pode fazer depois da universidade - vocês

podem participar disso, disso e disso que caminhos são possíveis trilhar a partir dos cursos que vocês fazem para posterioridade, quais são as possibilidades de onde trabalhar - a gente não discute nada disso eu acho que a universidade ela não me ajudou em nada assim (Ana).

Mascarenhas (2015) orienta que orientações para este processo colabora para melhores condições de obter o objetivo almejado com a conclusão do curso e o ingresso no mercado de trabalho. Ponto que se explica pelo estudo de Mognon & Santos (2014) ao referirem que os alunos com mais certeza em relação ao curso frequentado, com maior percepção pessoal de suas habilidades apresentam maior autoconhecimento sobre si, são os que buscam mais informações sobre o mercado de trabalho. Isso leva a entender que os estudantes interessados no desenvolvimento de sua profissão busquem mais informações sobre as suas habilidades e também as necessidades requeridas pelo mercado de trabalho, colaborando para que estabeleçam metas mais realistas para a sua trajetória.

3.4 - Universidade e mercado de trabalho

Mognon e Santos (2014) relatam que as próprias experiências acadêmicas favorecem o amadurecimento pessoal e profissional dos estudantes. Na perspectiva da PSH essas transformações ocorrem em função das alterações do contexto, que acaba influenciando o sujeito, em um espaço em que a educação busca desenvolver aprendizagens (Aguilar, 2006). E por isso torna-se interessante que as universidades contribuam de forma que os conteúdos e práticas oferecidas aos alunos sejam condizentes com o mercado de trabalho. Questão já trazida em algumas falas dos entrevistados anteriormente e a entrevistada Helena pontua como que entende a universidade como parte do funcionamento do sistema do mercado de

trabalho. Ela entende que a universidade é parte da sociedade, assim, as desigualdades sociais também são presentes nesse meio:

Na verdade se a gente for pensar mais a fundo ela também vai um pouco o que organizar, assim, também possibilitar para alguns estarem em alguns cargos quem tem mais condições financeiras né estarem em cargos de maior privilégio e quem tá... que é mais precarizado já seguir aqueles cursos mais precarizados e que espaço de trabalho você vai ter, mas com menos condições né o que torna mais precarizado ainda. E de certa forma a universidade vai introduzir isso, ela vai fomentar isso, né, ao mesmo tempo que também vai colocar de uma forma muito individual e acho que é colocado que a gente que tem que ... estimular isso né que cada um vai ter que seguir e vai ter que fazer suas escolhas (Helena).

Arthur também entende que existe uma relação recíproca dos impactos entre universidade e sociedade. E aponta sobre a importância do PNAES que acarreta os desdobramentos da manutenção de Políticas Públicas voltadas à educação, Gazotto (2014) reitera que a assistência estudantil é uma forma de concretização das Políticas Públicas, em nível federal, que diz respeito à permanência e conclusão de cursos de graduação, em especial para estudantes que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

... vejo que hoje eu saio com o sentimento da importância da universidade para o desenvolvimento do país e também para inclusão o quão importante é ter uma universidade que nem a [Universidade], né, que é inclusiva, é uma universidade voltada para assistência estudantil. Eu acho que tudo isso acaba... só reforça né a minha percepção do como importante e quão grande é a instituição e o impacto dela dentro da comunidade. Pessoalmente eu saio, creio eu, bem preparado para muitas

coisas da vida, eu acho que até o que é ruim da universidade te ensina, tu tira bem ali né (Arthur).

Como mencionado anteriormente, Bastos (2005) indicou que a formação no ensino superior se tornou relativamente comum nos últimos anos. Logo, surge o entendimento pela busca de maiores qualificações com a ideia de que seria a forma de acesso a um lugar no mercado de trabalho. A qualificação sendo um fator que incorpora a divisão social do trabalho, pois sugestiona o local que cada sujeito ocupa na sociedade. E esse fenômeno faz com que haja um colapso, pois aumenta a concorrência e tem a ambivalência de legitimar com um local de trabalho para aqueles com alto nível de qualificações, mas, ao mesmo tempo, pela escassez de vagas, faz com que esses disputem vagas que não condizem com seu grau de qualificação, estando abaixo, por ser a opção que existe. E Eunice traz um pouco disso em sua fala, questiona sobre a necessidade de lugar para todos, para que todos tenham a chance de trabalhar e que tenham espaço para que possam escolher sobre onde atuar, na sua área de formação ou naquilo que se identifica mas a colocação no mercado de trabalho independente de suas qualificações “Tem milhões de pessoas na tua frente com mais qualificação, e eu acho maravilhoso que as pessoas tenham qualificação, mas eu gostaria que tivesse noção que todo mundo tem que ter o seu lugar, todo mundo estudou, todo mundo batalhou (Eunice)”.

Mariléia Maria da Silva (2004) dá um contexto sobre esse fenômeno em que o curso do capitalismo está em transformação e desde 1970, vem se caracterizando por um padrão de acumulação que infere formas de exploração do capital através do trabalho, provocando a necessidade de um perfil de trabalhador integrado e flexível, exigindo do trabalhador cada vez mais qualificações para que se adapte às necessidades voláteis da forma de produção acelerada. Contudo, essa cobrança acontece em um contexto de precarização, altas taxas de

desemprego e desmonte de direitos trabalhistas.

3.5 - Expectativas dos formandos em sua área no mercado de trabalho

É um dado a população jovem aquela que possuía a mais alta taxa de desemprego entre a População Economicamente Ativa (PEA). Reis (2015) apresenta os dados da Pesquisa mensal de emprego (PME) de 2012 em que a taxa de desemprego entre a população entre 25 à 65 anos era de 7,28, enquanto para as pessoas entre 16 e 24 anos é de 16,22. O autor refere que a dificuldade de inserção é exatamente o fato de estar desempregado, ou seja, a inserção para o primeiro trabalho. Logo, as pessoas em transição para o primeiro emprego tendem a passar por um longo período de desemprego, ou para a obtenção de um trabalho se colocam a serviço associados a certo grau de precariedade (Reis 2015). Prandi (1982) já explicava porque a universidade não pode ser compreendida como garantia de inserção por funcionar nos moldes do modo de produção capitalista:

A universidade, portanto, por si só, é hoje incapaz de garantir ocupação específica, emprego estável, status social, prestígio e rendimento nos moldes até poucos anos vigentes no país. Não faz mais sentido propalar a afirmativa de que daqui a alguns anos haverá um equilíbrio entre oferta e demanda de profissionais de nível universitário se uma das funções da universidade hoje é justamente a ampliação do exército industrial de reserva para esta camada qualificada da força de trabalho (Prandi 1982, p. 124).

A participante Eunice traz questionamentos sobre as suas perspectivas de trabalho, com um prenúncio negativo de talvez não conseguir se manter de imediato na sua área de atuação, como havia idealizado. E no seu questionamento tem a referência de uma conversa com uma professora que mencionou sobre as dificuldades do mercado, trazendo uma

possibilidade para as vagas no trabalho com comércio proposta distante dos planejamentos de quem quer atuar na sua área de formação.

Realmente onde está a universidade que deveria nos acolher e dizer mais ou menos as nossas oportunidades? As minhas oportunidades são trabalhar no comércio? Então eu estudei por 4 anos, me ralei que nem bicho em um sonho que eu realmente acredito para trabalhar no comércio? (Eunice).

Prandi (1982) compreende essa lógica de que a universidade forma força de trabalho, porém nem todos serão inseridos porque não é de interesse dos moldes capitalistas cessar a competitividade por vagas. Forma-se, assim, a ampliação do exército industrial de reserva para esta camada qualificada da força de trabalho, o que dá fundamento para uma tendência segundo a qual o pessoal de nível de formação universitária passa a ocupar funções anteriormente identificadas como próprias do ensino de nível médio bem como para recrudesimento do subemprego para este segmento. A explicação de Prandi (1982) elucida a conversa de Eunice com sua professora.

Mas, diferente de Eunice, outros participantes já experienciaram atividades de trabalho, como a Ana que foi auxiliar em escola infantil ou a Lilian que tem uma trajetória em diversos trabalhos informais. Contudo, todos se assemelham no desejo de após estarem com diploma “na mão” poderem atuar na sua área. Henrique tem a expectativa de se manter no local em que está realizando estágio, pois entende que nesse momento faz sentido permanecer aprendendo nesse espaço e é uma forma de tornar efetiva a transição de estagiário para trabalhador.

Por enquanto eu pretendo ficar na empresa porque tá me proporcionando experiências bem boas, assim mesmo como estagiário, lá tem a questão de hierarquia obviamente, mas tem muita abertura para dar ideias, para participar

das coisas. Então, para mim no momento está fazendo muito sentido porque eu tô aprendendo muito, então, enquanto eu tiver aprendendo muito eu acho que eu vou querer continuar no lugar (Henrique).

A partir dessas falas compreende-se a conceitualização trazida por Ostrovski, Sousa e Raitz (2017) sobre inserção profissional, como construção social marcada por elementos do contexto sócio-histórico, da identidade dos sujeitos e dos aspectos institucionais que caracterizam o ingresso do estudante no mercado de trabalho. Ou ainda, o resultado do processo da articulação entre o contexto profissional e as origens das condições profissionais de cada pessoa. Na fala dos estudantes compreende-se a construção dos sentidos que cada um atribui a sua experiência dentro da universidade, trajetória de vida e expectativas para sua inserção no mercado de trabalho a partir da construção de suas vivências.

CAPÍTULO VI: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral de compreender os sentidos atribuídos pelos formandos à transição universidade-mercado de trabalho foi respondido a partir da construção dos núcleos de sentidos, as quais vão atendendo aos objetivos específicos. Assim, a resposta ao objetivo geral dá-se pelos três Núcleos de Sentidos. (1) Ser universitário: a realização da escolha, vivências e concepções da graduação, (2) Ser formando: Processos para a saída universidade e (3) Entre ser formando e a inserção no mercado de trabalho: Repercussões da formação sobre as concepções e práticas de acesso ao mercado de trabalho.

No primeiro núcleo de sentido intitulado “Ser universitário: a realização da escolha, vivências e concepções da graduação”, os entrevistados trazem como se formou a questão da escolha pelo curso, pela universidade e incentivos/motivações quanto à realização da graduação. A escolha da universidade ligada à proximidade geográfica da universidade de suas casas, ou para aqueles que se deslocaram, a importância das ações de permanência fundamentadas pelo PNAES (2010), responsável pela execução dos auxílios/benefícios e pelo lançamento dos editais de inclusão e renovação para os auxílios existentes como a moradia estudantil, alimentação, transporte e auxílio infância na universidade²⁰. Aqui aparecem também como essas ações dentro do espaço da universidade federal possibilitam as trocas entre culturas e diversidade no espaço acadêmico, além do conhecimento proposto pela qualificação na área de estudo, por vezes descritos em atividades que transcendem a sala de aula, tais como espaços de pesquisa, iniciações científicas, grupos, estágios que enriquecem a experiência de formação. Logo, esse núcleo de sentido finda como todas essas vivências

²⁰ É a concessão de auxílio financeiro para que estudantes custeiem parcialmente as despesas com seus dependentes legais de até seis anos de idade.

formam o “ser universitário”, através da qualificação, aprendizagem e meio social que impulsiona novas relações com professores e colegas , e a própria família.

Em seguida, o núcleo de sentido nomeado “Ser formando: Processos para a saída da universidade”, debate acerca das práticas de finalização do curso e investiga prováveis impactos da pandemia nestes processos. Aqui foram expostas as atividades de finalização e os atravessamentos da pandemia nesse processo, as preocupações quanto às atividades finais, tomadas de decisão para este momento e a vida pós formado. E, em função da pandemia, atribuem a perda da vivência desse ano, como se este último período fosse apenas a continuidade de mais um semestre por estarem limitados a outras práticas que são rituais culturais da consolidação da graduação que são aqueles atos que integram diversos simbolismos do término de uma jornada.

Contudo, o desejo pela finalização desta trajetória devido a desafios típicos da vivência universitária e aspiração pela legitimação em serem reconhecidos como profissionais cada um em seu campo de estudo. Encontrou-se que relacionam as experiências dentro do espaço acadêmico com suas concepções sobre o mercado de trabalho. Ou seja, sentiram-se mais seguros quando tiveram experiências, seja por estágio, práticas de extensão ou conhecimento sobre a conjuntura da sua profissão e inseguros quanto à falta de conhecimento e debate sobre esses aspectos.

As vivências universitárias demonstram influência sobre as expectativas para a transição para o mercado de trabalho. Também houve os desdobramentos em decorrência da pandemia COVID - 19, pois os estudantes trazem desfechos que não eram esperados impactando a sua graduação, a qual teve que ser realizada de forma remota, adaptando-se a todos os protocolos e desafios do ERE. E também repercutiu nos planejamentos para o fim deste momento e expectativas para o futuro profissional. Houve relatos de exaustão pelo

ensino remoto, houve quem se beneficiou por conseguir conciliar com estágio fora da cidade, houve quem se preocupou com os impactos no mercado de trabalho. E, em comum, a frustração de ser formando neste contexto, estar longe do espaço físico da universidade, longe dos colegas e professores e tendo o formato de suas refeições de grau distantes da forma convencional.

E, por fim o terceiro e último núcleo de sentido, “Entre ser formando e a inserção no mercado de trabalho: Repercussões da formação sobre as concepções e práticas de acesso ao mercado de trabalho” investigou as práticas de acesso ao mercado de trabalho e as expectativas dos formandos quanto ao apoio universitário na transição universidade-mercado de trabalho. Aqui os universitários abordam sobre a compreensão de trabalho como algo centralizador da vida, desde como permite organizar nossa disponibilidade, local que ocupamos na sociedade, como nos identificamos e forma de prover aspectos básicos e forma como impactam a qualidade de vida e que mantém o movimento da sociedade. Em resumo, como uma moeda de troca dentro do sistema econômico em que se vive. Compreendem a universidade como parte do sistema de trabalho e relacionam essa questão com impactos na saúde mental de universitários, apontando a necessidade de se repensar as relações de trabalho e como é importante que a universidade proponha esses diálogos como forma de propor uma inserção consciente dos seus estudantes no mercado de trabalho, com intuito de prevenção de adoecimentos e que possam refletir sobre seus projetos de vida. Também surge a questão do estudante-trabalhador ou trabalhador-estudante, sendo identificado o desafio de conciliar estes fenômenos e obstáculo de permanência para estes sujeitos. E frente aos desafios da inserção imediata alguns apontam pensar na permanência na universidade, dando continuidade em outro curso ou ainda pensando na pós-graduação não prioritariamente como forma de qualificação, mas como possibilidade de subsídio financeiro. Neste núcleo

novamente é pontuada a demanda de a Universidade oferecer projetos de desenvolvimento de carreira, principalmente voltada para seus discentes que estão se formando, com o intuito de que a transição universidade-mercado de trabalho seja realizada pelo estudante de forma mais consciente e planejada. De forma geral, os universitários reconhecem a Universidade com grande potencial e acreditam que estas discussões seriam uma forma de desenvolver ainda mais o nível da formação e também para que tenham uma visão ampliada do funcionamento do mercado de trabalho.

Esta dissertação buscou contribuir para problematizar a aproximação entre universidade e mercado de trabalho e para pensar formas de ação da universidade diante destes processos transição acadêmica. O estudo é parte da linha de pesquisa de Processos Psicossociais e Psicologia Comunitária corroborando para aqui ponderar como os programas de assistência estudantil podem contribuir com ações para a demanda desta comunidade em questão. Como forma de retorno à comunidade, sendo essa uma premissa da execução de qualquer pesquisa, aqui pensa-se na justificativa e argumentação para construção de serviço voltado à comunidade acadêmica quanto às demandas de transição da universidade para o mercado de trabalho. Pautas que podem ser trabalhadas dentro da perspectiva da OPC, como mencionado ao longo da dissertação.

Logo, como contribuição desta pesquisa pretende-se a fundamentação para construção de um serviço que abarque tais demandas para que se implemente como projeto de extensão desenvolvido dentro da universidade de forma permanente para seus estudantes. Com este intuito, a partir do momento que se teve a análise dos resultados parciais, foi feito contato com a PRAE, e uma reunião com os psicólogos técnicos dos campus da universidade, para apresentação e realizou-se o encaminhamento de uma proposta de projeto para PRAE, este já está sendo construído com intuito de iniciar no primeiro semestre de 2022 para desenvolver

junto com os profissionais deste setor essa discussão e a contribuição de estudantes do curso de psicologia como forma estágio curricular. Dias e Soares (2012) indicam que a universidade ao propiciar estes espaços de planejamento de carreira para seus estudantes formam uma maior potência na preparação deles na transição para o mercado de trabalho e como agente de suas ações, capaz de influenciar de forma coletiva:

A universidade se distingue de qualquer outro tipo de instituição de ensino por ser o locus privilegiado para implantar o planejamento de carreira. Um território no qual os participantes interagem, desenvolvendo e adquirindo conhecimentos e habilidades com o objetivo de entender e agir sobre a realidade que o cerca. E este processo resulta não apenas na capacitação da técnica e/ou na orientação profissional dos alunos para desempenhar suas atividades no seio da sociedade, mas deve proporcionar uma visão global desta realidade e de suas capacidades de transformação desta sociedade (p. 60)

A pesquisa tem como potencialidade a construção deste projeto de extensão, e também as adaptações da metodologia em função dos protocolos de segurança em frente a pandemia da COVID-19. Logo esse estudo teve desafios para acessar os sujeitos participantes e no manejo das plataformas para ferramentas da condução do estudo, e também é um dos estudos que teve que inicialmente se adaptar a este contexto de metodologias remotas causadas pelo contexto.

Nesta dissertação focou-se mais em respostas relacionadas à transição da universidade-mercado de trabalho sobre a ótica dos universitários. No entanto, surgiram questões que não foram satisfeitas. Assim, sugere-se que em pesquisas futuras investiguem temas sobre: Quais as responsabilidades da universidade na transição universidade-mercado de trabalho? É uma das funções da universidade que contribuam de forma que os conteúdos e

práticas oferecidas aos alunos sejam condizentes com o mercado de trabalho? Qual o papel da universidade? Como a universidade se adapta às transformações do mercado de trabalho? Quais os dados de universidades que oferecem serviços de OPC?

Outra questão que foi observada é a questão étnico-racial, pois os participantes, em sua maioria, se autodeclararam brancos. E essa também é uma característica que vemos na população universitária brasileira, na pesquisa de Santos e Freitas (2020) apontou que 49% dos universitários brasileiros são pessoas autodeclaradas brancas. Enquanto 6,2% pessoas autodeclaradas negras, 32,9% pardas, 1,5% amarelas e 0,75% indígenas. Mesmo sendo um número relativamente pequeno de participantes comparado ao número de estudantes da universidade, assim não se pode apontar como um achado, já que pode-se entender como um viés de como de seu a seleção da população participante. Contudo, esse foi um ponto que se ressaltou e é interessante, também para próximos estudos, compreender como é o fenômeno de transição para pessoas não brancas que estão dentro da universidade.

A investigação de tais questões poderia trazer maiores contribuições para os achados deste estudo e para a área da OPC, além da construção de intervenções possíveis da universidade e para cooperação aos universitários em seus planejamentos estudantis desde a entrada na universidade e transição para o percurso após a formatura.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, W.M.J (2006). A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica. *Psicologia da Educação*, 23(2), 11-25
- Ambiel, R.A.M., Pinto, L.P., Lamas, K.C.A., Ottati, F., & Joly, M.C.R.A. (2014). Orientação profissional e de carreira: análise de um periódico internacional. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 14(4), 407-416.
- Antunes, R. (2006). *Adeus ao Trabalho - Ensaio Sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*, Campinas, Brasil, Editora Cortez.
- Aylie, N.S., Mekonen, M.A. & Mekuria, R.M. (2020). The Psychological Impacts of COVID-19 Pandemic Among University Students in Bench-Sheko Zone, South-west Ethiopia: A Community-based Cross-sectional Study. *Journals Psychology Research and Behavior Management*, 13, 813-821.
- Bardin, L. (1977). Análise de conteúdo. *Lisboa*: Edições 70
- Bastos, J.C. (2005). Efetivação de Escolhas Profissionais de Jovens Oriundos do Ensino Público: Um Olhar sobre suas Trajetórias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6 (2), 31 - 43.
- Bittar, M., Almeida, C.E.M. De. & Veloso, T.C.M.A. (2008) Políticas de educação superior: ensino noturno como estratégia de acesso para o estudante-trabalhador. *Revista Educação em Questão*, 33 (19), 279-304.
- Bock, S.D. (2009). O neoliberalismo, as políticas públicas e a orientação profissional. *Psicologia e o compromisso social* (365-382) São Paulo, Brasil: Cortez.
- Bonadiman, M.D.; Scaff, L.A.; Bardagi, M.P.; & Luna, I.N. (2015). Perfil dos usuários do LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional da UFSC: mudanças observadas nos últimos anos. *Caminho aberto - Revista de extensão IFSC*, 1 (3), 91-100.
- Borges, R.C. & Coutinho, M.C. (2018). Desvelando a vida cotidiana de jovens universitários que conciliam estudo e trabalho. *Acta Sociológica*, 76, 89-111.
- Bridi, M.A (2020). A pandemia Covid-19: crise e deterioração do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Estudos Avançados* , 34 (100), 141-165.
- Bulgacov, Y.L.M., Cunha, S.K., Camargo, D., Meza, M.L. & Bulgacov, S. (2011). Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão?. *Revista de administração pública*, 45(3), 695-720.
- Carneiro, V.T. & Sampaio, S.M.R. (2016). Em busca de emprego: a transição de universitários e egressos para o mundo do trabalho. *Revista contemporânea de educação*, 11 (21), 41-63.
- Castellá Sarriera, J. (1998). Da orientação profissional para a inserção do jovem no trabalho. *Revista da ABOP*, 2(2), 75-80.
- Castro, H.R. de, & Costa, J.R.C. (2020). Os impactos da reforma trabalhista no âmbito do direito previdenciário. *Revista Brasileira de Direito Social*, 2(3)
- Costa, P.C. (2020). Formaturas adiadas por tempo indeterminado: narrativas de possíveis formandos da UFV-CAF. *Revista Brasileira De Pesquisa (Auto)biográfica*, 5(16), 1682-1699. <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n16.p1682-1699>
- Coutinho, M.C., & Oliveira, F. (2017). Algumas ferramentas teóricas para o estudo psicossocial do trabalho: práticas cotidianas, processos de significação e identidades. In: Coutinho, M.C., Bernardo, M. H. & Sato, L. (Orgs.). *Psicologia Social do Trabalho* 81- 102.

Petrópolis: Vozes

D'Ávila, G.T. (2014). Movimentos laborais e sentidos atribuídos ao trabalho por jovens profissionais. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

D'Ávila, G.T., & Coutinho, M. C. (2019). Entre movimentos e trajetórias laborais de jovens profissionais. *Psico*, 50(2), e29659. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.29659>

De Betio Mattos, V., & Bianchetti, L. (2008). Currículo analógico em um mundo digital: considerações sobre a dissonância entre a formação no ensino superior e as exigências do mercado de trabalho. *Boletim Técnico Do Senac*, 34(3), 62-73.

Ehrlich, I. F.; Castro, F.; & Soares, D. H. P. (2000). Orientação Profissional: liberdade e determinantes da escolha profissional. *Revista de Ciências Humanas*, (28), 61-79.

Esteves, E.G. (2002). Emprego versus trabalho associado: despotismo e política na atividade humana de trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 5, 51-56.

Frigotto, G. (2009). Divisão social do trabalho. *Dicionário da Educação Profissional em Saúde Fundação Oswaldo Cruz*.

Gazotto, M.A. (2014). Políticas públicas educacionais: uma análise sobre a política nacional de assistência estudantil no contexto da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. 2014. 141. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca.

Guimarães, N.A.; Andrada, A. C. & Picanço, M. F. (2017). Transitando entre a universidade e o trabalho: trajetórias desiguais e políticas de inclusão. *Sociedade Brasileira de Sociologia 18º Congresso Brasileiro de Sociologia*.

Guimarães, N.A.; Andrada, A. C. & Picanço, M. F. (2019). Transitioning Between University And Work: Unequal Trajectories And Affirmative Policies. *Cadernos de Pesquisa*, 49(172), 284-309.

Jardim, F.A.A; Almeida, W.M de. (2016). Expansão recente do Ensino Superior brasileiro: (novos) elos entre educação, juventudes, trabalho?. *Linhas Críticas*, 22(47), 63-85.

Krawulski, E. (1998). A orientação profissional e o significado do trabalho. *Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais*, Florianópolis, 2(1), 5-19.

Leal, L.dasN., Rodrigues, G.S., Silveira, I.D. da., Amaro, T.V., Santos, D.B., & Paludo, S.S. (2017). CEP em Selfie: Abordando sexting com adolescentes como forma de exposição virtual da sexualidade. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 1(3), 45-59.
doi:10.9771/cgd.v3i1.17605

Leal, L.N, Guedes, F.M, Santos, C.S, Rodrigues, G.S, Fonseca, A.C.S, Ongaratto, B.R & Zimmer, M. (2018). De Estudante Para Estudante: Intervenção Breve De Orientação Profissional Por Meio De “Oito Passos”. In Lassance, M.C.P. & Ambiel, R.A.M. (Org), *Os caminhos da orientação profissional e de carreira: de onde viemos para onde vamos* (pp. 194 - 201). ABOP.

Lemos, A.H.C., Cavazotte, F.S.C.N., & Souza, D.O.S.S. (2017). De empregado a empresário: mudanças no sentido do trabalho para empreendedores. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 11 (5), 103-115.

Dias, M.S.L. & Soares, D.H.P. (2012). Planejamento de carreira: Uma orientação para universitários. *Psicologia Argumento*, 30(68), 53-61.

Lucas, M.G. & Crescela, V.C. (2020). Planejamento profissional: percepção de formandos em final da graduação. *Recape revista de carreiras e pessoas*, 10(1), 128-148.

Mascarenhas, S.A.N. (2015). Orientação para o emprego e renda – Necessidades dos estudantes universitários brasileiros. *Revista de estudios e investigación en psicología y educación*, Vol. Extr. (3).

Martins, V. (2019). Educação, ciência e tecnologia: como desenvolver o Brasil sem

investimento?. Revista *Thema*, 16(1), 1-3.

<https://doi.org/10.15536/thema.16.2019.1-3.editorial>

Medeiros, F.P. & Souza, V.L.T. (2017). Psicologia Histórico-Cultural e orientação profissional: vivências de jovens mobilizadas pela arte. *Revista brasileira de Orientação Profissional*, 18(2), 155-165.

Melo-Silva, L.L.; Lassance, M.C.P. & Soares, D. H. P. (2004). A Orientação Profissional no contexto da Educação e Trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5 (2), 31 - 52.

Melo, S.L.; Borges, L.O. (2007). A Transição da Universidade ao Mercado de Trabalho na Ótica do Jovem. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27 (3), 376 - 395.

Minayo, M.C.deS. (2008) O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec.

Minayo, M.C.deS.(2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5 (7), 01-12.

Mognon, J.S.; Santos, A.A.A. dos. (2014) Vida acadêmica e exploração vocacional em universitários formandos: relações e diferenças. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14 (1), 89-106

Molon, S.I. (2008). Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica. *Informática na educação: teoria e prática*, 11 (1), 56-68.

Novais, S.M.B.; Soares, U.G.; Gonçalves, M.C.daS. & Zaganelli, M.V. (2017). Direito ao trabalho: um estudo de caso sobre a transição de jovens da universidade ao mercado laboral. *Derecho y Cambio Social*.

Pitacho, L.A.; Palma, P.J., & Correia, P.M. (2019). Construção e estudo psicométrico do Questionário de Orientação para o Trabalho (QOT). *Análise Psicológica*, 37(3), 391-403. <https://dx.doi.org/10.14417/ap.1502>.

Prandi, R. (1982). Os favoritos degradados; ensino superior e profissões de nível universitário no Brasil hoje. São Paulo, Ed.Loyola, 135

Ogushi, M.M.P. & Bardagi, M.P. (2015). Reflexões sobre a relação estudante-universidade a partir de uma experiência de atendimento em orientação profissional. *Extensio UFSC: revista eletrônica de extensão*, 12 (19), 33-50.

Ostrovski, C.S.; Sousa, C.M.de; & Raitz, T.R. (2017). Expectativas com a carreira docente: escolha e inserção profissional de estudantes de Pedagogia. *Revista brasileira de estudo em pedagogia*. 98(248).

Peretta, A.A.C.S.; Oliveira, I.W.M; & Lima, L.M. (2019). Roda de conversa sobre evasão: a psicologia escolar no ensino superior. *Psicologia Escolar e Educacional*. 23(1).

Pires, D.E. (2009). Divisão social do trabalho. *Dicionário da Educação Profissional em Saúde Fundação Oswaldo Cruz*.

Pochmann, M.(2019). Tendências estruturais do mundo do trabalho no Brasil. *Ciência coletiva*, 25(1) Rio de Janeiro Jan. 2020 Epub.

Raitz, T.R. & Baldissera, F.B. (2012). Trajetória acadêmica e laboral de jovens universitários: os sentidos do trabalho e da educação. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, 17(2), 99-114

Reis, M. (2015). Uma Análise da Transição dos Jovens Para o Primeiro Emprego no Brasil. *Revista Brasileira de Economia*, 69 (1), 125-143.

<https://doi.org/10.5935/0034-7140.20150006>.

Ribeiro, M.A. (2013). Sistematização das principais narrativas produzidas sobre carreira na literatura especializada. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14 (2), 177-189.

Rodrigues, G.S. (2018). Percepção de estudantes de uma universidade do sul do país sobre sexting. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, Brasil

- Rogowska, A.M., Kuśnierz, C. & Bokszczanin, A. (2020). EXAMINING Anxiety, Life Satisfaction, General Health, Stress and Coping Styles During COVID-19 Pandemic in Polish Sample of University Students. *Journals Psychology Research and Behavior Management*, 13, 797—811
- Santos, A.A.A., Mognon, J. F., Lima, T.H. & Cunha, N.B. (2011). A relação entre vida acadêmica e a motivação para aprender em universitários. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 15(2), 283- 290.
- Santos, E.F dos; Diogo, M.F & Shucman, L.V. (2014) Entre o não lugar e o protagonismo: articulações teóricas entre trabalho, gênero e raça. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 17 (1), 17-32.
- Santos, M.S; Costa, J.S; Silva, R; Silva, G.M & Menezes, A.F (2019). Sintomas de depressão em estudantes universitários. 2º Congresso internacional de enfermagem - CIE/13º Jornada de Enfermagem da Unit (JEU)
- Santos, S. A. dos, & Freitas, M. S. (2020). Sistema de cotas e fraudes em uma Universidade Federal Brasileira. *REVES - Revista Relações Sociais*, 3(3), 0001-0023.
<https://doi.org/10.18540/revesv13iss3pp0001-0023>
- Schmidt, B., Palazzi, A., & Piccinini, C.A. (2020). Entrevistas online: Potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *REFACS*, 8(4), 960-966. DOI: 10.18554/refacs.v8i4.4877
- Silva, M.M (2004). O trabalho para os jovens diplomados no novo modelo de acumulação capitalista. *Perspectiva*, 22(2), 405-424.
- Silva, E.P, Todoró, A.P. & Reis, A.C. (2020). O sofrimento do universitário e suas relações com a dinâmica da Universidade. *Farol revista de estudos organizacionais e sociedade*. 7 (18), 37-75.
- Silva, M.A., Luppi, C.G. & Veras, M.A.S.M. (2020). Trabalho e saúde na população transexual: fatores associados à inserção no mercado de trabalho no estado de São Paulo, Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*. 25(5), 1723-1734.
- Soares, D.H.P. (2002). Orientação Profissional: do jovem ao adulto. São Paulo: Summus
- Sousa, E. & Gonçalves, C. (2016). Satisfação com a formação superior e transição para o trabalho. *Revista de Psicologia*, 25(1), 1-20.
- Souza, M.B.C.A. & Rodrigues, D.S (2021). Trabalho, saúde e direito formalização do trabalho precário e pandemia do novo coronavírus. *Revista Direitos, Trabalho e Política Social*, 7(12), 177-205.
- Teixeira, M.A.P. & Gomes, W.B. (2004). Estou me formando... E agora? Reflexões e Perspectivas de jovens formandos universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5 (1), 47 – 62.
- Tessaro, D. & Schmidt, B. (2017). Escolha Profissional: Teoria e Intervenções Sistêmicas Voltadas ao Adolescente e à Família. *Pensando Famílias*, 21 (1), 92-104.
- Tickle-Degnen, L. & Rosenthal, R. (1990). The Nature of Rapport and Its Nonverbal Correlates. *Psychological Inquiry*. 1 (4): 285–293.
- Vargas, H.M. (2010). Sem perder a majestade: “Profissões Imperiais” no Brasil. *Estudos de Sociologia*, 15 (28), 107-124.
- Vargas, H.M. & Paula, M.F.C. (2012). A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. *Revista de avaliação da educação superior*, 18(2), 459-485.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 201-218.
- Vygotsky, L. S. (2007). O pensamento e a Palavra. In: Vigotsky, Lev S. Obras escolhidas. Tradução de Miguel Serras Pereira. (p. 313-373). Lisboa: Relógio D’Água Editores.

(Originalmente publicado em 1934).

Vigotski, L. S.(2000). A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Quadro de artigos selecionados a partir da Revisão Bibliográfica

Descritor: Formandos

Título	Autores	Ano	Área
Expectativas com a carreira docente: escolha e inserção profissional de estudantes de Pedagogia	Crizieli Silveira OstrovskiI, Cintia Metzner de Sousa, Tânia Regina Raitz	2017	Educação
Âncoras e valores sob diferentes perspectivas da gestão de carreira	Rodrigo Cunha da Silva Leonardo Nelmi Trevisan Pontificia Elza Fátima Rosa Veloso Joel Souza Dutra	2016	Economia e Administração
Career Profiles of Generation Y and Their Potential Influencers	Cordeiro, Helena Talita Dante ; Albuquerque, Lindolfo Galvão de	2017	Administração

Descritor: Universitários

Título	Autores	Ano	Área
Roda de conversa sobre evasão: a psicologia escolar no ensino superior	Anabela Almeida Costa e Santos Peretta1; Ítalo Weiner Martins de Oliveira1; Luana Mundin de Lima	2019	Psicologia
Expectativas e adaptação acadêmica em estudantes universitários	Porto, Ana Maria Da Silva ; Soares, Adriana Benevides	2017	Psicologia

Adaptação Acadêmica e Coping em Estudantes Universitários	Carlotto, Rodrigo Carvalho ; Teixeira, Marco Antônio Pereira ; Dias, Ana Cristina Garcia	2015	Psicologia
Escala de adaptabilidade de carreira: evidências de validade em universitários brasileiros	Audibert, Alyane ; Teixeira, Marco Antônio Pereira	2015	Orientação Profissional
Estágio não obrigatório: um estudo com universitários do curso de administração	Ribeiro Polzin, Fernanda ; Bernardim, Márcio Luiz	2018	Administração
Percepções de Estudantes Universitários sobre a Realização de Atividades Extracurriculares na Graduação	Oliveira, Clarissa Tochetto de ; Santos, Anelise Schaurich Dos ; Dias, Ana Cristina Garcia	2016	Psicologia
Orientação para o emprego e renda – Necessidades dos estudantes universitários brasileiros	Do Nascimento Mascarenhas, Suely Aparecida	2015	Psicologia
Em busca de emprego: a transição de universitários e egressos para o mundo do trabalho	Virginia Teles Carneiro ; Sonia Maria Rocha Sampaio	2016	Educação

Perfil dos usuários do LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional da UFSC: mudanças observadas nos últimos anos	Mariana Danielli Bonadiman ; Luisa Almeida Scaff ; Marucia Patta Bardagi ; Iúri Novaes Luna	2016	Orientação Profissional
Relações entre adaptabilidade de carreira e vivências acadêmicas no ensino superior	Ambiel, Rodolfo A. M ; Hernández, Débora N ; Martins, Gustavo H	2016	Psicologia
Reflexões sobre a relação estudante-universidad e a partir de uma experiência de atendimento em orientação profissional	Milena Mayuri Pellegrino Ogushi ; Marucia Patta Bardagi	2015	Orientação Profissional
Habilidades sociais em universitários com diferentes experiências de preparação para o trabalho	Zutião, P. ; Da Costa, C.S.L. ; Lessa, T.C.R.	2018	Educação
Sentido do trabalho e orientação para o trabalho: um estudo em universidades públicas de Minas Gerais e do Quebec	Ana Alice Vilas Boas ; Estelle M. Morin	2015	Administração

Descritor: transição mercado de trabalho

Título	Autores	Ano	Área
Tendências estruturais do mundo do trabalho no Brasil	Marcio Pochmann	2019	Economia

Transições no mercado de trabalho brasileiro e os efeitos imediatos da crise econômica dos anos 2010	Carlos Eduardo Gomes, Renata Lemos Lima, Marina Silva da Cunha e Marcos Roberto Vasconcelos	2019	Economia
Transitando entre universidade e trabalho: trajetórias desiguais e políticas afirmativas	Nadya Araujo Guimarães Ana Carolina Andrada Monise Fernandes Picanço	2019	Educação
Ensino Superior E empregabilidade: Percepções De Estudantes E Graduados, Empregadores E Acadêmicos	António Fragoso Sandra T. Valadas Liliana Paulos	2019	Educação
O Mercado De Trabalho: Uma Perspectiva De Longa Duração	Alexandre de Freitas Barbosa	2016	Educação
Desemprego E Qualificação Da Mão De Obra No Brasil	João Paulo Faria de Araújo Mariangela Furlan Antigo	2016	Economia
Uma Análise da Transição dos Jovens Para o Primeiro Emprego no Brasil	Mauricio Reis	2015	Economia

Satisfação com a Formação Superior e Transição para o Trabalho	Sousa, Elisabete ; Gonçalves, Carlos	2016	Psicologia
Produção acadêmica sobre a desocupação em jovens recém-graduados : análise fenomenológico-existencial	Nunes De Oliveira, Malu ; Guedes Bezerra Catão, Cíntia ; Dutra, Elza Maria Do Socorro	2018	Psicologia
Planejamento profissional: percepção de formandos em final da graduação	Michele Gaboardi Lucas ; Viviane Celita Crescela	2020	Psicologia

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista com participantes

Objetivo específicos	Questões
Dados de identificação	Idade: Gênero que se identifica: Raça:
Conhecer o percurso universitário dos formandos	Qual seu curso de formação? Como foi a escolha por esta universidade? E como foi a escolha pelo curso? Conte como foi o seu ingresso na universidade e no curso? O que lhe chamou atenção neste curso? Descreva os momentos mais marcantes de sua formação (até o momento)? O que você pensa sobre o processo de cursar o ensino de graduação? E o que pensa sobre o curso que está finalizando? Você relaciona as vivências acadêmicas com as possibilidades de atuação no trabalho? Como estão relacionados à universidade e trabalho? Você realizou estágio(s)? Onde? Como foi(ram) essa(s) experiência(s)? Como você descreve ser universitário?
Investigar as práticas de finalização do curso	E como você descreve ser formando? Como você se sente quanto a proximidade com o final da graduação? Como esta sendo a finalização do curso para você?
Investigar prováveis impactos da pandemia nestes processos	Como é ser universitário/formando no contexto de pandemia? Quais os efeitos que a pandemia tem tido sobre estas vivências?

Investigar as práticas de acesso ao mercado de trabalho	<p>Além do estágio, você já esteve inserido no mercado de trabalho?</p> <p>Quando e como foi esta inserção no mercado de trabalho? (idade, primeiro trabalho, contexto desses trabalhos, processos seletivos realizados e vínculos de trabalho).</p> <p>Podes fazer uma síntese do que é o trabalho para você?</p> <p>Quais as expectativas sobre inserção no mercado de trabalho?</p>
Investigar as expectativas dos formandos quanto ao apoio universitário na transição universidade-mercado de trabalho.	<p>Como descreve o papel da universidade na preparação para a saída da universidade?</p> <p>E na transição para o mercado de trabalho?</p> <p>Sente que a universidade auxilia na transição universidade-mercado de trabalho?</p> <p>Sente falta de alguma coisa nesta transição universidade-mercado de trabalho?</p> <p>Como é estar em período de transição entre universidade-mercado de trabalho?</p> <p>E quais são as expectativas para depois de formado?</p> <p>Pretende dar continuidade na área de formação?</p> <p>Quais sentimentos você tem em relação à inserção profissional, logo após a formatura?</p>
Finalização	<p>Tem alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria de acrescentar?</p>



Universidade Federal do Rio Grande
Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Nível Mestrado



APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Olá, provável formando dos cursos de graduação da FURG!

Você está sendo convidada/o a participar da pesquisa intitulada “Sentidos atribuídos à transição da universidade para o mercado de trabalho por formandos sob a perspectiva da Orientação Profissional” que trata de um projeto de dissertação de mestrado vinculado ao Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPG Psicologia/ FURG) realizado pela discente Graziela Silva Rodrigues e orientado pela Prof^{ra}. Dr^a. Geruza Tavares D’Avila.

Para participar da pesquisa é necessário que você esteja regularmente matriculado (a) em algum curso de graduação da FURG e ter idade igual ou maior do que 18 anos, com estimativa de de formar-se em 2020- 2021 em seu primeiro curso de graduação e ter interesse em participar das entrevistas de forma online. E demonstrar estar de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O objetivo é compreender os sentidos atribuídos pelos formandos à transição universidade - mercado de trabalho. A pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande.

Sua participação é voluntária através de uma entrevista que ocorrerá através de ferramentas online, devido às orientações de distanciamento social em decorrência da pandemia do COVID-19. Esta entrevista levará em torno de 1 hora e será realizada a gravação em áudio para facilitar a realização da transcrição, se assim você permitir. A sua participação é anônima e sigilosa. Você não receberá nenhuma recompensa e não terá nenhuma despesa com a sua participação. Você deve ler as informações abaixo e, se você não entender ou tiver mais alguma dúvida, pode entrar em contato pelo e-mail da pesquisadora que será informado no fim deste texto.

A sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer dado ou elemento

que possa, de qualquer forma, te identificar serão preservados sendo omitidas todas as informações que permitam identificá-la/o e será utilizado um nome fictício. As pesquisadoras se responsabilizam pela guarda e confidencialidade dos dados pelo período de cinco anos, bem como a não exposição dos seus dados de identificação.

O projeto tem risco mínimo para com seus sujeitos de pesquisa. Porém, relatar sobre percurso universitário e expectativas para o período de recém formado pode fazer emergir emoções de desconforto, como ansiedade, insegurança. Para aqueles sujeitos que surja a demanda será oferecida garantia de assistência imediata integral e gratuita em saúde.

Sua participação irá contribuir para a compreensão dos fenômenos e demandas que emergem na finalização do curso e transição para o mercado de trabalho. Possibilitando a argumentação da necessidade da implementação de um projeto de extensão que auxilie os universitários nesse percurso.

A devolutiva do resultado acontecerá através da defesa de dissertação, publicação de artigos, apresentação em eventos e para os sujeitos da pesquisa e aqueles que demonstraram interesse mas não satisfaziam os critérios de participação, serão convidados para uma roda de conversa para apresentação dos resultados e discussão sobre a temática.

Quaisquer dúvidas ou considerações relativas à pesquisa poderão ser elucidadas pela pesquisadora coordenadora através dos contatos da pesquisadora e/ou orientadora:

Contatos

Pesquisador(a): Graziela Silva Rodrigues

E-mail para contato: grazielaasr@gmail.com

Orientador(a) da pesquisa: Geruza Tavares D'Avila

E-mail para contato: geruzadavila@furg.br

Ou com o Comitê de Ética da FURG pelo telefone (53) 32374652 ou pelo link <http://www.cepas.furg.br/index.php/web-links> na aba de contato. O CEP/FURG é um comitê responsável pela análise e aprovação ética de todas as pesquisas desenvolvidas com seres humanos, assegurando o respeito pela identidade, integridade, dignidade, prática da solidariedade e justiça social.

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo. E que minha participação contribuirá para a construção desta pesquisa. Com isso, eu manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou pagar, por minha participação. E que minha identidade não será

reconhecida. Dessa forma, não me sentindo prejudicado em colaborar com a pesquisa.

☐ Concordo com os termos acima expostos e aceito participar do levantamento.

☐ Não concordo com os termos acima expostos, logo não irei participar do levantamento.

ANEXO**Anexo 1 - Parecer de aprovação CEP/FURG**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Sentidos atribuídos à transição da universidade para o mercado de trabalho por formandos sob a perspectiva da Orientação Profissional

Pesquisador: Geruza Tavares D Avila

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 38881020.0.0000.5324

Instituição Proponente: Instituto de Ciências Humanas e da Informação- ICHI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.450.539

Apresentação do Projeto:

Este projeto disserta sobre o fenômeno de transição da universidade para o mercado de trabalho a partir dos sentidos que estudantes, considerados prováveis formandos, atribuem a este processo. A abordagem teórica para a compreensão do processo de construção de sentidos aqui utilizada é a partir da Psicologia Sócio-histórica em que sujeito e realidade apresentam-se como indissociáveis. A transição Educação – Trabalho é um processo de passagem de ciclos, espaços. E a forma como ocorre influência na inserção deste sujeito no mercado de trabalho. Torna-se interessante que as universidades ofereçam espaços direcionados para essa demanda, uma possibilidade é a Orientação Profissional. Que é uma forma de atender as necessidades dos estudantes através de programas e serviços destinados para isso o que corrobora para a eficácia do processo educacional e as demais dimensões da vivência universitária. Logo como contribuição desta pesquisa pretende-se a fundamentação para construção de um projeto que abarque a demanda da temática para que se implemente como projeto de extensão desenvolvido dentro da universidade de forma permanente para seus estudantes.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

Compreender os sentidos atribuídos pelos formandos à transição universidade - mercado de trabalho.

Endereço: Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS, Rio Grande, RS, Brasil.
Bairro: Campus Carreiros **CEP:** 96.203-900
UF: RS **Município:** RIO GRANDE
Telefone: (53)3237-3013 **E-mail:** cep@furg.br



Continuação do Parecer: 4.450.539

Objetivos específicos

- Conhecer o percurso universitário dos formandos;
- Investigar as práticas de finalização do curso;
- Investigar as práticas de acesso ao mercado de trabalho;
- Investigar as expectativas dos formandos quanto ao apoio universitário na transição universidade- mercado de trabalho.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Risco

O projeto tem risco mínimo para com seus sujeitos de pesquisa. Porém, relatar sobre percurso universitário e expectativas para o período de recém formado pode fazer emergir emoções de desconforto, como ansiedade, insegurança, por exemplo. Caso surjam esses episódios a mestranda prestará assistência integral e gratuita, sob a forma de acolhimento psicológico em sua prática clínica.

Benefícios

Os sujeitos participantes participarão de um espaço que poderão expor sentidos que atribuem sobre seu momento de graduação, contribuindo para a compreensão dos fenômenos e demandas que emergem na finalização do curso e transição para o mercado de trabalho. Possibilitando a argumentação da necessidade da implementação de um projeto de extensão que auxilie os universitários nesse percurso.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esse é um estudo de caráter acadêmico, realizado para a obtenção do título de mestre em psicologia vinculado ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da FURG realizado pela discente Graziela Silva Rodrigues e orientado pela Profª. Drª. Geruza Tavares D'Avila.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) foi apresentado.

Endereço: Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS, Rio Grande, RS, Brasil.
Bairro: Campus Carreiros **CEP:** 96.203-900
UF: RS **Município:** RIO GRANDE
Telefone: (53)3237-3013 **E-mail:** cep@furg.br



Continuação do Parecer: 4.450.539

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Norma Operacional CNS nº 001/13, item XI.2.d. O modelo encontra-se disponível no site do CEP-FURG (<https://prosp.furg.br/pt/comites/cep-furg>) e o seu prazo final é 10/10/2021.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1638816.pdf	25/11/2020 18:35:31		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEGraziela.pdf	25/11/2020 18:34:48	Geruza Tavares D Avila	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPPGpsiGrazielaCEPNov2020.pdf	25/11/2020 18:34:41	Geruza Tavares D Avila	Aceito
Outros	CartaRespostaCEP2versaoRevisadaGeruza.pdf	25/11/2020 18:32:45	Geruza Tavares D Avila	Aceito
Outros	CartaRespostaCEPGraziela26out2020.pdf	26/10/2020 11:45:58	Geruza Tavares D Avila	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEGrazielaRodrigues26out2020.pdf	26/10/2020 11:45:23	Geruza Tavares D Avila	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPPGpsiGraziela26out2020.pdf	26/10/2020 11:45:09	Geruza Tavares D Avila	Aceito
Cronograma	GrazielaRodriguesCronograma.pdf	30/09/2020 20:53:15	Geruza Tavares D Avila	Aceito
Orçamento	OrçamentoGraziela30set2020.pdf	30/09/2020 20:52:49	Geruza Tavares D Avila	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRostoGrazielaRodrigues30set2020.pdf	30/09/2020 20:37:22	Geruza Tavares D Avila	Aceito

Endereço: Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS, Rio Grande, RS, Brasil.

Bairro: Campus Carreiros

CEP: 96.203-900

UF: RS

Município: RIO GRANDE

Telefone: (53)3237-3013

E-mail: cep@furg.br



Continuação do Parecer: 4.450.539

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO GRANDE, 09 de Dezembro de 2020

Assinado por:
Camila Daiane Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Itália, km 8, segundo andar do prédio das PRÓ-REITORIAS, Rio Grande, RS, Brasil.
Bairro: Campus Carreiros **CEP:** 96.203-900
UF: RS **Município:** RIO GRANDE
Telefone: (53)3237-3013 **E-mail:** cep@furg.br